



**Cairo de Souza Barbosa**

**Ensaio soterrados:**  
os escritos latino-americanistas de Antonio Candido

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio

Orientadora: Profa. Maria Elisa Noronha de Sá  
Coorientadora: Profa. Beatriz de Moraes Vieira

Rio de Janeiro, 03 de maio de 2019



**Cairo de Souza Barbosa**

**Ensaaios soterrados:**  
os escritos latino-americanistas de Antonio Candido

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>a</sup> Maria Elisa Noronha de Sá**  
Orientadora  
Departamento de História - PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup> Beatriz de Moraes Vieira**  
Coorientadora  
Departamento de História – UERJ

**Prof. Henrique Estrada Rodrigues**  
Departamento de História – PUC-Rio

**Prof. Sérgio Alcides Pereira do Amaral**  
Faculdade de Letras - UFMG

Rio de Janeiro, 03 de maio de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

## **Cairo de Souza Barbosa**

Graduado em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Tem experiência nas áreas de Teoria da História, História Intelectual e História da América Latina, atuando especialmente nos seguintes temas: modernidade, tradição, ensaio, crítica e temporalidade.

### **Ficha Catalográfica**

Barbosa, Cairo de Souza

Ensaaios soterrados : os escritos latino-americanistas de Antonio Candido / Cairo de Souza Barbosa ; orientadora: Maria Elisa Noronha de Sá ; co-orientadora: Beatriz de Moraes Vieira. – 2019.

129 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Antonio Candido. 4. América Latina. 5. Ensaio. 6. Modernidade. 7. Literatura. I. Sá, Maria Elisa Noronha de. II. Vieira, Beatriz de Moraes. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. IV. Título.

CDD:900

Para o mestre Antonio Candido:  
simplicidade, generosidade e crítica radical.

Para Bruna Maciel:  
“quando a gira girou  
ninguém suportou  
só você ficou  
não me abandonou”

## Agradecimentos

No árduo percurso para realizar este trabalho, em meio à dissolução dos mínimos valores democráticos e civilizacionais brasileiros nos últimos anos, pude contar com o suporte, a generosidade e o apoio de diversas pessoas. Aproveito este espaço, portanto, para agradecer:

À minha orientadora, Maria Elisa Noronha de Sá, pelos momentos que compartilhamos nestes dois anos. Agradeço por ter apostado na viabilidade da pesquisa; por toda sua generosidade, sabedoria, atenção, paciência, afeto e pelos conselhos que me deu. Sem isso tudo, dificilmente teria sido possível realizar este trabalho.

À minha coorientadora, Beatriz de Moraes Vieira, que me acompanha desde os idos da graduação e que permaneceu ao meu lado nesta importante trajetória acadêmica. Sou grato por termos criado laços afetivos e pessoais que extrapolam a aparente frieza da vida universitária e nos fazem amigos.

Aos professores da banca de qualificação, Pedro Duarte e Adriane Vidal, por todos os comentários, críticas, sugestões e indicações que desanuviaram o caminho e fizeram do último do ano de mestrado algo menos assombroso e nebuloso. Aos professores Henrique Estrada Rodrigues e Sérgio Alcides, pela disponibilidade de participarem da defesa da dissertação.

À professora Célia Pedrosa, que me cedeu um exemplar de uma obra fundamental para esta pesquisa. A Vinicius Dantas, que gentilmente enviou-me uma cópia *fac-símile* de um ensaio praticamente desconhecido do professor Candido. À professora Anita Martins de Moraes, pela leitura do projeto e pelas importantes indicações. À professora Ieda Magri, com quem pude expandir as possibilidades desta pesquisa, alterando o rumo da dissertação. Ao professor Javier Uriarte, pelos incentivos iniciais. A Thiago Nicodemo, que me indicou veredas que levaram a importantes descobertas documentais.

Aos mestres Henrique Gaio, Ábner Sotenos, Daniel Pinha e Gessica Gaio, pelas parcerias, pelos conselhos e pelos ensinamentos. Aos amigos, interlocutores e críticos cotidianos, Pedro Demenech, Renan Siqueira e Gabriel Mello, agradeço a amizade e, sobretudo, a disponibilidade de serem ouvido e escuta, mas também verbo e crítica.

Aos amigos que carrego no coração há mais de uma década: Paulo Cesar Galvão, Patrick Gonçalves, Sérgio Duarte, Leandro Cardoso e Beatriz Prechet, pela irmandade, pelos laços e vínculos afetivos.

Aos amigos da UERJ, Yan Fonseca, Filipe Penteado, Vinicius Scoralick, Jefferson Augusto, Wallace Borges e Alessandro Leccas, os “Issiadas”, agradeço as risadas e alegrias diárias. A Orlando, Guto e João, obrigado pelo encontro de alma e pela presença afetiva constante.

Aos professores do Departamento de História da PUC-Rio, pelos ensinamentos e pelo suporte: Marcelo Jasmin, Antonio Edmilson, Regiane Mattos e, em especial, Ricardo Benzaquen (*in memoriam*), figura intelectual que mobilizou meus desejos de “atravessar o Rebouças” e realizar o mestrado na PUC-Rio. Aos funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, Claudio, Anair, Igor e Edna, muito obrigado por tudo: paciência, atenção, suporte e respaldo.

Aos colegas com os quais dividi a jornada da pós-graduação em aulas, congressos, eventos e encontros diversos: Clarissa Mattos, João Gabriel, Juliana Sabatinelli, Maria Albuquerque, Julia Toledo, Mauro Franco Neto e Ali Aiuba.

Aos meus queridos alunos, com os quais aprendo cotidianamente a reordenar mundos e afetos. Sem vocês eu seria muito mais pobre de espírito e muito menos sonhador. Obrigado pelo carinho e pelas trocas que tivemos dentro e fora do espaço da sala de aula, que na prática é onde se tecem mundos. Agradeço também aos professores e às professoras com quem divido a árdua rotina do chão da fábrica da educação brasileira.

Aos meus avós de coração, Orlando e Maria, e à minha segunda família, Andreia, Mário, Gustavo e Lully, por todo o afeto, carinho e amor que recebi ao longo dos últimos nove anos.

À minha família, meu pai Edinho, minha mãe Claudia, meu irmão Victor e meu padrasto Edson, agradeço por tudo. O amor, o zelo e a presença, ainda que silenciosa, me trouxeram aqui e me formaram como pessoa. Devo tudo a vocês.

À Bruna, meu convívio diário, por ressignificar minha vida e por me fazer sonhar. Agradeço o amor, o afeto e a presença. Você é um sopro de luz neste mundo sombrio.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), pelo auxílio à pesquisa documental. Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

## Resumo

Barbosa, Cairo de Souza; Noronha de Sá, Maria Elisa. **Ensaaios soterrados: os escritos latino-americanistas de Antonio Candido**. Rio de Janeiro, 2019. 139p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação busca apresentar uma possibilidade de ampliação dos estudos sobre a fortuna intelectual de Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017). Partiremos de alguns *ensaaios soterrados* (1966-1982) – relativamente esquecidos - que versam sobre a cultura latino-americana, a partir dos quais é possível perceber certo esforço intelectual, por parte do autor, de interlocução com o cenário que extrapola as fronteiras nacionais a partir dos anos 1960, alavancando a criação de redes, congressos, publicações, encontros, seminários e leituras coletivas de caráter continental. Esse interesse latino-americanista leva o crítico a produzir um conjunto de textos de interpretação que procuram dar sentido à produção literária do continente, aproximando o Brasil dos países “hispano hablantes”. O argumento desenhado por ele é que a produção estética, na América Latina, viveu sempre em função de um “sentimento de contrários”: uma dialética entre o mundo dos valores urbanos, com certa abertura à forma/linguagem dita universal, e uma reafirmação do caráter regionalista, que perpetua o material local. Para ele, no contexto pós 1950 desenha-se na América Latina uma produção de “maturidade”, chamada de super-regionalista, que é capaz de equilibrar esta aparente oposição entre nacional e cosmopolita, produzindo uma literatura mais reflexiva e consciente do caráter dependente das culturas periféricas. Diante disso, nossa hipótese é que este ensaísmo, uma opção estético-política de abertura à dinâmica da circulação intelectual e à leitura dos sentidos da formação continental, levou Candido a formular uma interpretação dialética da própria dinâmica do processo de modernização que atravessou o espaço da América Latina ao longo dos séculos XIX e XX.

## Palavras-chave

Antonio Candido; América Latina; ensaio; modernidade; literatura



## Abstract

Barbosa, Cairo de Souza; Noronha de Sá, Maria Elisa (Advisor). **Buried essays: Antonio Candido's Latin Americanist writings**. Rio de Janeiro, 2019. 139p. MSc. Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation intends to expand the studies on the intellectual production of Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017). We will start from a few "buried" essays on Latin American culture (1966-1982), which have been relatively neglected by academics, where it is possible to perceive an intellectual effort made by Candido to dialogue with scenes that went beyond national boundaries during the 1960s. This meant the creation of networks, congresses, publications, meetings, seminars and collective readings of continental character. This Latin American interest made the critic to produce a set of texts which aimed to be interpretative of Latin America, and to give meaning to the literary production of the continent, bringing Brazil closer to the "Spanish speaking" countries. His point was that aesthetic production in Latin America has always been a function of a "feeling of opposites": a dialectic between the world of urban values, with a certain openness to the universal form / language, and a reaffirmation of the regionalist character, which perpetuates local material. For him, in the post-1950 context, a production of "maturity", called super-regionalist, was ready in Latin America and able to balance this apparent opposition between national and cosmopolitan, as well as to produce a more reflexive and conscious literature concerning the dependent character of peripheral cultures. Thus, our hypothesis is that these Candido's essays show an aesthetic-political option of opening to the dynamics of intellectual circulation and reading the meanings of continental formation, and allowed him to formulate an dialectic interpretation of the very dynamics of the processes of modernization that have crossed the space of America throughout the 19th and 20th centuries..

## Keywords

Antonio Candido; Latin American; essay; modernity; literature

# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>12</b>
<b>1. América Latina em transe</b>	<b>27</b>
1.1 O alvorecer em Montevideu	27
1.2 Conversa cortada e o encontro de Gênova	32
1.3 <i>Iberoamerica e Argumento</i> : laços em violência	40
1.4 Congressos, encontros e vínculos intelectuais	49
1.5 Por uma história da literatura desde a periferia	58
1.6 A amizade e deslocamento: o olhar latino-americanista	62
<b>2. Antonio Candido e o ensaísmo latino-americanista</b>	<b>65</b>
2.1 Ensaio: política, estética e circulação intelectual	65
2.2 Sentimento de contrários e dois gumes	70
2.3 Persistência da dialética	83
2.4 Fábula e fantasia: o Brasil no novo romance latino-americano	100
2.5 Por uma teoria literária <i>da América Latina</i>	110
<b>3. Considerações finais</b>	<b>117</b>
<b>4. Referências bibliográficas</b>	<b>129</b>

“Compreendi quase imediatamente; ‘o jardim de veredas que se bifurcam’ era o romance caótico, a frase ‘vários futuros (não a todos)’ me sugeriu a imagem da bifurcação no tempo, não no espaço. A releitura geral da obra confirmou essa teoria. Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma e elimina as demais; na do quase inextricável Ts’ui Pên, opta, simultaneamente, por todas. Cria, assim, diversos futuros, diversos tempos, que também proliferam e se bifurcam.”

Jorge Luis Borges, “O jardim de veredas que se bifurcam”

*Demônio:*

Licença para entrar vos peço...

*Providência:*

Quem é?

*Demônio:*

O rei do Ocidente.

*Providência:*

Já sei quem és, maldito.

Entra!

*Demônio:*

Ó tribunal bendito,

Providência eternamente!

Para onde envias tu Colombo

para renovar os meus danos?

Não sabes que há muitos anos

Sou dono desses lugares?

Lope de Vega

## Introdução

A ideia deste trabalho é apresentar uma possibilidade de ampliação dos estudos sobre a fortuna intelectual de Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017). Tomaremos por base alguns de seus textos sobre a cultura latino-americana, a partir dos quais é possível perceber um esforço intelectual de aproximação com o cenário que extrapola as fronteiras brasileiras. O desenho disso se dá especialmente a partir dos anos 1960, momento em que estreita seus laços com o uruguaio Ángel Rama, alavancando a criação de redes, congressos, publicações, encontros, seminários e leituras coletivas transnacionais. Esse interesse latino-americanista leva o crítico brasileiro à formulação de interpretações ensaísticas sobre o movimento geral da literatura do continente. Diante disso, temos duas hipóteses: a opção pela forma ensaio atende, de um lado, às dinâmicas da própria escrita, aos protocolos específicos que conformam um texto aberto e errático; de outro, serve também como aporte específico à circulação das ideias em um espaço, a América Latina, em que a crítica literária universitária ainda esboçava seu percurso rumo à institucionalização. Nossa segunda hipótese é que, a partir destes escritos, é possível entender os aspectos que circundam as dinâmicas da modernização latino-americana ao longo dos séculos XIX e XX. Em outros termos, a consolidação do conceito de “super-regionalismo” amalgamado nos ensaios aqui abordados permite entender o que há de específico na historicidade latino-americana, com seu caráter pós-colonial e de formação tardia.

No primeiro capítulo, a ideia é remontar parte da trajetória que levou o crítico brasileiro a expandir seu horizonte intelectual. Não somente o encontro montevidiano com Rama, mas também as constantes viagens e trocas que ajudaram a consolidar o desejo por um projeto político e intelectual de dimensões continentais. No segundo capítulo, discutiremos os ensaios que são o objeto central desta pesquisa: *Literatura de dois gumes* (1966), *Literatura e subdesenvolvimento* (1970), *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* (1973), *Os brasileiros e a literatura latino-americana* (1981) e *Literatura e história na América Latina* (1982). Neles há a ambição de entender a relação entre o mundo social e a criação estética no cenário latino-americano, em um esforço de aproximação da produção brasileira com o que era feito no restante do continente. A emergência destes ensaios atende à nova dinâmica de interlocução com a qual

Candido passa a se envolver, modificando seu horizonte conceitual, crítico e intelectual.

## Necrológio e brasilianismo

No ano de 2018, se vivo fosse, Antonio Candido de Mello e Souza completaria 100 anos. Nascido no Rio de Janeiro, em 1918, passou boa parte de sua vida no sudeste do país, sobretudo entre Minas Gerais e São Paulo. Formado em meio às “tradições da sociologia paulista<sup>1</sup>”, é autor de duas importantes teses defendidas na Universidade de São Paulo (USP): primeiro, em 1945, por conta de um concurso, escreveu *Introdução ao método crítico de Silvio Romero*, que lhe garantiu o título de livre-docente; depois, em 1954, *Os parceiros do Rio Bonito* um estudo antropológico sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Reconhecido como um importante intelectual brasileiro, exerceu a atividade de crítico literário no espaço público, em jornais e revistas, além de ter sido professor universitário, no que contribuiu para a formação da própria USP, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade de Campinas (UNICAMP).

Quando de sua morte, em maio de 2017, esta pesquisa dava seus primeiros passos. Com a ampla repercussão pública, jornais, revistas, redes de TV e rádios noticiaram o falecimento de um dos últimos “intérpretes do Brasil” formado na geração modernista dos anos 1920. Em artigo de análise no Jornal Folha de São Paulo, o colunista Manuel da Costa Pinto escreveu:

Não é exagero dizer que ‘Formação da Literatura Brasileira’ encerra o ciclo de grandes ensaios de interpretação do Brasil empreendido por Gilberto Freyre (‘Casa Grande & Senzala’, 1933), Sérgio Buarque de Holanda (‘Raízes do Brasil’, 1936), Caio Prado Jr. (‘Formação do Brasil Contemporâneo’, 1942) e Celso Furtado (‘Formação Econômica do Brasil’, 1959)<sup>2</sup>.

A referência ao livro mais ousado de Candido, *Formação da literatura brasileira*<sup>3</sup>, serve para aproximá-lo de nomes incontornáveis do pensamento brasileiro, aos quais poderíamos acrescentar também Raymundo Faoro, autor de *Os*

<sup>1</sup> Cf. JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1940-1965). *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 19, p. 115-130, 2007.

<sup>2</sup> PINTO, Manoel da Costa. Antonio Candido foi o último dos grandes intérpretes do Brasil. *Folha de São Paulo*, maio/2017. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/05/1883381-antonio-candido-foi-o-ultimo-dos-grandes-interpretes-do-brasil.shtml>. Acesso em 26/12/2018.

<sup>3</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 2 volumes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

*Donos do Poder - Formação do Patronato Político Brasileiro*<sup>4</sup>, de 1958. Em comum entre eles o fato de serem autores de textos ensaísticos que, ao longo do século XX, buscaram, na produção de sínteses explicativas, explicações complexas para a realidade política, social, econômica e cultural do país. Na já clássica assertiva de Candido: são obras cravejadas de certo “radicalismo intelectual”, que apresentaram à posteridade formas específicas de análise da sociedade<sup>5</sup>. Como crítico literário de vulto, formador de gerações de estudiosos das letras, esta definição se adequa também a ele próprio: não só por sua obra magna, mas também pelo conjunto de sua produção ao longo dos anos.

Também no “calor do momento”, Sérgio Alcides produziu um dos mais impactantes escritos de ocasião: *O Brasil no meio do caminho*, publicado na revista *Quatro Cinco Um*<sup>6</sup>. Nele há a constatação de que, após a partida do crítico brasileiro, despertou-se uma sensação de perda coletiva nacional. A crise política e econômica que se desenhava à época, que pouco depois levou à deposição da presidente eleita, Dilma Rousseff, teria agravado, no campo progressista, a sensação de desorientação. O meio do caminho do Brasil era o próprio Brasil, ou seja, sua “incompletude”, sua irresolução e sua dificuldade de lidar com valores democráticos, éticos e civilizacionais. Em alguma medida, o texto responde a esta questão: Candido, se não é um dos últimos intérpretes, foi um dos últimos a fortalecer uma arte de interpretar a realidade que rodeia e excita a produção dos intelectuais em contextos periféricos.

O avançar para alguns estudos considerados clássicos indica a mesma direção. Figuras como Roberto Schwarz, Haroldo de Campos, Paulo Arantes, Luiz Costa Lima e Abel Barros Baptista, por exemplo, travaram intensos debates, diálogos e interlocuções a fim de produzir e ampliar algumas possibilidades de leituras sobre a obra de Candido. Dos sentidos da formação à noção de crítica dialética; do sequestro do barroco à leitura sobre a canonização cristalizadora da história literária; da condição de mestre na periferia do capitalismo ao fardo da dependência, todos os citados acima, em suas respectivas interpretações, atendendo às disputas em torno da polissemia dos conceitos, restringiram a obra candidiana a

<sup>4</sup> FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1958.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

<sup>6</sup> ALCIDES, Sérgio. O Brasil no meio do caminho. *Quatro Cinco Um*, São Paulo, 2017, p. 12-13.

um conjunto de estudos – tidos sempre como densos e profundos, vale ressaltar - das coisas nacionais, especialmente da literatura produzida no espaço brasileiro.

Se não é possível falar dessa posição como um falseamento do que é de fato a obra do crítico brasileiro, podemos apontar os limites e desdobramentos destas análises. Aliás, no contexto da morte do crítico literário, uma questão importante veio à tona: quais são as fronteiras de sua obra, isto é, qual terreno material e intelectual ele procurou circundar ao construir suas interpretações? Trata-se, é claro, de uma pergunta retórica. Medir sua produção é tarefa inglória, mas o que de fato a indagação pretende ensinar é uma reflexão sobre as insuficiências que conformam a abordagem da história da crítica literária brasileira quando o assunto é Antonio Candido de Mello e Souza. Nesse sentido, esta pesquisa pretende encontrar uma senda em meio ao excesso de visões e apreciações de seus escritos.

O objetivo é trabalhar a partir daquilo que temos chamado de ensaios soterrados: escritos que acabaram sendo colocados à margem, que foram pouco tratados, considerados secundários ou que simplesmente foram esquecidos. Diante de tudo o que Candido produziu, mas também do que não se falou sobre a obra dele, é possível perceber uma dimensão importante de seu pensamento crítico: o interesse pela América Latina. Não trataremos de um conjunto de ideias sistematizadas, reunidas em livros ou longos artigos. Antes, partiremos, à moda de um paradigma indiciário<sup>7</sup>, justamente de fragmentos e de pequenos textos, que, salvo engano, parecem carregar importantes discussões teóricas, formulações conceituais e diagnósticos que sugerem caminhos e horizontes de pesquisa no campo da história intelectual latino-americana.

## A América Latina como projeto

Em artigo intitulado *Trilhos que se bifurcam: formação e inserção entre Candido e Rama*<sup>8</sup>, Eduardo Mejía Toro, a partir de questionamentos de Silviano

<sup>7</sup> Não se trata de buscar no método ginzburgiano propriamente dito a fonte da abordagem deste trabalho, mas sim de enxergá-lo como uma possibilidade de tratar, de forma heurística, algumas pistas, indícios e fragmentos de discursos como componentes importantes desta precária formulação latino-americanista de Antonio Candido. Para melhor análise de tal paradigma, cf. GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

<sup>8</sup> MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. Trilhos que se bifurcam: Formação e inserção entre Antonio Candido e Angel Rama. *Remate de Males*, Unicamp, v. 36, 2016, p. 75.

Santiago, propõe que a historiografia literária brasileira supere o paradigma da formação – *a literatura como construção da nação* – e se direcione ao paradigma da inserção, ou seja, que volte sua preocupação para a relação do sistema literário brasileiro com o contexto universal<sup>9</sup>. Segundo o autor, trata-se inclusive de uma revisão de sua própria hipótese de pesquisa defendida em dissertação de mestrado no ano de 2014<sup>10</sup>, na qual apostou no argumento de que tais paradigmas (formação e inserção) eram complementares e permitiam enxergar os críticos brasileiro e uruguaio como figuras com produções de pensamentos coetâneos.

Interessa-nos, no referido artigo, a reiteração de uma hipótese corrente na história da crítica: a de que a América Latina, como um projeto, foi irrelevante na trajetória de Candido. Vejamos,

É notório que uma linha de estudos críticos sobre a literatura da América Latina tem considerável apreço pela figura de Antonio Candido. De fato, esse autor formulou alguns textos críticos – poucos, se pensarmos em sua escrita tão prolífica – sobre esse continente e sua literatura. Contudo, o interesse de alguns críticos da América Hispânica pelos conceitos de Candido não demonstra que a “América Latina”, como um projeto, tenha sido relevante na trajetória do crítico brasileiro. Candido escreveu pouco sobre esse tema e seus poucos escritos podem ser considerados até tardios se pensados em relação às dinâmicas ideológicas de seus contemporâneos.<sup>11</sup>

A primeira afirmação carrega uma questão evidente: de fato, diante da numerosidade de sua produção, Candido dispensou menos tempo à produção de textos que versassem sobre a literatura latino-americana. Contudo, cabe aqui um esforço de historicização da trajetória profissional e intelectual do crítico brasileiro, especialmente no que diz respeito à sua atuação como figura central na institucionalização da teoria e da crítica literárias no espaço universitário, algo que parece ter sido sua prioridade. Conforme diz Rodrigo Ramassote,

É somente num momento preciso de sua carreira profissional, no final da década de cinquenta, quando Candido desliga-se do corpo docente da FFLC-USP transferindo-se para o campus da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, no interior do estado, a fim de lecionar literatura brasileira e, em seguida, retorna à instituição de origem para assumir em 1961 a implementação do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada, que ele encontra o suporte institucional necessário para desenvolver trabalhos e pesquisas científicas no campo das letras, envolvendo-se em nível acadêmico com os principais estudos contemporâneos da crítica brasileira<sup>12</sup>.

<sup>9</sup> Ibid., p. 66.

<sup>10</sup> MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

<sup>11</sup> MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Trilhos que se bifurcam*, p. 75.

<sup>12</sup> RAMASSOTE, Rodrigo Martins. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica acadêmica (1961- 1978)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2006, p. 07.



Trata-se de uma inserção acadêmica relativamente tardia, se comparada ao período de sua formação universitária. Seu ingresso na USP foi em 1939, ainda na indecisão entre cursar Direito ou Ciências Sociais. Ao optar pelo segundo curso, concluiu a graduação em 1942, ano em que se tornou assistente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências (FFLC/USP), atuando junto de seu mestre, o professor Fernando de Azevedo (1894-1974), na cadeira de Sociologia II. Em 1945, decidido a migrar para o campo dos estudos literários, presta, na mesma Universidade, concurso para a cadeira de literatura brasileira. Como a tarefa prioritária da seleção era escrever uma tese, que lhe daria o título de livre-docente, produziu um trabalho sobre o intelectual sergipano Silvio Romero. Não tendo sido aprovado, opta por produzir um trabalho de vigor e folego no campo da Sociologia, o que lhe possibilitaria prestar concursos na área. Foi esta motivação que o levou a produzir *Os parceiros do Rio Bonito*<sup>13</sup>, trabalho atravessado pelas discussões da antropologia e da crítica cultural. Foi somente entre 1958 e 1960 que conseguiu de fato lecionar na cadeira que desejava: como professor de literatura brasileira, atuou na Faculdade de Filosofia de Assis, em São Paulo, de onde saiu apenas para regressar à USP, em 1962, como professor responsável pela montagem do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC).

Não se trata, aqui, de apagar a condição econômica e a origem social de Candido, que lhe permitiu esta “peregrinação”. Antes, o ponto é perceber como desde o período de sua formação até a estabilidade de seu posto na estrutura universitária, no início dos anos 1960, a preocupação primeira do crítico era com a alocação profissional em um espaço que lhe permitisse construir uma estrutura acadêmica de vigor no campo dos estudos literários, fomentando pesquisas não somente sobre a produção estética brasileira, mas também que colocassem em debate as próprias bases teóricas do campo. Em outras palavras, seu distanciamento em relação às discussões latino-americanas pode ser não somente uma opção consciente e direcionada de gosto político, mas também uma incapacidade de fazer coexistir a atuação na formação de um campo de estudos e a participação e interlocução nos debates produzidos para além do território brasileiro, especialmente com os intelectuais espalhados ao redor do continente.

---

<sup>13</sup> CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11ª Edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2010.

A parte mais problemática da assertiva de Mejía Toro, contudo, é a negação da importância do projeto latino-americanista na obra de Candido, ainda que ele declare a contribuição do crítico brasileiro à tradição dos estudos literários do continente por conta tanto do “peso crítico de seus conceitos quanto por seu papel como agente cultural, ao possibilitar o encontro de críticos hispano-americanos com o campo literário brasileiro<sup>14</sup>”. De certo modo, o momento em que Mejía Toro produziu seu texto pode funcionar como um fator agravante para que se ofuscassem esta componente importante da trajetória intelectual de Candido. Porém, a publicação relativamente recente da troca de cartas com Ángel Rama<sup>15</sup>, da qual trataremos com mais afinco no primeiro capítulo desta dissertação, mostra justamente o contrário. Conforme o próprio título do livro organizado por Pablo Rocca indica, havia, nas correspondências, os traçados e contornos de “um proyecto latino-americano”. Nelas se evidenciam as tentativas de construção de redes intelectuais capazes de potencializar os intercâmbios entre os países do continente, que vai originar publicações em revistas (*Marcha; Revista Iberoamericana de Literatura; Escritura; Argumento*), além de organizações e participações em congressos (São Paulo, Montevideu, Venezuela, Gênova, Ottawa). No bojo disso, Candido também vai se ligar ativamente a dois empreendimentos intelectuais de projeção continental: a criação da *Biblioteca Ayacucho* e a participação, como jurado e membro do corpo consultivo, do prêmio cubano *Casa de Las Américas*.

Somam-se a isso tudo os próprios ensaios escritos por ele entre as décadas de 1960 e 1980, que abordaremos de forma detalhada no segundo capítulo deste trabalho. Estes textos apresentam, segundo nossa hipótese, algumas respostas extremamente densas e importantes a este contexto de mudança política, social e cultural que atravessou a história latino-americana na segunda metade do século XX. Em suma, conforme disse o próprio Candido, em 1984, acerca das relações políticas e intelectuais entre Brasil e América Hispânica nesta época,

Trata-se de um fenômeno bastante recente, devido, em parte, ao famoso boom da ficção hispano-americana. Em certo momento, os leitores brasileiros começaram a ler, de muito bom grado, mais romancistas da América Espanhola do que europeus. Mas eu vejo essas relações, sobretudo, como uma consequência do advento das recentes ditaduras militares. A primeira surgiu no Brasil, em 1964; pode-se dizer que o Brasil deu o mau exemplo à América Latina, instaurando uma ditadura reacionária

<sup>14</sup> MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Trilhos que se bifurcam*, p. 76.

<sup>15</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*. Edición, prólogo y notas de Pablo Rocca. Montevideu: Estuario Editora, 2016.

e repressiva, que levou ao êxodo de intelectuais, como você sabe. Sociólogos, filósofos e economistas tiveram de ir viver no Uruguai, na Argentina, no Chile, Peru e México. Isso coincidiu com a ascensão da literatura hispano-americana, o início de uma reflexão sociológica e econômica em toda a América Latina, e também com a grande esperança da luta armada, encarnada principalmente por Cuba. Esse intenso redemoinho colocou intelectuais em contato: foi o aspecto positivo desse enorme fenômeno negativo do exílio, da fuga, da perseguição. [...] E gostaria de acrescentar que um papel muito importante foi desempenhado não somente pelos países que acolheram os intelectuais perseguidos – Chile e México, notadamente – mas também por Cuba. Isolada, banida pela Organização dos Estados Americanos, Cuba teve de abrir buracos para conseguir respirar, e um desses buracos foi feito justamente na área da cultura. Cuba deu seu sangue para promover congressos, prêmios literários, competições esportivas; o prêmio e a revista Casa de las Americas foram um ponto de encontro muito importante para os intelectuais. E eis onde queria chegar: produziu-se um fenômeno totalmente novo. Até os anos 1960, os grandes mediadores culturais entre os latino-americanos eram os países “metropolitanos”, os países imperialistas: Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Inglaterra. A primeira vez que encontrei reunido um número significativo de intelectuais latino-americanos foi em Gênova, por volta de 1965, e eu havia conhecido muitos em Paris, nos Estados Unidos, pois eram os europeus e os americanos que organizavam os congressos, como o Instituto da América Latina em Paris, dirigido por meu professor Pierre Monbeig. Mas, a partir dos anos 1960, graças ao governo de Allende, ao dos militares progressistas do Peru, graças ao governo mexicano, sempre aberto aos exilados, e, sobretudo, graças a Cuba, nossas relações se tornaram diretas. Creio, então, que nós não precisamos mais da mediação norte-americana nem da europeia<sup>16</sup>.

## A ideia de unidade latino-americana

Florencia Garramuño e Adriana Amante, em artigo intitulado *Partir de Candido*<sup>17</sup>, realizam um esforço de perceber como Candido, em alguns de seus textos de análise da literatura brasileira, construiu aparatos teórico-conceituais importantes para que outros intelectuais pudessem analisar a cultura latino-americana – que, inclusive, teria sido uma tópica esquecida no conjunto de sua obra. Em outros termos, as autoras defendem que há um saber sobre a América Latina disseminado nos “textos brasileiros”

Su mejor propuesta sobre la literatura latinoamericana, podríamos proponer, está en sus textos brasileños, en aquellos en los que analiza el Brasil, su literatura y su cultura, y donde – deliberadamente o no – se olvida de Latinoamérica<sup>18</sup>.

A hipótese carrega um argumento que, se visto do prisma da história intelectual latino-americana, pode render frutos. Trata-se de olhar a cultura do continente a partir do referencial teórico elaborado na própria América Latina, ou

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. Entrevista a Jorge Coli. Tradução de Maria Angélica Berghini Morales. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v.10, n.32, jun.-set. 2018 [1984], p. 176.

<sup>17</sup> GARRAMUÑO, Florencia & AMANTE, Adriana. Partir de Candido. In: *Antonio Candido y los estudios latino americanos*. (org.: Raúl Antelo). Pittsburgh: Serie Críticas, 2001.

<sup>18</sup> Ibid., p. 95.

seja, no caso do estudo de literatura, lançar um olhar sobre a produção estética a partir dos aportes desta crítica literária de caráter periférico. Indo além: segundo Garramuño e Amante, partir destes “textos brasileiros” de Candido pode ser uma abertura à possibilidade de pensar não mais a relação entre o Brasil e a literatura portuguesa, “sino sus congéneres latinoamericanas. Donde Candido olvida Latinoamérica al pensar el Brasil puede rastrearse una manera de pensar el Brasil en Latinoamérica<sup>19</sup>.”

A despeito de se reconhecer a proficuidade deste esforço de ver a o impacto do referencial candidiano no contexto latino-americano - que amiúde foi realizado por diversos intelectuais do continente ao menos desde a segunda metade do século XX, como o próprio Ángel Rama, por exemplo – nosso objetivo aqui é encarar a obra de Candido por outro prisma. Pretendemos mergulhar em seus ensaios que discutem, de forma bastante ampla, a literatura produzida na América Latina, ressaltando a densidade, a amplitude analítica e as interlocuções que se encontram nestes textos, isto é, abordando-os, sob a ótica da História Intelectual, como artefatos que condensam debates não somente brasileiros, mas também continentais, fruto das circulações internacionais de ideias, pensamentos e agendas de pesquisa no contexto dos anos 1960 e 1980. Conforme definição de Jorge Myers,

a história intelectual consiste em uma exploração da produção doutra realizada pelas elites letradas do passado, enfocada a partir de uma perspectiva que considera a própria condição de inteligibilidade histórica dessa produção como derivada de sua reinserção (por parte do pesquisador) em um contexto social e cultural – simbólico e material – historicamente específico que, na maioria dos casos, será o contemporâneo dessa produção. Cabe esclarecer que entendo por “produção doutra” um universo de produção que não se limita ao campo da escrita, nem das disciplinas acadêmicas, mas que também abarca todas aquelas formas de expressão humana que utilizam linguagens que não costumam ser evocadas pelo termo “escrita”: desde as artes plásticas, incluindo a arquitetura, até a música culta e popular, passando pelas matemáticas e suas aplicações; mesmo as artes cênicas e cinematográficas apareceriam abarcadas por essa formulação. O termo “doutra” refere-se à necessidade de uma linguagem elaborada, complexa, que remeta a uma tradição, mas não só a uma linguagem expressa por signos alfabéticos ou caracteres pictográficos<sup>20</sup>.

Assim, diferente de Garramuño e Amante, que enxergam que é exatamente este “olvido de Antonio Candido por la literatura de América Latina lo que le permita a la crítica cultural descubrir en él a uno de los pensadores más originales

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: Sá, Maria Elisa Noronha de. *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 24.

sobre la condición latinoamericana<sup>21</sup>”, nossa intenção, antes, é relativizar este “esquecimento” e apontar a potência crítica destes ensaios “latino-americanistas”. Decorre disso a interpretação de que Candido, imerso em alguns dos debates continentais da época, apresenta-se como uma das figuras mais importantes do cenário intelectual não só brasileiro, mas também da própria América Latina; não só por sua capacidade de influenciar leituras e interpretações, mas por seu papel central na articulações de redes, contatos, trocas e intercâmbios transnacionais. Discutiremos estas questões no primeiro capítulo desta dissertação.

### A tendência do “comparatismo com a metrópole”

É importante salientar que há também um conjunto de leituras que mencionam, mesmo que de forma passageira, esta relação direta entre Antonio Candido e América Latina. Gonzalo Aguilar, em *Ángel Rama e Antonio Candido: salidas del modernismo*<sup>22</sup>, enxerga uma guinada na obra do crítico brasileiro a partir do início da década de 1970, sobretudo com a publicação de *Sous-développement et Littérature en Amérique Latine* (1970)<sup>23</sup>, a aproximação com Cuba e a criação da revista *Argumento*. Mais à frente, isso se intensificaria com a publicação de diversos outros ensaios, sobretudo *O papel do Brasil na nova narrativa*<sup>24</sup>.

Para Aguilar, Candido, ao menos até a década de 1960, pensava o Brasil sempre em relação à Europa. Neste ponto, “continuaba la tendencia cultural brasileña, que se remonta al siglo XVIII, de armar *corpus* con las literaturas metropolitanas y plantear la diferencia nacional en relación con éstas<sup>25</sup>.” É justamente a partir de *Literatura e subdesenvolvimento* que o crítico brasileiro teria lançado um olhar acurado para o restante da América (a parte “hispanica”). Em

<sup>21</sup> GARRAMUÑO, Florencia & AMANTE, Adriana. *Partir de Candido*, p. 114.

<sup>22</sup> AGUILAR, Gonzalo. *Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo*. In: *Antonio Candido y los estudios latino americanos*. (org.: Raúl Antelo). Pittsburgh: Serie Críticas, 2001, p. 75-76.

<sup>23</sup> O texto apareceu primeiro em tradução francesa de Claude Fell, na revista *Cahiers d’Histoire Mondiale*, Unesco, XII, 4, 1970. Depois aparece, em português, na revista *Argumento*. CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. *Revista Argumento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 1, p. 6-24, 1973. Neste trabalho, utilizaremos esta versão.

<sup>24</sup> Republicado depois em português com o título “Os brasileiros e a literatura latino-americana”, in *Novos Estudos Cebrap*, vol. I, nº 1. São Paulo: 1981. Curiosamente, quando entra na obra “A educação pela noite e outros ensaios”, retira-se a caracterização “latino-americana”. Cf. CANDIDO, Antonio. *A nova narrativa*. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Aqui, utilizaremos esta última versão.

<sup>25</sup> AGUILAR, Gonzalo. *Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo*, p. 76.

certo sentido, este texto representaria uma mudança de perspectiva fundamental, ao colocar o Brasil em outra constelação, deslocando a América Latina do eixo histórico-temporal das “literaturas centrais”. Segundo ele, também representaria o primeiro testemunho público do encontro entre o crítico brasileiro e Ángel Rama, que teria inclusive sugerido e proposto o título do ensaio<sup>26</sup>.

Em que pese não haver grandes discordâncias com relação a esta perspectiva, é preciso incrementá-la. Como veremos no primeiro capítulo, o interesse de Candido em escrever sobre a América Latina não se inicia pontualmente em “Literatura e subdesenvolvimento”, ainda que este seja seu ensaio mais acabado sobre o tema. É preciso recuar ao final dos anos 1950 e início da década de 1960 para perceber como um conjunto de acontecimentos vão fazer com o que o crítico brasileiro tome gosto por estudar, também, a cultura de todo o continente. Mais do que isso, arriscaremos a hipótese de que esse interesse latino-americanista já tem seu esboço com a confecção, em 1966, de um texto fundamental, *Literatura de dois gumes*<sup>27</sup>, no qual tece considerações sobre como a literatura de todo o continente se formou em um processo dialético: de um lado, como continuidade das produções da tradição metropolitanas; de outro, como luta interna por autonomia e originalidade. Do choque entre estas duas forças criativas emoldurou-se, segundo ele, o senso estético do escritor não apenas brasileiro, mas latino-americano ao longo dos séculos XIX e XX.

O que há de mais frutífero na análise de Aguilar é a leitura de que este “latino-americanismo” de Candido, que inauguraria uma “quarta fase de sua obra”, faz com que suas reflexões se tornem mais matizadas, sobretudo pela capacidade de enxergar, na América Latina, a coexistência de estruturas e temporalidades diversas, que se vinculam de modos diferentes tanto no meio social quanto no nível da elaboração estética, em alguns casos inclusive invertendo as hierarquias que sustentavam as ambivalências constitutivas da historicidade do continente, como a relação entre cosmopolitismo e regionalismo, por exemplo<sup>28</sup>. É nesta vereda que avançaremos no segundo capítulo deste trabalho.

<sup>26</sup> Ibid., p. 76.

<sup>27</sup> Lido em tradução inglesa de Celso Lafer na Universidade de Cornell, em março de 1966, posteriormente foi publicado nos EUA como “Literature and the Rise of Brazilian Self-Identity”. *Luso-Brazilian Review*, v1. Winsconsin: EUA, 1968. Em português, cf. CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 198.

<sup>28</sup> AGUILAR, Gonzalo. *Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo*, p. 75.

## A densidade dos ensaios e o objetivo latino-americano

Dentre todas as análises, duas parecem enunciar o que aqui defenderemos como uma de nossas hipóteses: a ideia de que há um vigor e uma densidade no ensaísmo de caráter latino-americanista de Antonio Candido. Em um texto praticamente esquecido, intitulado *Radicalismo e latino-americanismo*<sup>29</sup>, Augustín Martínez diz

Ao observar a extensa bibliografia de Antonio Candido, percebe-se que nela existem muito poucos trabalhos que declarem, já no próprio título, a explícita intenção de discutir assuntos latino-americanos, seja no caminho da crítica literária, seja no da crítica da cultura e da sociedade. Visto deste ângulo, podemos dizer que o conjunto de sua obra encontra-se marcado por sua quase rigorosa concentração nos assuntos da literatura e cultura brasileiras, dos quais se distancia somente em seus pontualíssimos esclarecimentos críticos sobre grandes obras da literatura europeia. [...] Essa situação seria problemática para estudar a projeção latino-americanista de sua obra apenas se nos colocássemos no ponto de vista do que poderíamos chamar “falácia da omissão”, segundo a qual só poderíamos avaliar o interesse das contribuições de um autor a um assunto determinado pelo número de vezes que determinado assunto é *explicitamente* invocado por ele<sup>30</sup>.

O interesse de Candido pelos assuntos latino-americanos, assim, não configuraria um capítulo à parte no conjunto de sua produção. Nesse sentido, *Literatura e subdesenvolvimento*, por exemplo, um estudo sobre “a formação da literatura moderna na América Latina, articulada às formas de sua autoconsciência como cultura autônoma<sup>31</sup>”, se aproximaria da tradição crítica continental que procura lançar um olhar entrecruzado para o campo da cultura, ressaltando a articulação entre o senso estético e a materialidade do mundo social.

Isto poderia ser reafirmado também a partir de *O papel do Brasil na nova narrativa*<sup>32</sup>, uma análise da produção do romance brasileiro a partir dos anos 1940 como expressão importante do processo latino-americano de modificação da consciência estética; de *Literatura de dois gumes*, cuja análise sobre a literatura brasileira do período colonial até o século XX carrega uma extrapolação do argumento em direção ao conjunto “hispano-americano” das nações do continente;

<sup>29</sup> MARTÍNEZ, Augustín. Radicalismo e latino-americanismo. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

<sup>30</sup> Ibid., p. 301. [Grifo meu]

<sup>31</sup> Ibid., p. 305.

<sup>32</sup> CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

e, por fim, de *Literatura e história (do ângulo brasileiro)*<sup>33</sup>, texto no qual se discute a possibilidade de abordar a literatura continental a partir de referenciais próprios da América Latina<sup>34</sup>.

Agustín Martínez aborda uma questão importante: a aproximação do crítico brasileiro com a tradição do pensamento brasileiro que procurou lançar um olhar para além da nação, preocupando-se com a América Latina: Eduardo Prado (*A ilusão americana*, 1893), Manoel Bonfim (*América Latina, males de origem*, 1905), Silvio Romero (*América Latina*, 1906), José Veríssimo (*Homens e cousas estrangeiras*, 1902-1905) e Oliveira Lima (*O pan-americanismo*, 1907). Estas obras, atravessadas por debates em torno de questões “latino-americanas”, representam importantes contribuições, no âmbito da história intelectual, à tarefa de aproximação entre a produção brasileira e o cenário hispano-americano<sup>35</sup>.

A relação de Candido com estes intelectuais se deu no esforço de continuação deste projeto crítico que pretendia olhar o continente a partir do cenário nacional, mas também no objetivo de reconstruir esta tradição “americanista” do pensamento brasileiro, algo formulado em um ensaio intitulado *Teóricos do americanismo*, que depois foi publicado com o título *Os brasileiros e a nossa América*<sup>36</sup>, que reúne justamente algumas reflexões de intelectuais brasileiros sobre a América Latina.

Esta articulação crítica de visada continental encontrou em *Significado de Raízes do Brasil*<sup>37</sup>, texto que Candido produziu para a abertura do livro de Sérgio Buarque de Hollanda, mais um de seus traços. Nele, o crítico brasileiro procura identificar no clássico buarqueano alguns procedimentos intelectuais próximos do que se encontrava expresso em obras do pensamento latino-americano – de Pedro Henríquez Ureña a José Mariátegui; de Alfonso Reyes a Domingo Sarmiento - que também refletiram sobre a realidade a partir da leitura dos contrastes existentes nas sociedades do continente. Nesse sentido, “Raízes do Brasil é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana<sup>38</sup>”. Essa reflexão candidiana, em alguma medida também

<sup>33</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e História na América Latina (do ângulo brasileiro)*. In: PIZARRO, Ana. *Hacia una historia de la literatura latino-americana*. Cidade do México, El Colegio de Mexico/Caracas, Universidad Simón Bolívar, 1987.

<sup>34</sup> MARTÍNEZ, Agustín. *Radicalismo e latino-americanismo*, p. 305.

<sup>36</sup> CANDIDO, Antonio. *Os brasileiros e a nossa América*. Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>37</sup> CANDIDO, Antonio. *O significado de Raízes do Brasil*, op. cit.

<sup>38</sup> MARTÍNEZ, Agustín. *Radicalismo e latino-americanismo*, p. 313.



solapada em nome da célebre e criticada definição da “tríade dos clássicos do pensamento brasileiro”, indica uma vez mais o sentido importante e referencial que a América Latina tomou na obra de Candido.

Se a reflexão de Agustín Martínez serve tanto à expansão do horizonte da obra do crítico brasileiro quanto à possibilidade de pensar estes ensaios de temática latino-americana como um conjunto de reflexões densas e profundas sobre o continente, é com Pablo Rocca que veremos, de fato, o esboço de uma leitura que associa a Candido à condição de intelectual articulador de uma série de projetos que colocavam a América Latina como centro difusor de uma potência cultural e política.

En alguns años Candido asumirá el objetivo latinoamericano. Para eso procurará hallar sus medios: crear revistas, editar libros, promover jornadas universitarias y congresos, formar bibliotecas. Cuando los mecanismos de este dispositivo estuvieran lo suficientemente aceitados pretenderá insertar la literatura hispanoamericana en Brasil, a la vez que los estudios brasileños en el marco de la otra América, lo cual es una paradójica forma de aceptar la continuidad de la fuerza nacional y de ponerle frenos<sup>39</sup>.

Em outro temos, o crítico passa a se embrenhar em um objetivo latino-americanista, a partir do qual vai impulsionar contatos, trocas, diálogos e pontes intelectuais, teóricas e historiográficas, tanto no sentido de impulsionar a produção estética brasileira para o continente, quanto na intenção de fazer adentrar, no Brasil, o que se escrevia no cenário hispano-americano. A robustez deste projeto pode ser verificada, por fim, na interlocução entre Candido e Rama. Vejamos

[...] tu artículo. Es realmente excelente y digo esto como si me elogiara a mí mismo. Me produce cierto asombro comprobar como caminamos por sendas paralelas, que creo se deben a perspectivas críticas similares. Enteramente de acuerdo con la tesis que te conduce progresivamente del cambio hacia el 30 del país nuevo al país subdesarrollado y a una valoración que rescata al regionalismo en una nueva perspectiva que tú llamas superregionalismo. Eso mismo es lo que bajo el título de “Los transculturadores de la narrativa” te proponía como uno de los temas del seminario en mi visita a São Paulo, de tal modo que es tu artículo el que puede servir de base al debate, sin que yo agregue demasiado. [...] Como para mí coincidir contigo es la corroboración de que no me equivoco, te imaginas la alegría que me produjo leerlo. Tenía razón yo cuando insistía en que debemos formar ese equipo latinoamericano, coherente y serio, de estudiosos, capaces de trabajar a la par de sociólogos y antropólogos, en la tarea de pensar a nuestra cultura y a nuestra América. Como a pesar de que tiene pocos años más que yo eres de algún modo el padre de todo esto, es a ti a quien correspondería poner en marcha ese equipo y con

<sup>39</sup> ROCCA, Pablo. Prólogo. In: CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 10.

una finalidad concreta e inmediata: reescribir la Historia de la Literatura Latinoamericana, eso que nunca se hizo y que estamos obligados a hacer nosotros<sup>40</sup>.

Em primeiro lugar, fica evidente o papel que Rama atribui a Candido na articulação de um projeto cuja função prioritária era reescrever, a partir de outros horizontes e referências, uma grande história da literatura latino-americana, o que veremos no primeiro capítulo deste trabalho a partir da troca de cartas entre eles. É possível pensar também outra questão que acabou sendo marginalizada: o quanto que a obra *Transculturação narrativa na América*<sup>41</sup> é devedora de *Literatura e subdesenvolvimento*<sup>42</sup>. Se as reflexões do crítico uruguaio se tornaram, ao longo dos anos, referencial incontornável para pensar o continente, então é necessário estabelecer as conexões, contatos e cruzamentos dos argumentos com a produção ensaística candidiana, que podem não somente reorientar o olhar lançado sobre sua obra, mas também ampliar possibilidades de enxergar a cultura do continente por outros prismas.

Pensar a menção explícita à América Latina como um fator definidor do quanto Antonio Candido se preocupou ou se interessou pelos debates continentais é, de antemão, reduzir a complexidade da obra do crítico brasileiro às leituras canônicas da história da crítica. Nesse enquadramento, dispensa-se uma dimensão subterrânea de sua vida político-intelectual, que foi importante tanto no âmbito da projeção de articulações transnacionais, quanto no incremento de perspectivas crítico-intelectuais que orbitam sua obra. Nossa pretensão, portanto, é rearticular estes ensaios e apontar como se conforma, de modo paulatino, seu interesse pela cultura latino-americana, que leva à articulação de redes e trocas intelectuais. Como desdobramento disso, veremos que se desenha um argumento “latino-americanista”, ancorado especialmente em reflexões ensaísticas produzidas especialmente entre os anos 1960 e 1980, a partir das quais é possível incrementar debates do campo da história intelectual, em especial as discussões voltadas às interpretações de uma especificidade da experiência temporal periférica de nações pós-coloniais.

<sup>40</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 23.

<sup>41</sup> RAMA, Ángel. *Transculturação narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982.

<sup>42</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. *Revista Argumento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 1, p. 6-24, 1973.

# 1

## América Latina em transe

Neste capítulo, pretendemos traçar um panorama das relações pessoais, políticas e intelectuais que Antonio Candido estabeleceu com a América Latina, em especial com algumas figuras do pensamento crítico, a partir de fins dos anos 1950. Para tanto, falaremos inicialmente do encontro com diversas personagens importantes em Montevidéu, no verão de 1960, em que pela primeira vez estabeleceu um diálogo mais aberto com intelectuais que se dedicavam aos estudos de história das ideias e de história da literatura do cenário platino. Nesse contexto, surge a amizade com Ángel Rama, iniciando uma troca de cartas que vai durar até 1983. Nelas encontram-se expressos os desejos de colocar a cultura latino-americana como questão central tanto da análise crítica quanto da possibilidade de projeção política a partir da ideia de unidade dos países do continente. Na vida intelectual do crítico brasileiro, resultam disso dois novos movimentos: em primeiro lugar, a participação ativa na articulação e construção de eventos, publicações, congressos, simpósios, seminários e cursos, que fazem com que amplie seu interesse pela produção dos países vizinhos; além disso, e de forma concomitante, se inicia um período em que suas ideias vão circular publicamente no espaço latino-americano de forma decisiva, servindo de aporte teórico às análises dos estudos literários. Nossa hipótese, assim, é que os ensaios de Candido que aqui estudaremos, que versam sobre o movimento geral da literatura latino-americana nos séculos XIX e XX, atendem às dinâmicas e demandas transnacionais de articulação de redes intelectuais cujo objetivo primordial é garantir o entrosamento dos países da América Latina, em meio a um contexto de disputas pelos projetos de modernização na periferia do capitalismo.

### 1.1

#### O alvorecer em Montevidéu

A relação de Antonio Candido com a América Latina é ainda pouco discutida. Salvo engano, ela começou de forma mais expressiva no verão de 1960, em uma viagem que foi fundamental em sua trajetória pessoal e intelectual. Neste ano, o crítico brasileiro esteve em Montevidéu, Uruguai, para ditar cursos de verão na *Universidad de La Republica (UDELAR)*. O convite veio quando da viagem de

Lourival Gomes Machado<sup>43</sup>, em 1959, que também esteve na capital uruguaia dando palestras e foi interpelado a fim de que indicasse nomes do Brasil para participar das atividades dos anos seguintes. De pronto, mencionou João Cruz Costa, professor de filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, e Candido, à época professor de literatura brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, hoje integrada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), já tendo passando pela condição de assistente de Fernando de Azevedo<sup>44</sup> na cadeira de Sociologia II também da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Convite aceito, o tema do evento era a “Unidade cultural da América Latina”, sobre o qual ele disse: “Eu não estava preparado, porque não tinha conhecimentos suficientes, mas senti que era a oportunidade de realizar o desejo de conhecer a cidade tão importante na vida de meu pai”<sup>45</sup>. A relação de Aristides Candido de Mello e Souza, seu pai, com o Uruguai passa sobretudo por dois momentos. No primeiro, em 1908, quando participou de uma missão estudantil enviada à cidade de Montevideu pelo Ministério das Relações Exteriores, oportunidade em que pode conhecer importantes personagens da literatura e da crítica da região platina, como Juan Zorrilla de San Martín, Carlos María Prando, Blanco Acevedo e César Miranda. E alguns anos depois, em 1934, quando o presidente uruguaio Gabriel Terra visitou Poços de Caldas, estação balneária do Estado de Minas Gerais, a fim de tratar-se especificamente com Aristides, à época um dos mais respeitados médicos especialistas em reumatologia<sup>46</sup>.

Essa relação familiar fez com que Candido aceitasse o convite. Em Montevideu, o curso apresentou discussões que orbitaram especialmente em torno do conceito de sistema literário, elaborado de forma acabada no seu livro mais

<sup>43</sup> Crítico e historiador da arte, professor, cientista político e jornalista. Formado em ciências sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e em direito também pela Universidade de São Paulo (USP). Em 1939, tornou-se assistente da cadeira de sociologia da FFLCH, sob responsabilidade do professor francês Paul Arbousse-Bastide, e professor de sociologia do Colégio Universitário. Em 1941, funda, com Antonio Candido (1918 - 2017), Gilda de Mello e Souza (1919 - 2005), Paulo Emilio Salles Gomes (1916 - 1977), Décio de Almeida Prado (1917 - 2000), dentre outros, a revista *Clima*, com a qual pretendiam renovar a crítica de arte, literatura, cinema e teatro no Brasil.

<sup>44</sup> Professor, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro, foi catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da USP.

<sup>45</sup> CANDIDO, Antonio. A experiência hispano-americana de Antonio Candido. Entrevista a Pablo Rocca. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 12, 2009, p. 19.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 19.

conhecido, *Formação da literatura brasileira* (1959)<sup>47</sup>, além de apresentar alguns debates sobre *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, até então pouco conhecido em território hispano-americano.

Puedo decir que el curso fue una experiencia más importante para mí de lo que pudo ser para los estudiantes, incluso porque la estancia en Montevideo me abrió posibilidades de conocer mejor la cultura uruguya, además de estimular mi interés por las literaturas hispanoamericanas. Eso, aparte de que, visitando librerías, tanto de libros nuevos como de usados, adquirí muchos volúmenes que me fueran de gran utilidad, como, por ejemplo, los de Alberto Zum Felde, importantes para la iniciación de un extranjero en la literatura uruguaya y para el estudio del proceso literario hispano-americano<sup>48</sup>.

Além de ampliar a visão sobre a literatura produzida ao largo do continente, a viagem ao sul da América possibilitou também alguns encontros importantes para o crítico brasileiro:

O professor Cruz Costa era amigo de Arturo Ardao, cuja família nos recebeu com encantadora cordialidade. Num jantar em casa de seus pais provei pela primeira vez um vinho uruguaio. Aprendi muito sobre a história de seu país com a irmã de Ardao, María Julia, e uma de suas colegas, cujo nome esqueci, ambas pesquisadoras da Casa de Rivera. Pude conversar com o diretor do Museu Histórico Nacional, Juan Pivel Devoto, com quem comentei o livro então recente de John Street, *Artigas and the emancipation of Uruguay*, que eu acabara de ler.

Além de revêr Cipriano Vitureira, fiz boas relações com diversos intelectuais, inclusive José Enrique Etcheverry e Tabaré Freire. Este me deu obras de Carlos Reyles e Javier de Viana. Montevideu tinha excelentes livrarias onde comprei não apenas muitos livros de autores uruguaio, como os de Alberto Zum Felde, que me foram muito úteis, mas também de brasileiros do passado, difíceis de encontrar aqui<sup>49</sup>.

Nessa viagem, o contato com esses intelectuais foi decisivo para a ampliação de interesses no pensamento crítico de Candido. Artur Ardao, por exemplo, era figura central no ambiente platino. Doutor em direito e ciências sociais pela *Universidad de La Republica (UDELAR)*, foi docente da cadeira de História das Ideias da América na então *Facultad de Humanidades y Ciencias* da mesma universidade entre 1949 e 1974. À época, ocupava-se intensamente da história uruguaia, estabelecendo relações importantes com diversos outros intelectuais de vulto, tais como o argentino Francisco Romero, o mexicano Leopoldo Zea e o espanhol José Gaos. Em torno de tais pessoas orbitava um movimento intelectual que pretendia consolidar o projeto de uma história das formas de pensamento do

<sup>47</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*.

<sup>48</sup> CANDIDO, Antonio. Discurso de aceptación del título de Doctor Honoris Causa de la Universidad de La Republica. In: *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*. p. 167-171.

<sup>49</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 21.

continente: a criação da *Revista de Historia de las Ideas*<sup>50</sup>, que buscava congregiar pesquisas, debates, análises, interpretações e discussões voltadas para o espaço latino-americano.

Não bastasse conhecer essas figuras importantes, é nessa viagem que Antonio Candido vai encontrar pessoalmente, pela primeira vez, Ángel Rama, à época diretor da página literária do semanário *Marcha*<sup>51</sup>, além de professor de ensino médio e chefe de aquisições da Biblioteca Nacional uruguaia. Segundo artigo recente de Hugo Herrera Pardo<sup>52</sup>, os dois já haviam se cruzado alguns anos antes, em 1958.

Un encuentro, eso sí, no presencial, sino que a nivel de sus firmas. Me refiero en específico a la página que ambos críticos compartieron en el periódico uruguayo *Acción*, el día domingo 11 de mayo de 1958. A la fecha, Ángel Rama oficiaba como crítico teatral del periódico fundado por Luis Batlle Berres –quien, por lo demás, llegaría a ser luego presidente de Uruguay, al igual que su hijo Jorge– labor que había asumido desde 1957, luego de su regreso a Montevideo tras un viaje de estudios por Europa. Sin embargo, aquel domingo de mayo de 1958, Ángel Rama no publicó una nota sobre teatro sino una reseña de un texto narrativo, en concreto sobre *Coronación*, la primera novela de José Donoso, nota que tituló “José Donoso. Una revelación chilena”. Justo debajo de aquella nota apareció un ensayo de Antonio Candido titulado “La novela brasileña contemporánea”<sup>53</sup>.

Este texto de Candido mencionado por Pardo havia sido publicado pela primeira vez em espanhol alguns meses antes, especificamente em fevereiro, na revista argentina *Ficción. Revista-Libro bimestral*<sup>54</sup>. Meses depois, em maio, além de ter saído nas páginas do periódico *Acción*, foi republicado no suplemento literário *El Nacional*, na Cidade do México<sup>55</sup>. Em resumo, esse trabalho apresentou uma leitura sobre o vigor do romance brasileiro no século XX, que teria como marco inicial o ano de 1930, período que segundo ele possibilitou a democratização

<sup>50</sup> Editada em Quito pelo Instituto Panamericano de Geografía e Historia e pelo Editorial Casa de la Cultura Ecuatoriana, foi publicada entre 1959 e 1960.

<sup>51</sup> Fundado em 1939 e editado até 1974, teve como diretor o jornalista Carlos Quijano.

<sup>52</sup> PARDO, Hugo Herrera. Antonio Candido y Ángel Rama, 1958. Addenda para una amistad intelectual. *Revista Chilena de Literatura*, nº 97, 2018, p. 63-86.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>54</sup> Conforme aponta Pardo, essa edição da revista é um importante índice acerca da tentativa de estreitar laços entre Brasil e América Hispânica. Na referida edição foram publicados uma antologia de contos da literatura brasileira (Mário de Andrade, João Alphonsus, Ribeiro Couto, Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Marques Rebelo e Machado de Assis). Além disso, havia uma série de notas introdutórias e panorâmicas sobre a cultura e o pensamento brasileiro, com contribuições de Gilberto Freyre, Hernan Lima, Decio de Almeida Prado, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Sérgio Buarque etc. Cf. PARDO, Hugo Herrera. *Antonio Candido y Ángel Rama, 1958*, p. 63-86.

<sup>55</sup> DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002, p. 101.

da cultura e assimilou a liberdade criadora proposta pelos modernistas de 1922. Essa fase se alargaria até o início dos anos 40. Já em 1945, inicia-se um período de menor originalidade, na qual se prologam algumas tendências anteriores, ao mesmo tempo em que emergem novas tendências criativas, dando início a uma nova onda criadora após 1955. Trata-se de um estudo sobre o movimento geral da literatura brasileira a partir da relação com os projetos políticos de modernização tocados ao longo do novecentos.

É possível dizer, com isso, que, nesse período de final dos anos 1950, Candido já circulava em um pedaço do espaço latino-americano, mais especificamente na Argentina, no México e no Uruguai. Não é possível afirmar, contudo, se era uma decisão deliberadamente convicta no afã de ver-se em contato com os países do continente ou se não passava de uma questão pontual, que se deu após receber convites esparsos dos editores de cada uma dessas publicações. Mesmo assim, é fundamental pensar que já nesse contexto suas análises não eram inteiramente desconhecidas, ainda que suas obras mais complexas e grandiosas, que haviam sido concluídas nesta mesma época, dificilmente passassem dos limites da nação brasileira. A questão é que *La novela brasileña contemporánea*<sup>56</sup> acabou por ocupar o lugar de ponte fundamental no percurso crítico de ampliação de seus estudos sobre a literatura latino-americana.

Certo é que, até 1960, Candido não era um ávido leitor de textos hispano-americanos. Conforme relato próprio, pela referida herança de seu pai, leu apenas algumas obras argentinas e uruguaias. Conhecia também a revista literária *Sur*, fundada em 1931 pela escritora Victoria Ocampo. Nos anos 1950, esse interesse aumentou a partir da descoberta do romance *Nostromo*, de Joseph Conrad, e da obra *Les démocraties de l'Amérique Latine*, de Francisco García Calderón, ambos voltados à temática latino-americana. Foi com a coleção *Tierra Firme*, do Fondo de Cultura Económica, e com a obra *Los Nuestrós*, de Luis Harss, que, segundo ele, se consolidou e solidificou de fato um interesse pelas outras nações do continente e especialmente pela “narrativa do boom”<sup>57</sup>.

<sup>56</sup> CANDIDO, Antonio. *La novela brasileña contemporánea*. *Acción*, s/p, 1958.

<sup>57</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 23. Em linhas gerais, o chamado “boom da literatura” foi um momento em que alguns romances latino-americanos, no período entre 1950 e 1970, foram amplamente divulgados na Europa, nos EUA e no resto do mundo. Cf. COSTA, Adriane Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. In: *Dimensões*, vol. 29, 2012, p. 133-164.

O encontro com Rama vai iniciar essa conexão mais direta e vai ampliar o horizonte dos debates e das temáticas de interesse de Candido. A partir disso, o crítico brasileiro descortinou um mundo pouco explorado em sua trajetória até então. A curiosidade pelo conhecimento pessoal que seu pai tinha do Uruguai o levou a estabelecer uma relação intelectual decisiva com outros países para além do Brasil. Do ponto de vista dos temas de interesse, essas novas relações vão passar a compor o mosaico de questões discutidas sob suas penas. A cultura e a literatura brasileiras aos poucos vão sendo pensadas, questionadas e abordadas dentro da constelação da América Latina. É na viagem, no deslocamento e nas trocas, portanto, que seu horizonte analítico se expande.

## 1.2

### Conversa cortada e o encontro de Gênova

Foi especialmente com Ángel Rama que Candido estabeleceu, no plano latino-americano, sua relação pessoal e intelectual mais duradoura e próxima a partir dos anos 1960. O epistolário dos dois críticos<sup>58</sup> mostra isso: além de um forte vínculo de amizade, diálogos, trocas, conversações, conexões e indicações de obras, debates e autores, montaram diversos projetos cujo objetivo primordial era entrosar os países latino-americanos. Planejaram eventos, seminários, cursos, congressos e núcleos de estudos, tudo isso a partir da ampliação das zonas de contato transnacionais, isto é, pontos não necessariamente físicos nem geográficos, mas que marcam encontros, no âmbito internacional, de discursos, objetos, práticas e perspectivas críticas e intelectuais<sup>59</sup>. Por isso, alguns nomes fundamentais envolvem-se nesta empreitada, tais como Sergio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, Octavio Paz, Leopoldo Zea, Beatriz Sarlo, Nestor Canclini, Rafael Gutiérrez Girardot, Roberto Schwarz e Gilda de Mello e Souza, dentre outros.

Ángel foi um dos homens de maior magnetismo pessoal que conheci. Tinha uma flama interior que envolvia e contagiava o interlocutor ou o ouvinte. Ele me convidou para colaborar em *Marcha* (o que não fiz) e passou a remetê-la regularmente quando voltei ao Brasil, além de mandar volumes de literatura uruguaia. Estabelecemos correspondência e não esqueço o que me disse na ocasião: que a tarefa maior dos intelectuais latino-americanos era trabalhar pelo intercâmbio

<sup>58</sup> É importante ressaltar que, para esta pesquisa, trabalhamos com base na compilação feita por Pablo Rocca, ou seja, a partir das cartas disponíveis e que foram publicadas tanto na edição uruguaia quanto na brasileira. CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*.

<sup>59</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun., 2013.



entre os nossos países, e ele pretendia dedicar-se a isso. Muitos anos depois informou que desenvolvera o interesse pela Literatura Brasileira devido ao nosso encontro em Montevideu.<sup>60</sup>

O primeiro grande bloco de cartas se inicia com uma missiva escrita pelo brasileiro em 26 de abril de 1960, em que ainda repercute a referida viagem ao Uruguai: “¿Cómo van los amigos? Envié mi libro, en dos volúmenes (con el debido reembolso) a usted, a [José Pedro] Díaz, a [José Enrique] Etcheverrey, y a Tabaré Freire. ¿Lo han recibido?”<sup>61</sup>. No afã de estreitar laços com importantes críticos, professores e escritores montevidéanos, o aceno de Candido representa o início de um interesse mais sistemático pela cultura latino-americana, em geral, e uruguaia, em específico, mas também o objetivo de fazer com que os platinos conheçam mais sobre o que se produz no Brasil, em especial sua própria obra, que aqui, naquele momento, já se ressoava no ambiente acadêmico e universitário, especialmente.

O retorno de Rama, datado de 10 de maio de 1960<sup>62</sup>, trata de diversas questões, dentre as quais uma chama mais a atenção: a qualidade dos correios, que aparentemente havia deixado de entregar uma carta a Candido. Paradoxalmente, o uruguaio reafirma que passou a ser assíduo leitor do suplemento literário do jornal Estado de São Paulo, a fim de iniciar-se no conhecimento das novidades da imprensa paulista do período. Em outras palavras, havia certa dificuldade de contato a partir de cartas particulares, mas a circulação de um jornal de grande vulto do cenário brasileiro, ao que tudo indica, funcionava dentro das condições normais. Essa mesma dificuldade, que gerou certa insatisfação, foi retomada pelo brasileiro em correspondência de 25 de maio de 1960<sup>63</sup>, na qual reafirma a preocupação com a entrega dos exemplares de *Formação da literatura brasileira* que havia enviado ao amigo, além de mencionar o fato de não ter recebido nada vindo do Uruguai, nem o que Rama postou nem os livros que havia comprado quando da viagem à região platina. De forma irônica, diz ele: “¿Estarán nuestros respectivos correos conspirando contra la literatura?”<sup>64</sup>. Adiante, menciona cartas - uma oficial e outra particular - que escreveu a José Pedro Díaz, que também receia não terem sido entregues devidamente. Porém, termina com tom otimista: “Esperando que todos

<sup>60</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 21-22

<sup>61</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 40.

<sup>62</sup> Ibid., p. 41.

<sup>63</sup> Ibid., p. 42

<sup>64</sup> Ibid., p. 42

los paquetes se encuentren, que lleguen todas las cartas y que usted me escriba pronto, aquí doy por terminada esta carta<sup>65</sup>”.

Essa dificuldade do gênero epistolar pode representar um limite à análise da circulação de ideias e sentimentos. O incômodo dos dois intelectuais com a questão do envio e da entrega das correspondências nos faz pensar no caráter inconcluso, incompleto e entrecortado do diálogo que tentaram estabelecer. É provável que muita coisa tenha se perdido no caminho, tornando a missiva um vasto campo de (im)possibilidades, inclusive aquelas postas nos silêncios e nos não ditos. Contudo, a importância atribuída ao diálogo apresentado nessa compilação requer que entendamos esta forma de escrita, antes de tudo, como opção de disposição individual pelo diálogo e pelo estreitar de laços, que implica necessariamente a figura do interlocutor como aquele capaz de se colocar na condição de leitor-escritor<sup>66</sup>. Em outros termos, a própria decisão de corresponder-se regularmente a partir de cartas pode ser tão importante quanto o próprio conteúdo contido nas missivas.

Diante disso, o hiato na correspondência no período entre 1962 e 1967, à primeira vista, pode indicar certo afastamento ou distanciamento entre os dois, ou seja, uma perda de vigor na relação que se iniciou alguns anos antes, que faria supor certa indisposição a esta condição de abertura à interlocução. Ainda que seja imprescindível falar do próprio cenário político brasileiro, que levou à consumação do golpe civil-militar de 1964 e inaugurou um período de intensa repressão ao pensamento crítico, algo que a princípio contribui fortemente para a obstrução do diálogos, veremos como, em carta de 16 de outubro de 1967, o silêncio de alguns anos é quebrado e faz vir à tona um capítulo importante da história desta relação:

A todo esto nada sé de Ud. desde que nos vimos en Europa, hace ya três años. Me dijeron (Darcy) que había vuelto a Brasil. Utilizado la vieja Caixa Postal de mi agenda para escribirle y me encomiendo a los dioses del Correo, tan inseguros y displicentes con los mortales. Déme noticias tuyas. Reciba un saludo cordial de su amigo uruguayo que bien recuerda y mucho le admira<sup>67</sup>.

No meio dos cinco anos de aparente silenciamento da conversação, ocorreu um importante encontro entre eles na cidade de Gênova, na Itália, por ocasião do

<sup>65</sup> Ibid., p. 42

<sup>66</sup> MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. *Discurso*. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 31, 2000, p. 329-345.

<sup>67</sup> CAN CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 45

*Congresso Terzo Mondo e Comunità Mondiale e Quinta Rassegna del Cinema LatinoAmericano: Testi delle relazioni presentate*, organizado em 1965 pelo Columbianum, entidade cultural criado pelo padre jesuíta Angelo Arpa<sup>68</sup>. O evento contou com a presença de importantes estudiosos, críticos e escritores de várias partes do mundo e inscrevia-se na perspectiva de construção de um pensamento “terceiro-mundista” autêntico e crítico, emancipatório e menos eurocêntrico, que desse voz às experiências pós-coloniais e à formação de saberes autônomos em cenários periféricos. Neste congresso, Candido apresentou a comunicação *Nature, éléments et trajectoire de la culture brésilienne*<sup>69</sup>.

Anos antes, em artigo intitulado *América Latina e Europa*<sup>70</sup>, publicado no Suplemente Literário da Folha de São Paulo em 11 de junho de 1960, Otto Maria Carpeaux apresentou visão distinta acerca da referida instituição, tida como promotora da aproximação entre os europeus e outros continentes. Ao abordar a realização, em 1958, na Itália, de uma mesa-redonda sobre o tema “Mondo latinoamericano e responsabilità dela cultura europea”, organizada pelo Columbianum, Carpeaux ressaltou o saldo positivo das relações literárias, econômicas e superestruturais entre América Latina e Europa. Seu argumento orbitava em torno da ideia de que não existia uma dominação direta do centro sobre a periferia, mas sim uma relação equilibrada, de equidade, inclusive no âmbito cultural<sup>71</sup>. A pergunta pelo que a condição latino-americana tem de especial ou diferente da europeia, uma interpelação política de caráter pós-colonial, para ele, era no fundo um engodo, isto é, uma forma acrítica e anti-histórica de discutir a questão da emancipação dos povos do então terceiro-mundo<sup>72</sup>.

<sup>68</sup> Nascido a 21 de março de 1909, na Itália, foi um crítico de cinema, escritor e produtor de filmes, além de membro da Companhia de Jesus da Igreja Católica.

<sup>69</sup> CANDIDO, Antonio. *Nature, éléments et trajectoire de la culture brésilienne*. In: *Columbianum. Terzo Mondo e Comunità Mondiale: Testi delle relazioni presentate e lette ai congressi di Genova*. Milão: Editore Marzoratti, 1967, p. 411-416

<sup>70</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *América Latina e Europa*. *Suplemento Literário (SP)*, ano quatro, nº 185, 11 de junho de 1960, p. 1.

<sup>71</sup> Ibid, p. 1.

<sup>72</sup> Conforme Eric Hobsbawm, a noção de terceiro-mundo ganha força no contexto pós 2ª Guerra Mundial com a emergência da Guerra Fria, que à época submetia diversas partes do mundo à polarização entre, de um lado, os países desenvolvidos capitalistas; e de outro, os países desenvolvidos socialistas. Ao não se enquadrar diretamente nesses espectros estanques, a América Latina, a Ásia e a África, sobretudo, formavam o “Terceiro Mundo”, isto é, nações que não pertenciam diretamente aos referidos blocos. Cf. HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mas a edição organizada pelo Columbianum em 1965, ao que parece, avançou neste debate, ancorando-se agora em uma leitura que aponta para a autonomia dos países de condição colonial. Em nota no jornal *Diário Carioca*, no dia 09 de janeiro de 1965, por exemplo, o texto *Latinos se reúnem na Itália*<sup>73</sup> ressalta a realização de um colóquio de escritores sobre a

‘Formação, Desenvolvimento, Originalidade e Vinculação da Cultura e da Arte Latino-Americana’, dele participando figuras como Jean Paul Sartre, Salvador Madariaga, Damaso Alonso, Roger Caillois, Jean Cassou, Roger Bastide, dentre os europeus, e Miguel Angel Asturias, Alejo Carpentier, Jorge Luis Borges, Ciro Alegria, Eduardo Mallea, Juan Rulfo, Jaime Torres Bodet, Gilberto Freyre, João Guimarães Rosa, Alceu de Amoroso Lima, Jorge Amado e Érico Veríssimo, dentre os latino-americanos<sup>74</sup>.

A temática em si, ao pensar questões que vão desde a formação até a originalidade da cultura latino-americana, indica o esforço do *Terzo Mondo* em se inserir como espaço de discussão da intelectualidade dos países cuja experiência colonial é uma marca de distinção, e a lista com nomes importantes mostra a magnitude e a potência do encontro. De críticos literários a escritores, de historiadores a antropólogos, o evento reuniu o que havia de mais expressivo no pensamento africano, latino-americano e, claro, europeu. Segundo a Coluna *Letreiro*, de Miriam Alencar, no Jornal do Brasil (RJ), de final de 1964, o evento seria dividido em duas seções: duas mesas-redondas, uma sobre o lançamento de uma revista trimestral e outra sobre a cultura negro-africana e suas expressões cinematográficas; e a *Resenha* propriamente dita, que abrigaria uma série de debates sobre o Cinema Novo Brasileiro, além de sediar a habitual mostra competitiva de filmes, da qual acabou saindo vencedora a produção brasileira *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos.

Ángel Rama escreveu de forma bastante detalhada sobre o evento. Em longo texto intitulado *Coloquio de Genova: dos tareas que valen um viaje*<sup>75</sup>, publicado em *Marcha*, em 26 de fevereiro de 1965, ou seja, logo após o evento, ressalta a pluralidade de perspectivas políticas e ideológicas presentes.

Alli estaban los cubanos, con su teórico marxista Juan Marinello y los representantes de dos posiciones muy diferentes: Roberto Fernandez Retamar, como ejemplo de intelectual incorporado al movimiento revolucionario, y Cintio Vitier, católico, quien podría definirse como um exiliado interior. Allí estaban los comunistas (Elvio

<sup>73</sup> “Latinos se reúnem na Itália”. Diário carioca, 09/01/1965.

<sup>74</sup> “Latinos se reúnem na Itália”. Diário carioca, 09/01/1965.

<sup>75</sup> RAMA, Ángel. Coloquio de Genova: dos tareas que valen um viaje. *Marcha*, Montevideo, nº 1245, 26 de febrero de 1965: p 28-29.

Romero, Franco Moggi, Argüelles Morales, Rafael Alberti) y los de una posición centrista, como Ciro Alegría (disputado en el movimiento de Belaúnde Terry), Augusto Céspedes (embajador boliviano en París), Carlos Pellicer (el gran poeta católico mexicano) y las figuras de una izquierda independiente (Roa Bastos, Salazar Bondy, José Luis Romero) y los hombres de la derecha (Alejandro Magnet, embajador del Chile en la OEA [*Organização dos Estados Americanos*], João Guimarães Rosa, alto funcionário de Itamaraty)<sup>76</sup>.

A dificuldade de fazer um balanço geral do Colóquio, segundo ele, se deve ao fato de que a distribuição dos participantes em comissões dispersas acabou por isolá-los de alguns debates maiores em âmbito coletivo. No grupo do qual participou, foram debatidas questões relacionadas à contradição, na América Latina, entre o universo jurídico-político e as estruturas econômico-sociais; à importação de ideologias do centro e a tentativa de convertê-las em instrumentos de libertação; à vinculação, naquele momento, da história latino-americana à crise do capitalismo industrial e o impacto das inovações técnicas diante do crescimento da sociedade de massas; e, por fim, aquilo que vai ressoar de forma mais importante tanto nos estudos de Rama quanto nos de Candido: o apego da formação do continente aos elementos da cultura europeia não de forma mecânica, mas sim transfigurativa, o que parece potencializar a

creación original en el arte y en la cultura. Una literatura carecerá de realidad y de autonomía en cuanto no encuentre su contexto genuino. Existe una unidad subyacente a la pluralidad cultural latinoamericana, comprobada en los grandes sacudimientos: emancipación de 1810, revolución mexicana de 1910 y actual estado de conmoción social, uno de cuyos aspectos es la revolución cubana de 1959<sup>77</sup>.

A ideia de unidade aparece de forma decisiva. Outro aspecto interessante do encontro, ainda no bojo desta questão, foi a tentativa de construir uma revista especializada na cultura latino-americana, que se chamaria simplesmente *América Latina*. Seria publicada na própria cidade de Gênova nas línguas espanhola e portuguesa, além de contar com alguns resumos em francês, italiano e inglês, com centros de distribuição no México e na Argentina. Teria Miguel Angel Asturias e Amos Segala como diretores e Fernand Braudel, Antonio Candido, Leopoldo Zea, José Luis Romero e Alejo Carpentier como assessores. A publicação focaria especialmente no exame crítico das “sociedades americanas”, debatendo questões que vão desde a escravidão africana, passando pela situação do romance, pelo regime de distribuição de terras ao largo dos processos de colonização etc.

<sup>76</sup> Ibid., p. 28-29. [*Grifo meu*]

<sup>77</sup> Ibid., p. 28-29.

Outro projeto costurado no encontro foi a criação da “Comunidade Latino-americana de Escritores”, um organismo supranacional que reuniria escritores de todo o continente, em alguma medida inspirada na Comunidade Europeia de Escritores, que à época era presidida por Giuseppe Ungaretti, importante poeta e crítico italiano que inclusive chegou a lecionar na Universidade de São Paulo no final dos anos 1930. A proposta de realização de um Congresso anual no México foi amplamente aprovada, e a criação de um manifesto chamado *Declaración Latinoamericana de Génova* (1965) obteve a assinatura de diversos delegados, exceto Alejandro Magnet, do Chile, e João Guimarães Rosa, do Brasil.

Se trata de un intento con amplias proyecciones de futuro, en cuanto permitiría un contacto más asiduo de los intelectuales latinoamericanos, una comunicación de sus respectivas aportaciones, una elaboración en común de la cultura de ‘nuestra América’. Sólo este proyecto es suficiente para justificar el viaje a Génova, si no fuera porque además se alcanzó un debate adulto sobre la problemática latinoamericana y se contribuyó al lanzamiento de una revista que puede ser un instrumento enriquecedor de las distintas líneas de acción intelectual de un continente al que se exige que entre en escena.

La Comunidad de Escritores es un organismo nacido incidentalmente en la reunión de Génova y por lo tanto independiente del Columbianum. Por ahora es un deseo más que una realidad, y su verdadera contextura se conocerá a partir del Congreso de México que lo dotará de estatutos y lo pondrá en marcha<sup>78</sup>.

O texto do crítico uruguaio desenha a atmosfera do *Terzo Mondo*: a reunião de intelectuais, escritores e críticos das regiões latino-americanas, africanas e europeias impulsionou o estreitar de laços de culturas antes díspares, pouco conectadas e, em alguns casos, mutuamente desconhecidas. Os eixos centrais a partir dos quais orbitaram as discussões - a saber, a autodeterminação dos povos colonizados e a tentativa de integração destas regiões periféricas - fizeram com que a cultura tomasse a centralidade dos debates. O cenário mundial da época amplificava esse ímpeto de entrosamento, posto que legava às zonas não europeias e estadunidenses a condição de “terceiro-mundo”, isto é, fora do eixo das estruturas econômicas e políticas centrais e dominantes.

Um evento desta magnitude certamente causou impacto na produção intelectual de cada um dos participantes, e com Candido não foi diferente. Sobre ele, escreveu

o Columbianum foi um dos maiores agentes de intercomunicação dos intelectuais e artistas da América Latina, e em seguida destes com os da África. E também da divulgação das respectivas culturas na Europa, bastando citar a difusão que empreendeu o Cinema Novo brasileiro. No referido congresso eu me vi de repente,

<sup>78</sup> RAMA, Ángel. *Coloquio de Genova*, p. 28-29.

pela primeira vez, próximo de colegas de toda a nossa América e da África – de Miguel Ángel Astúrias a Aliune Diop, de Juan Rulfo a Mahmanou M’Bye, de José Maria Arguedas a Samuel Alemayehou, de Ernesto Sábato a Albert Tevoedjre, de Ciro Alegría a Senghor e assim por diante<sup>79</sup>

Interessante notar que, salvo engano, uma das primeiras menções diretas do crítico brasileiro à literatura latino-americana em seus textos data de 1966, um ano após o *Terzo Mondo*. Em *Literatura de dois gumes*<sup>80</sup> Candido apresenta a ideia de que a literatura brasileira (e, por extensão, a latino-americana) se deu, inicialmente, como continuidade das sociedades moldadas nas tradições metropolitanas, especialmente na transposição das criações do humanismo renascentista de fontes greco-latinas. O grande salto argumentativo, porém, é que essa herança não é vista como uma recepção mecânica e adaptativa apenas, mas sim a partir da experimentação que criou apropriações, trocas, recepções e modificações. Em outros termos, a recusa da ideia de “reflexo” e a percepção, ainda bastante precária do ponto de vista do argumento, de uma literatura que transfigura as formas e matérias europeias, é exatamente um dos frutos de um congresso que pretendia discutir o potencial crítico e estético de nações colonizadas, sem apaziguar os impactos da dependência econômica legada à periferia.

Como falou Rama, em posição estritamente oposta à apresentada por Carpeux anos antes, esse foi um dos saldos positivos do encontro na Itália. E, para Candido, é essa também a mola propulsora que dá fôlego a um movimento de expansão das fronteiras críticas. Ao longo dos anos 1970 e 1980, assim, intensifica-se seu interesse pela cultura e, especificamente, pelo movimento geral da literatura latino-americana produzida sobretudo nos séculos XIX e XX.

### 1.3

#### **Iberoamericana e Argumento: laços em violência**

Após o encontro uruguaio e a viagem à Europa para participar do *Terzo Mondo*, o final dos anos 1960 vai reaquecer a amizade de Candido e Rama. A correspondência epistolar mostra que a partir desse momento uma vasta quantidade de projetos serão desenhados pelos dois críticos. Ainda na mesma carta de 16 de outubro de 1967, por exemplo, além da menção ao congresso realizado na Itália, Rama ressalta outra questão que vai ser recorrente no diálogo entre eles

<sup>79</sup> Cf. DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*, p. 112.

<sup>80</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*.

Mi estimado Antonio Candido:

le envío por el mismo correo la revista del Departamento de mi cargo, con las más malas intenciones. Como verá se titula *Revista Iberoamericana*, pero de la nutricia Iberia sólo recoge la parte de Hispania fecunda. Como verá también los contribuyentes están – estamos – muy preocupados por un análisis literario que no ignore la sociología y que integre el arte en la sociedad. Estoy pidiéndole una contribución para mi revista sobre un tema brasileño, preferentemente moderno (acaso Guimarães Rosa?) pero como lo imagino recargado de trabajo, me limito a pedirle entresaque algún fragmento de sus muchos escritos y que son desconocidos en español: nos encargaríamos de traducirle con el mayor cuidado<sup>81</sup>.

A ponte que Rama tenta criar é um importante aspecto do projeto intelectual e cultural traçado nesse contexto dos anos 1960 e 1970. Em primeiro lugar, as revistas são aportes fundamentais na consolidação destes laços, pois funciona como “espaço de cruzamento, peleia com o presente. Interroga-o, não pode se desprender dele, e isso porque, mais que uma tarefa individual, é um ato coletivo<sup>82</sup>”. A referida revista, vinculada ao *Departamento de Literatura Hispanoamericana da Universidad de La Republica (UDELAR)*, de Montevideu, procurava publicar textos vinculados à tradição de escrita ensaística, ou seja, optava sempre por selecionar escritos considerados mais abertos, menos herméticos e menos protocolares. Em alguma medida, essa opção se vinculava à percepção da figura do intelectual como pilar central da crítica social e histórica, especialmente nas discussões sobre o presente e os problemas que assolavam a América Latina daquele momento, debate que retomaremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Candido acena positivamente com a possibilidade de colaborar na publicação. Em carta de 27 de novembro de 1967<sup>83</sup>, oferece ao amigo uruguaio alguns de seus textos para a referida revista. Em primeiro lugar, fala de um escrito inédito sobre as dimensões do desassossego pessoal, estético e político na obra de Carlos Drummond de Andrade. Curioso é que este manuscrito, segundo o brasileiro, teria sido redigido para uma revista dedicada à cultura latino-americana, sob patrocínio do *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*. A promessa é de que sairia em Paris, por volta de 1965, a cargo de Paul Verdevoye<sup>84</sup>. Com a demora de aproximadamente dois anos para obter alguma resposta com relação à publicação,

<sup>81</sup> . CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 45.

<sup>82</sup> ROCCA, Pablo. Por que, para que uma Revista (sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano). *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 7, n. 10, 2007, pp. 22.

<sup>83</sup> . CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 46.

<sup>84</sup> Linguista, filólogo, historiador da cultura e hispanista nascido na França.



Candido menciona a possibilidade de suspender a autorização para que saísse na Europa e de repassá-lo a Rama para que fosse finalmente divulgada nas páginas da *Iberoamericana*. Em alguma medida, é importante essa posição, pois demonstra um deslocamento do olhar do brasileiro: do que era considerado o centro cultural, a Europa, para a periferia, a América Latina.

O outro texto oferecido é o que vai chamar mais atenção e despertar interesse: um estudo sobre o tema do banditismo no estado de Minas Gerais a partir de João Guimarães Rosa, que segundo ele poderia ser oportunamente publicado naquele ano, haja vista a morte do mineiro em 1966. Pouco conhecido no cenário hispano-americano da época, essa seria a oportunidade para divulgar a obra daquele que foi considerado pelo crítico brasileiro um dos maiores da geração da prosa moderna da América Latina e do mundo<sup>85</sup>, ao lado de escritores como Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Julio Cortazar, Gabriel Garcia Marquez, Clarice Lispector etc. A escolha de Rama por esse tema faz com que Candido produza *Ser jagunço em Guimarães Rosa*<sup>86</sup>, texto que segundo Mejía Toro<sup>87</sup> foi publicado em 1970 na *Revista Iberoamericana de Literatura*, em Montevideu. Nele encontra-se a primeira formulação da noção central que o crítico brasileiro vai utilizar para entender o movimento geral da literatura latino-americana em textos posteriores: o conceito de super-regionalismo.

*Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, pertence aparentemente ao gênero regionalista, habitual nas literaturas latino-americanas, que ainda não puderam superar a apresentação pitoresca da realidade. Mas o seu significado é mais largo, porque nele o quadro local e sua cômica, apesar de expostos com uma capacidade prodigiosa de observação e informação, servem de veículo para dramatizar aspectos que não são próprios de um determinado tipo de homem brasileiro do sertão de

<sup>85</sup> Sobre isso, em bilhete enviado a Guimarães Rosa, em 1965, escreve: “Meu caro embaixador, ontem, conversando com o crítico uruguaio [Emir Rodríguez] Monegal, ouvi dele que considerava você o maior escritor em prosa da América Latina. Achei pouco. Mais tarde, conversando com o [Giuseppe] Ungaretti, disse-me ele que o [Roger] Caillois considerava você o maior escritor em prosa do mundo [...]. Como vê, a verdade progrediu. Mas eu lhe peço lembrar que o primeiro a dizê-lo foi este seu criado”. Ao que parece, o bilhete foi escrito e entregue a Guimarães no Congresso Terzo Mondo, realizado em Gênova, Itália. Arquivo IEB-USP, Acervo Aracy de Carvalho Guimarães Rosa: CX12,-1044/145-1. [Grifos meus]

<sup>86</sup> CANDIDO, Antonio. *Ser jagunço em Guimarães Rosa*. *Revista Iberoamericana de literatura*, nº 2, p. 61, 1970.

<sup>87</sup> MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*, p. 64. Curioso notar que esta informação sobre a publicação do texto com este título e especificamente nesta revista não consta no levantamento bibliográfico realizado por Vinicius Dantas, nem no próprio arquivo da Revista Iberoamericana. Salvo engano, consta apenas um texto de título parecido, que saiu no Brasil no mesmo ano: CANDIDO, Antonio. *Jagunços e mineiros de Cláudio Manoel da Costa a Guimarães Rosa*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, pp. 133-160. Cf. DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*, p. 120.

Minas Gerais; mas formam a textura da alma de todos os homens. Este livro baseado na documentação mais real, atira prolongamentos para uma esfera super-real<sup>88</sup>.

O desafio de escrever para as páginas da *Iberoamericana* representa mais um gesto de ampliação de seu escopo analítico em direção ao continente. Isso fica ainda mais evidente na segunda parte da mesma carta de 27 de novembro de 1967<sup>89</sup>, na qual menciona um fato interessante: naquele momento, estava estudando a obra de Mario Vargas Llosa e Mariano Azuela, que entrariam como autores fundamentais de um curso de pós-graduação que daria na FFLCH/USP, cujo tema era a literatura comparada sobre o romance político de tema latino-americano, em especial a questão do caudilhismo. Nele estariam presentes livros de Joseph Conrad, Ramón María del Valle-Inclán, Alberto Moravia, o próprio Mariano Azuela, além de Miguel Ángel Asturias e do brasileiro Érico Veríssimo. Pretendia-se discutir temáticas e autores que circulavam no espaço hispano-americano, na tentativa de oferecer aos estudantes brasileiros uma aproximação com alguns escritores ainda pouco conhecidos no cenário continental.

Além de acenar sobre o curso que seria oferecido, outro tema emerge: a questão da Universidade na consolidação da crítica literária acadêmica no espaço latino-americano. À época, na segunda metade dos anos 1960, Candido já se encontrava vinculado ao espaço universitário de forma definitiva: primeiro como professor de literatura brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (UNESP) e depois, em seu retorno à USP em 1961, lugar no qual se tornou professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Até 1966, Rama atuava, enquanto estudioso das letras, apenas em páginas de jornais e revistas, o que acarretava dificuldades de alocação profissional e de estabilidade financeira e pessoal.

Quedé muy satisfecho al ver que estás dirigiendo la Cátedra de Literatura Hispanoamericana; por tu estudio, por la reseña de las actividades y por la excelente revista veo que tu trabajo es de primer nivel. Ahora estás en el puesto en el que puedes trabajar en la dirección de tu viejo ideal de tramar a los países de América Latina, para su mutuo e indispensable conocimiento. ¿Qué seremos si no estamos

<sup>88</sup> CANDIDO, Antonio apud MEJÍA TORO, Eduardo Andrés. *Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*, p. 64.

<sup>89</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 46.

unidos frente a nuestro terrible vecino septentrional? La unión se processa en todos los niveles, y el de la literatura tiene un valor que no se puede menospreciar<sup>90</sup>.

Candido se refere ao resultado do concurso em que o uruguaio, aprovado, assumiu a cadeira de professor de literatura hispano-americana na *Facultad de Humanidades y Ciencias da Universidade de La República*, em Montevideu. Para o crítico brasileiro, isso representava não a diminuição do ímpeto pela crítica social, pela busca da unidade política dos países do continente. Antes de tudo, apontava a possibilidade de ter suporte material, estrutural, logístico e financeiro para organizar e sedimentar o projeto de entrosamento latino-americano, especialmente frente ao que eles consideravam o “terrível vizinho setentrional”, isto é, os Estados Unidos da América, com seu ambiente universitário já bastante consolidado. A ideia de unidade latino-americana passa sobretudo pela capacidade de difusão e divulgação das literaturas de vulto produzidas em cada nação que compõe esse continente. A satisfação demonstrada na carta, assim, é por saber que também no Uruguai se processava uma institucionalização do trabalho do crítico literário, que ganhava ares de cientificidade, estudo analítico, método de leitura de textos. Entretanto, ressalta Pablo Rocca que

otras lógicas y movilidades diferentes a la dinámica del campo cultural brasileño llevaron a que Rama participara en congresos de escritores, hasta su salida de Uruguay, en 1971, cuando pasó a residir en Puerto Rico sin retorno posible. Distanciado de Montevideo, alejado del furor cotidiano del periodismo cultural y de las mil obligaciones que había sumado en su ciudad de origen (la preparación de decenas de libros y prólogos para los libros de Arca, la enseñanza media y universitaria, la intervención constante en la vida cultural), sólo en los años setente Ángel Rama se integrará a los ritmos de labor de la crítica de tipo académico; sólo a fines de esa década alcanzará un último resto de serenidad como para escribir los libros unitarios, no necesariamente armados en base a un conjunto de artículos de distintas fechas y procedencias<sup>91</sup>.

A atuação no espaço público não universitário, em editoras, jornais e órgãos culturais, mas também o contato com essa crítica acadêmica institucionalizada, universitária, cuja figura de relevo era exatamente Antonio Candido, fez com que Rama pudesse avançar na elaboração e consolidação de diversos projetos continentais, dentre os quais um que será comentado em carta de 11 de dezembro de 1967

En Lima estuve en una reunión de expertos de UNESCO destinada a organizar un plan, realmente atrayente, de estudio de las culturas latinoamericanas.

<sup>90</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 47.

<sup>91</sup> ROCCA, Pablo. Ángel Rama y Antonio Candido: un diálogo crítico. *La Jornada Semanal*, nº 352, México, 2001, p. 3

Transformamos la propuesta en Historia social de la literatura, las artes plásticas y la música en América Latina, concentrándola en una primera instancia en el siglo XX. Dividimos en zonas América Latina designando asesores para cada una de ellas, y pensé de inmediato en Ud. para el Brasil. Conocí en Lima a Sergio Buarque de Holanda, quien dijo que lo conocía y estimaba también lo propuso. Por fin dejamos a él como asesor pensando que a Ud. le habría de corresponder el plan de literatura. Sería muy bueno que pudiera llegarse a un gran plan de trabajo común para ofrecer una nueva imagen, actual de nuestras culturas. Invoco la Divina Providencia para que la UNESCO no tire al canasto el proyecto. Hable con Sérgio Buarque de Holanda del asunto y vean qué posibilidad tiene de aplicarse<sup>92</sup>

A grandiosidade da proposta é notável: um estudo sobre a história da cultura latino-americana, no primeiro momento restrita ao século XX. O historiador Sergio Buarque de Holanda e Antonio Candido seriam indicados como dois dos responsáveis por tocar o projeto capitaneado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, agência especializada da ONU, criada em 1946 e com sede em Paris. Certamente com o objetivo de mapear, conhecer e aproximar as culturas então “terceiro-mundistas” das regiões centrais, Europa e EUA, o plano representava, para os intelectuais da América Latina, uma possibilidade de obter aporte, inclusive material, na busca por ampliar e maximizar os estudos acerca das culturas periféricas e de caráter pós-colonial.

Na prática, foi a partir disso que Candido escreveu seu ensaio mais conhecido sobre a América Latina, conforme ele mesmo conta

Em 1968 fui professor visitante na Universidade de Yale, onde dei entre outros um curso de Literatura Comparada intitulado “A representação do espaço na ficção naturalista”. Nele incluí *Doña Bárbara*, de Rómulo Gallegos e *La vorágine*, de José Eustasio Rivera, romances de segunda ordem bastante aborrecidos, mas não tive coragem de abordar livros do *boom*, a respeito dos quais ainda não me sentia seguro. Naquela altura houve uma reunião promovida, creio que no México, pela Unesco a fim de planejar a obra que se chamou depois *América Latina en su literatura*. Parece que me convidaram, mas não recebi a comunicação em Yale. Nessa reunião, ao distribuírem as tarefas, Sérgio Buarque de Holanda propôs o meu nome para um determinado tópico, mas Ángel (que era seu amigo) interveio dizendo: ‘Para Antonio Candido tengo un tema: Literatura y subdesarrollo’. Sérgio assumiu então o compromisso em meu nome, e eu, para não desautorizá-lo, aceitei a contragosto, porque achei a tarefa muito superior às minhas possibilidades. O curioso é que nem Ángel nem Sérgio, que trabalharam no planejamento, colaboraram no volume, mas me fizeram colaborar.

Posso dizer que foi o artigo mais trabalhoso que escrevi. Labutei nele doze meses para me ajustar ao assunto difícil e reunir as informações, mas nesse processo aprofundi bastante o conhecimento. O resultado dever ter sido satisfatório, porque o organizador, César Fernández Moreno, o publicou em tradução francesa nos *Cahiers d'histoire mondiale* antes do livro sair, e além disso o fez reproduzir no Correio da Unesco numa quantidade de línguas<sup>93</sup>.

<sup>92</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 48.

<sup>93</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 24.

A indicação de Rama gerou *Literatura e subdesarrollo*<sup>94</sup> (1970), ensaio que lança um olhar ainda mais acurado para o restante da América (a parte “hispanica”). Esse escrito representaria uma possibilidade de deslocamento, ao colocar o Brasil em outra constelação, a latino-americana, afastando-o do eixo histórico-temporal das “literaturas centrais”. Sua discussão, em síntese, parte de uma análise histórico-sociológica que procura juntar as ideias de “atraso” e de dependência cultural, econômica e política do conjunto de países que sofreram o processo de colonização ibérica, apontando-as como vetores e afetações importantes na vida intelectual do escritor. Nos séculos XIX e XX, essa tópica desenvolve dois tipos de consciências históricas distintas ao longo do continente: uma associada à noção de país novo, correspondendo à consciência amena do atraso, que se dá especialmente nos anos 1930, a partir do fim da hegemonia da elite oligárquica e com a ascensão ao Estado das burguesia industrial; e a segunda, por sua vez, diz respeito à ideia de país subdesenvolvido, cuja consciência se delineia como uma visão catastrófica do atraso, algo forte nos pós anos 1950, no imediato pós-Guerra, mas que se fortalece ao longo dos anos 1960 e 1970. É na conjunção destas duas formas de ler o mundo que se constrói uma literatura considerada por ele “madura”, que ganha a caracterização de “super-regionalista”.

Após sair primeiro na França<sup>95</sup> e depois na obra à qual se destinava de fato, *América Latina en su Literatura*<sup>96</sup>, coordenada por César Fernandez Moreno, foi traduzida ao português e acabou saindo no Brasil, em 1973, nas páginas da Revista *Argumento*<sup>97</sup>. Este periódico pretendia construir um espaço voltado para apresentação de críticas, textos, resenhas e artigos de diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros no contexto de recrudescimento da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Diante das perseguições políticas e das censuras explícitas, a saída encontrada pelo conselho editorial foi tentar estabelecer pontos de contato latino-americanos de apoio à publicação, de onde saíram intercâmbios críticos e conexões transnacionais:

<sup>94</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesarrollo. In: MORENO, Fernández César. *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI, 1972.

<sup>95</sup> CANDIDO, Antonio. Sous-développement et littérature en Amérique Latine. Trad. Claude Fell. *Cahiers d'Histoire Mondiale*, vol. XII, nº 4. Neuchâtel, Suíça: Unesco, 1970, pp. 617-639.

<sup>96</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesarrollo*.

<sup>97</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 6-24.

Naquela altura [1973] estávamos publicando a revista *Argumento*, que a ditadura militar sufocou no quarto número. Ángel e Marta [esposa] se interessaram pela nossa tentativa de resistência por meio da revista, participaram de reuniões da comissão de redação e publicaram artigos nos números 3 e 4. Para contornar a repressão, pensamos em fazer uma publicação bilíngue fora do Brasil, englobando escritores latino-americanos. Ángel se interessou pelo projeto, que afinal não prosperou<sup>98</sup>.

O periódico foi publicado em apenas quatro números<sup>99</sup>, entre outubro de 1973 e fevereiro de 1974, e continha, dentre outras coisas, ensaios, resenhas, informes, entrevistas, poemas e depoimentos. Sob a direção geral de Barbosa Lima Sobrinho (jurista, jornalista e político brasileiro), e vendidos a Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros, moeda da época), circulou por bancas de jornal nas principais cidades do Brasil, com uma tiragem inicial de cinco mil exemplares. O Conselho Consultivo era composto por nomes como Erico Veríssimo, Florestan Fernandes, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Simão Mathias (Brasil); Aníbal Pinto, Octávio Paz, Torcuato Di Tella (América Latina); Alberto Hirschman, Brian Von Arkadie, Dudley Sears (Europa e EUA). Na Comissão de Redação, atuavam Anatol Rosenfeld, Antônio Cândido de Mello e Souza, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Correa Weffort, Leôncio Martins Rodrigues, Luciano Martins, Paulo Emílio Salles Gomes. A revista publicou diversos textos de impacto do pensamento brasileiro e latino-americano.

A relação da revista *Argumento* com o cenário político da época, entre 1973 e 1974, se dava em um duplo movimento: em primeiro lugar, na postura de oposição à ditadura civil-militar brasileira iniciada a partir do golpe de 1964; depois, na aproximação com os demais países latino-americanos, que à época também sofriam os impactos da violência de Estado, especialmente Chile, Uruguai, Peru, Paraguai e Bolívia, todos atravessados pela onda de destituição de seus governos nacional-populares. A mudança abrupta na relação entre liberdades individuais, direitos políticos e civis é fruto do surgimento do estado de exceção<sup>100</sup>, um momento histórico em que uma comunidade política, utilizando-se e sendo afetada pela

<sup>98</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 22.

<sup>99</sup> Em carta de setembro de 1975, Candido comenta a decisão da ditadura brasileira, com respaldo do STF, de censurar e extingui-la: “una decisión histórica, que dejó praticamente el camino libre para que las autoridades policiales usen los poderes excepcionales del Presidente contra publicaciones de cualquier tipo. Redactamos una carta de protesta, pero los periódicos no la publicaran. Cada vez se hace más difícil aquí expresar el pensamiento”. CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 81.

<sup>100</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

retórica do medo à desordem pública, é temporariamente submetida à existência de um regime jurídico excepcional, fora da norma. Na prática, são conferidos poderes extraordinários às autoridades governamentais, no caso os militares, ao mesmo tempo em que se restringem ou suspendem as liberdades públicas e certas garantias constitucionais em nome de uma “ordem ideal”. A instauração da condição de sítio<sup>101</sup> serve como mecanismo de legalização da suspensão da própria institucionalidade vigente. Em outros termos, a ideia de que se vive uma “emergência” legitima a ilegalidade, que em alguns casos passa a ser lei e torna-se adequadamente “jurídica e constitucional”, criando normas ou propriamente uma ordem jurídica baseada na noção de restrição de direitos legais. Desloca-se, portanto, uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo, que indetermina uma diferenciação clara entre democracia e soberania absoluta, entre legal e ilegal, entre jurídico e extrajurídico.

A ditadura por assim dizer localizou o *topos* indecível da exceção, a um tempo dentro e fora do ordenamento jurídico, tanto na sala de tortura quanto no desaparecimento forçado, marcado também, este último, por uma espécie de não lugar absoluto. Esses os dois pilares de uma sociedade do desaparecimento. A Era da Impunidade que irrompeu desde então pode ser uma evidência de que essa tecnologia de poder e governo não pode mais ser desinventada. Seja como for, algo se rompeu para sempre quando a brutalidade rotineira da dominação, pontuada pela compulsão da caserna, foi repentinamente substituída pelo Terror de Estado delinquente de proporções inauditas<sup>102</sup>

Esse “corte” de 1964, no Brasil, incrementou o “método de exceção”, que com o tempo e o uso reiterado por parte dos Estados modernos e contemporâneos espalhou pelo espaço latino-americano o fantasma da “intervenção em nome da liberdade”. Esse expediente, que acabou diluindo os ideais democráticos liberais ao longo do continente, instaurando um projeto autoritário das classes dominantes, era o desencadeamento também de uma série de conflitos fortemente ligados ao cenário internacional. O contexto era de uma disputa bipolarizada entre as forças capitalistas, encabeçadas pelos EUA, e as forças socialistas, sob a batuta da URSS. As zonas de influência destes países eram não somente as regiões do centro do sistema-mundo, mas também e sobretudo as zonas consideradas periféricas, como a África, a América e a Ásia. No cenário latino-americano do período pós Segunda Guerra Mundial, os governos nacional-desenvolvimentistas tentavam alavancar a

<sup>101</sup> ARANTES, Paulo. Estado de sítio. In: *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>102</sup> Ibid., p. 284.

economia de seus países através de políticas industriais e de investimentos públicos em diversos setores. Isso ampliou a participação da população civil na cena política, gerando também uma maior organização social dos trabalhadores. A consolidação de partidos, movimentos sociais e sindicatos ordenados à esquerda, com forte crítica à exploração e às condições de vida legadas pela reprodução sociometabólica do capital, geraram abalos e instabilidade na estrutura de normatização da democracia liberal burguesa.

Nesse mesmo cenário, mas anos antes, em 1959, eclodiu um dos eventos mais significativos do século XX: a Revolução Cubana. A processo foi antes de tudo de caráter anticolonialista, anti-imperialista e nacionalista. A partir da organização armada e guerrilheira, os insurgentes conseguiram derrubar, em janeiro, o ditador Fulgêncio Batista, que governava com apoio dos Estados Unidos da América. Depois disso, as discussões políticas e ideológicas lideradas por Fidel Castro e Che Guevara encaminharam a sociedade cubana para a criação e a solidificação de um socialismo de tipo específico, que atuava, no plano internacional, interagindo com o bloco antagônico ao estadunidense, ou seja, com os soviéticos. Já no âmbito interno, buscava-se um caminho mais próximo do sentimento latino-americanista, que pautava especialmente a questão da “autonomia” econômica e cultural com relação à Europa. Em outros termos, a socialismo cubano, por mais que se identifique com a política de Estado da URSS no contexto da Guerra Fria, buscava a construção de um paradigma político-ideológico próprio, adaptado à condição periférica de uma região colonizada e portadora de especificidades<sup>103</sup>.

A novidade que passa a emergir com mais força nos anos 1960 em diante, portanto, era a tentativa de pensar projetos de sociedade desde a periferia, não mais dos grandes centros. No cruzamento com a potencialidade destrutiva das ditaduras, que naquele momento investiam em toda sorte de morte, tortura, desaparecimento e terror psicológico contra seus opositores, criou-se uma atmosfera que estruturou o sentimento subjetivo e coletivo<sup>104</sup>, gerando um ambiente próprio e específico ao longo do continente, que aqueceu os debates intelectuais, especialmente no âmbito

---

<sup>103</sup> Essas discussões são feitas de forma aprofundada sobretudo em dois livros: RAMOS, Jorge Abelardo. *História da nação latino-americana*. Florianópolis: Insular, 2012, 539 pp. e BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, 687 pp.

<sup>104</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, Ambiência, Stimmung: sobre o potencial oculto da literatura*. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC Rio, 2014.



dos estudos literários. Nesse período, é possível ver a explosão de publicações críticas, na tentativa de conectar figuras de vulto do pensamento latino-americano em busca de soluções comuns para problemas também comuns. Além disso, houve também uma explosão de congressos, colóquios e seminários cujo objetivo era discutir especificamente a condição da América Latina naquele momento, à época fortemente atravessada pela fagulha da esperança de um futuro promissor e pelo incômodo constante por conta de um presente repressor e cerceador.

#### 1.4

#### Congressos, encontros e vínculos intelectuais

Os anos 1970 deram lugar à articulação de uma série de redes intelectuais, que se estabelecem especialmente a partir de publicações em livros, jornais ou revistas e envolvia nomes de vulto da crítica e do pensamento do continente. Os modos de veiculação e circulação de saberes, nesse contexto, apontam para o fortalecimento de intercâmbios de ideias, que quase sempre se fazem a partir de formas ensaísticas de construção textual<sup>105</sup>. Especialmente na América Latina, este gênero encontra-se fortemente atrelado às tradições intelectuais que, ao menos desde o século XIX, buscaram se posicionar publicamente em debates relativos a aspectos sociais e históricos, sobretudo aqueles que envolviam os impactos mais candentes dos processos de modernização e seus efeitos à construção de identidades coletivas das nações latino-americanas<sup>106</sup>.

No bojo disso, em carta de setembro de 1971<sup>107</sup>, Rama fala da possibilidade de organizar um encontro continental sobre “literatura e sociedade”, reunindo críticos e professores, dentre os quais estariam presentes Noé Jitrik, Fernando Alegría, Pedro Lastra, Joe Somers, Carlos Aguinaga, Nelson Osorio, Rafael Gutierrez Girardot, Ugné Karvelis. Do lado brasileiro, foi solicitado a Candido que indicasse outros nomes, de tendências teóricas diversas. A resposta, que veio em correspondência de novembro de 1971<sup>108</sup>, indicava nomes como Ferreira Gular, Carlos Nelson Coutinho, Roberto Schwarz e José Guilherme Merquior, alguns

<sup>105</sup> GRANADOS, Aimer. *Las revistas en la historia intelectual de América Latina: redes, intelectuales, política, sociedad*. México: UAM-Cuajimalpa, 2012.

<sup>106</sup> VALDÉS, Eduardo Devés. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2004.

<sup>107</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 49.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 50-51.

alunos ou mesmo professores ligados à universidade, outros atuantes em jornais, revistas e instituições diversas, mas também estudiosos de literatura em suas mais variadas vertentes. Esse projeto, que na prática acabou não se consolidando, era um dos muitos esboços de encontros presenciais que pretendiam unir os intelectuais latino-americanos.

Já em 1973, outro encontro: o VII Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), que seria realizado em Ottawa, no Canadá. Sobre ele, Candido comenta, em carta enviada ao crítico uruguaio

El año pasado me invitaron a una mesa redonda en Canadá para agosto de este año, en la que los otros invitados serías tú y [Noé] Jitrik. Pero no recibieron respuesta de tu dirección de Montevideo. Por sugerencia de Cortázar, que pasó por aquí en febrero, les mandé la de [Jorge] Ruffinelli, quien iba a encaminar la correspondencia. [...] Veo ahora por carta de Eva Kushner que ya se comunicaron contigo y que hay alguna posibilidad de encontrarnos en Ottawa. Ojalá<sup>109</sup>.

Para o evento, Candido preparou um texto intitulado *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens*<sup>110</sup>. Neste escrito, há uma preocupação em investigar e discutir, em poucas páginas, a ficção contemporânea do continente a partir dos parâmetros da “fabulação”, entendida na chave da imaginação. O ensaio dá continuidade ao interesse latino-americanista do crítico brasileiro, mas agora avançando, do ponto de vista da crítica, na análise da relação ambivalente e complementar entre realismo e fantasia, que parecem formar a matéria de fundo da produção poética da América Latina, especialmente entre os séculos XIX e XX, no que ela tem de inclinação política ao mundo material e no que ela alcança, sobretudo no contexto pós anos 1950, de inventividade linguística e imaginativa<sup>111</sup>.

Além disso, a viagem possibilitou a Rama publicar um texto no Brasil, especificamente na revista *Argumento*. Trata-se de *Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana*<sup>112</sup>, no qual ele discute a

<sup>109</sup> Ibid., p. 55.

<sup>110</sup> CANDIDO, Antonio. *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens*. In: DIMIC, Milan V.; FERRATÉ, Juan e KUSHNER, Eva (orgs.). *Actes du VII<sup>ème</sup> Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*. Montreal/Ottawa: 1973. Agradeço imensamente a Vinicius Dantas, autor da “Bibliografia de Antonio Candido”, o envio, pelos correios, de cópia do texto original em francês. Trabalho em cima de tradução livre e informal feita por Beatriz de Moraes Vieira (UERJ) e Jorge Henrique Almeida (UERJ), já que o texto não se encontra em língua portuguesa.

<sup>111</sup> Ibid., p. 4.

<sup>112</sup> RAMA, Ángel. *Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana*. *Revista Argumento*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 3, p. 36-49, 1974.

condição de interdependência cultural da América Latina no que diz respeito à relação com as “sociedades centrais”.

Os quatrocentos anos de produção literária latino-americana ainda estão à espera de uma leitura unificadora. E desde já é possível delinear a base desse projeto de integração: uma identidade comum enformada pela herança românica, pelo modo de apropriação das culturas estrangeiras, românicas ou não, e pela estratificação cultural decorrente do mestiçamento

[...] O projeto de um discurso único, abrangendo toda a literatura latino-americana, não se apoiaria num comparatismo literário, mas cultural, embora reconhecendo o tronco linguístico de onde partem as três línguas que o definem, a saber, o espanhol, o português e o francês<sup>113</sup>.

A ideia do uruguaio era apontar uma saída integracionista e transnacional para o dilema posto à época, a partir dos destroços deixados pela violência política das ditaduras. Era preciso pensar redes intelectuais nos espaços macroestruturais para além dos territórios locais<sup>114</sup>, na articulação possível entre figuras de vulto do pensamento crítico que procurassem respostas não individuais para os problemas continentais, impulsionando um processo político e intelectual de formação de um sentimento de integração, especialmente pela via da literatura.

O tema da integração e da colaboração seria ainda tema de diversas cartas. O projeto de maior magnitude viria à tona em 1974, em missiva enviada por Rama desde Caracas, Venezuela: a criação da *Biblioteca Ayacucho*, uma referência à última batalhada, travada em 1824, na luta pela independência e pela emancipação política das colônias da América Hispânica. A ideia era construir um espaço que abrigasse aproximadamente trezentos volumes, dentre os quais obras e os autores dos mais importantes nas áreas de literatura, pensamento social e história, abarcando “desde sus orígenes hasta hoy, es decir, desde los poemas de Netzahualcoyolt hasta los grandes maestros de la literatura actual (Guimarães, Neruda, Carpentier, Borges, Drummond etc)”<sup>115</sup>. Interessante notar que essa empreitada pretendia abarcar não somente Candido, mas também outros brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, que fariam parte da comissão assessora. Dentre os sonhos que nutria, Rama fala da “possibilidade de que una

<sup>113</sup> Ibid., p. 37.

<sup>114</sup> MAIZ, Claudio. Tramas culturales. De las determinaciones sociales a la red intelectual. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, jul. 2013, p. 21.

<sup>115</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 70.

Biblioteca de este tipo también pudiera ser asumida en Brasil por algunos editores o por alguna institución responsable y, desde luego, independiente<sup>116</sup>”.

Quando conheci Ángel Rama em Montevideu, no ano de 1960, ele me declarou a sua convicção de que o intelectual latino-americano deveria assumir como tarefas prioritárias o conhecimento, o contato e o intercâmbio em relação aos países da América Latina, e manifestou a disposição em começar este trabalho na medida das suas possibilidades, seja viajando, seja carteando e estabelecendo relações pessoais. Foi o que passou a fazer de maneira sistemática, coroando suas atividades quando, exilado na Venezuela, ideou e dirigiu a Biblioteca Ayacucho, patrocinada pelo governo daquele país, que se tornou uma das mais notáveis empresas de conhecimento e fraternidade continental através da literatura e do pensamento. Inclusive porque foi a primeira vez que o Brasil apareceu num projeto deste tipo na proporção adequada<sup>117</sup>.

O aceno do crítico uruguaio por viabilizar na prática a reunião do que se pensa e se imagina no cenário latino-americano permite, como gesto político, a criação de um espaço interminável de livros, textos, manuscritos, que no futuro seria capaz de congrega a mais importante expressão de *Nuestra América*, em sua potencialidade criadora e inventiva. A Ayacucho seria mais que um lugar para guardar e ordenar obras.

A BIBLIOTECA AYACUCHO [...] está destinada a recolher as mais importantes obras da criação e do pensamento latino-americanos, desde da origem até o presente, cuidadas, prologadas e anotadas por especialistas de reconhecida competência em seus respectivos gêneros. A BIBLIOTECA AYACUCHO é, em síntese, uma homenagem permanente [...] à cultura de nossa América, já que pretende se constituir no repositório de sua rica tradição literária, destacando o que há de lição viva e presente para as gerações atuais e o que nela convoca a uma plena autonomia intelectual e a uma ampla unidade cultural<sup>118</sup>.

Para alavancar a Biblioteca, os dois críticos articularam um encontro na Venezuela, em que poderiam trabalhar com mais afinco e mais entrosamento no sentido da unidade latino-americana.

Con el fin de proceder a la fijación del plan de dicha Biblioteca, haciendo la selección de los autores y las obras que obligadamente deben ser incluidas en ella, há dispuesto la Comisión Editora de la Biblioteca Ayacucho la reunión de un conjunto de expertos en diversos aspectos de la cultura latinoamericana, la cual tendrá lugar en la ciudad de Caracas, del 3 al 7 de noviembre.

Deseando contar con su presencia en esta reunión, nos es grato por la presente invitarlo a participar en sus sesiones de trabajo. Creemos que sus conocimientos y su sabido interés en estos temas, contribuirán al establecimiento del mejor plan

<sup>116</sup> Ibid., p. 70.

<sup>117</sup> CANDIDO, Antonio. O olhar crítico de Ángel Rama. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, 140 pp.

<sup>118</sup> DEMENECH, Pedro. Coleção e identidade na crítica de Ángel Rama nos anos setenta. *História da Historiografia*, 2016, p. 96.

posible para la Biblioteca Ayachuco, que deseamos represente cabalmente el pensamiento de toda la América Latina<sup>119</sup>.

Candido aceita o convite e confirma presença no encontro. Contudo, acaba não comparecendo por solidariedade a Caio Prado Junior, também convidado, que acabou não obtendo visto e foi barrado pela ditadura brasileira<sup>120</sup>. A demonstração do sentimento de frustração por parte da direção da *Ayachuco*, que foi retratado em correspondência de Rama em novembro de 1975, indica o tom sobre a ausência da delegação brasileira, que “há provocado consternación aquí. [...] queda en pie el más grave: como establecer la participación de la cultura brasileña dentro de la Biblioteca Ayachuco<sup>121</sup>”. A dificuldade de aproximar fisicamente o Brasil do restante da América Hispânica passava menos pela vontade individual dos críticos e mais pelo momento político do continente, que enfrentava uma onda de violência de Estado cujos interesses envolviam a obstrução do entrosamento e do relacionamento entre os modos de pensar criticamente o mundo de cada país que compõe a América Latina.

Já em 1979, dois outros acontecimentos vão ser decisivos na relação que o crítico brasileiro vai estabelecer com esse cenário latino-americano. Em primeiro lugar, a aproximação com Cuba vai levar Candido à ilha a fim de participar como jurado do *Prêmio Casa de Las Américas*, uma das maiores reuniões de romance, conto, poesia, ensaio, literatura infantil e testemunho do espaço continental, criada poucos meses após a revolução de 1959.

El criterio que alentaba la decisión de crear la Casa de las Américas era el de la necesaria unidad de lo que Martí llamó Nuestra América: la América bolivariana, martiana, sandinista. Se sabe que no hay acontecimiento político y social de veras trascendente en nuestros países que no haya hecho suyo el proyecto de unidad continental<sup>122</sup>.

Pretendia-se criar um centro de estudo, encontro e difusão da produção artística latino-americana, isto é, uma nova maneira de dar um sentido unitário à fragmentação e à segmentação da cultura do continente. A ideia de inverter a perspectiva do conhecimento, ou seja, de partir da América para entender a própria

<sup>119</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 79.

<sup>120</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 22.

<sup>121</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 84.

<sup>122</sup> RETAMAR, Roberto Fernandez. Treinta años de la Casa de las Américas. *Estudios Avanzados*, vol. 3, nº 5, São Paulo: Jan./Abril de 1989, p. 69.

América, propiciava um encontro de críticos, escritores, filósofos, músicos etc., a fim de cooperar para o progresso do conhecimento mútuo e do entrosamento das nações que compunham o cenário periférico da América Latina, trocando experiencias e opiniões sobre quase todos os assuntos. Ao criar um espaço autônomo, propiciava e impulsionava uma produção intelectual singular e densa. Sobre ela, Antonio Candido teceu uma breve comparação com relação ao congresso realizado pelo *Columbianum*, em Gênova, em 1965:

En ese momento ya estaba en plena actividad una alternativa nuestra, esto es, una nueva modalidad que consistía en promover de manera sistemática el encuentro de los intelectuales y artistas latinoamericanos en la propia América Latina, sin mediaciones, por más positivas que fuesen, como era la del *Columbianum*. Me refiero al esfuerzo heroico de una institución justamente homenajeada en este coloquio, la Casa de las Américas, a cuyo actual presidente, Roberto Fernández Retamar, conocí en el Congreso de Genova, hace casi veinticuatro años. En la lucha gigantesca por romper el aislamiento que le fue impuesto, la República de Cuba desarrolló con enormes sacrificios un sistema de encuentros internacionales de todo tipo, que permitiría a los intelectuales y artistas de la América Latina el contacto constante en el terreno del propio sudcontinente, sin necesidad de intermediarios. Vinculado personalmente a la Casa de las Américas por más de una actividad de colaboración, puedo testimoniar sobre la importancia de este esfuerzo que dio nuevo timbre a nuestra convivencia<sup>123</sup>.

Para o crítico brasileiro, Cuba apostou na criação de uma sociedade socialista que, ao investir na igualdade social e na abolição dos privilégios de classe, suprimiu o impulso por copiar a forma de vida europeia. Com isso, instaurou-se um modo de ser mais autoconfiante, independente e humanista, o que possibilitou, inclusive, a própria pujança da literatura cubana pós anos 1960.

Al aceptar la invitación para participar como miembro del Jurado, manifestamos nuestro apoyo y nuestro aprecio por el gran esfuerzo cultural de Cuba socialista. Gracias a ella podemos convivir libremente con intelectuales de los diversos países latinoamericanos y caribeños sin la tradicional mediación de los países imperialistas”. [...] El clima de fraternidad y el rendimiento que caracterizan las actividades [y] esas verdaderas sesiones anuales de reflexión y análisis, complejas y serias [...] han contribuido y contribuirán cada vez más a definir criterios adecuados a una valoración correcta de la producción intelectual de la América Latina y de nuestros diferentes géneros.<sup>124</sup>

A aproximação aumentou a ponto de, em 1981, Candido ter sido convidado para proferir o discurso de abertura do *Prêmio Casa de las Américas*. Nessa comunicação, pode reafirmar o desejo por aproximar o Brasil das demais nações,

<sup>123</sup> CANDIDO, Antonio apud RETAMAR, Roberto Fernandez. *Treinta años de la Casa de las Américas*.

<sup>124</sup> CANDIDO, Antonio apud FORNET, Jorge. Encuentros en la gran mediadora: Candido y Cuba. *Revista Chilena de Literatura*, nº 97, pp. 319-324, 2018.

compondo um mosaico linguístico que passaria pelo português e pelo espanhol, mas também pelo francês e pelo inglês, incorporando as regiões caribenhas ao projeto latino-americanista. Tudo isso seria um grande avanço a medida em que destruiria, na prática, a visão imperialista e colonizadora que nos foi imposta desde ao menos o século XVI, que fragmentou e dissolveu a possibilidade de uma identidade continental. Cuba, portanto, estaria resgatando esse sentido de unidade, sem apagar as diferenças<sup>125</sup>, algo que se apresenta como ideia central dos textos do crítico brasileiro que aqui apresentamos e sobre os quais nos debruçaremos mais à frente.

Ainda neste ano, 1979, recebeu também um convite para participar do *Workshop the Rise of New Latin American Narrative, 1950-1975*, realizado pelo *Latin American Program of the Woodrow Wilson International Center for Scholars*, em Washington. Em carta, confirmou que iria ao evento, no qual poderia se encontrar com o amigo uruguaio para finalmente ampliarem as discussões até então feitas por meio de correspondências. Porém, Candido novamente não compareceu. As missivas de 18 e 30 de setembro e 12 de dezembro de 1979 dão o tom da frustração. Na primeira, o crítico brasileiro explica que a burocracia o impediu de conseguir o visto a tempo. Na solicitação de viagem que tinha feito, o despachante havia exigido inclusive que fosse entregue o texto que seria apresentado nos EUA. Ao entrar em contato com a agência dias depois, foi informado de que o processo atrasaria por algumas semanas, o que impossibilitou sua ida ao encontro. “Lamenté el contratiempo que impidió mi viaje. Fue una estupidez<sup>126</sup>”.

O problema foi atenuado com o auxílio de Roberto Schwarz, que à época se encontrava em Princeton, no estado de New Jersey, EUA, que ficou responsável por ler o texto que Candido havia preparado. Sobre o evento, Elizabeth Garrels, do *Massachusetts Institute of Technology*, escreveu o relatório *The rise of the new Latin American narrative, 1950- 1975: a rapporteur's report*. Nele encontra-se uma lista dos participantes: Alberto Hirschman, Guillermo O'Donnell, Jorge Aguilar Mora, John Beverley, Sara Castro, Edmundo Desnoes, Jean Franco, Tulio Halperin Donghi, Sara Hirschman, Daniel Levine, Antonio Skármeta, Roberto Márquez

<sup>125</sup> CANDIDO, Antonio. Discurso en el acto de constitución del jurado. Trad. Julia Calzadilla. *Casa de las Américas*, ano XXI, nº 126, Havana: maio-junho de 1981, pp. 5-7. Republicado em CANDIDO, Antonio. Discurso em Havana. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Além deste, outros textos sobre Cuba estão reunidos neste mesmo livro, tais como “Em (e por Cuba)”, de 1979 e “Cuba e o socialismo”, de 1991.

<sup>126</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 128.

Jacques Leenhardt, Richard Morse, Angel Rama, além, é claro, de Roberto Schwarz. Em geral, nomes de impacto no campo da crítica literária, com a peculiaridade de que, à época, quase todos eles trabalhavam e pesquisavam no próprio ambiente universitário dos EUA. Em outras palavras, tratava-se de um evento norte-americano voltado para o estudo e a discussão da narrativa latino-americana no contexto pós anos 1950, em especial aquilo que ficou conhecido como “boom”, tentando entender suas nuances teóricas, estilísticas e, sobretudo, editoriais e mercadológicas.

Participants agreed that the 1960s were a time of rapid modernization and revolutionary expectation. The decade witnessed the confrontation of developmentalism by dependency theory and of national bourgeoisies by armed guerrillas. It saw profound demographic changes, convulsive urbanization, the spread of the mass media, and an unprecedented growth in higher education. Several times throughout the workshop, the 1960s were compared to the 1920s. The reasons for this comparison were not made explicit, but one can conjecture that they included the drawing of analogies – whether legitimate or forced – regarding the optimism of sectors of the middle class in some, but not necessarily all, Latin American countries; and, the notable renovation, activity, and optimism of the Left. Probably also determinant in such a comparison was the fact that both decades generated exceptional energy in avant-garde art and a good deal of significant theorizing about national and continental identity<sup>127</sup>.

Segundo Garrels, as discussões giraram em torno da ideia de que a década de 1960, na América Latina, foi permeada por uma atmosfera que pautou sobretudo as ideias de modernização e revolução, como expectativa e como eventos. Neste cenário, o pensamento latino-americano se via imerso em debates sobre o caráter dependente da condição periférica, ao mesmo tempo em que se desenrolava um processo de fortalecimento dos nacionalismos, importante motor para as lutas políticas e sociais da época. Ao fundo, o cenário de urbanização, crescimento demográfico e massificação colocava em questão os destinos da condição periférica em meio às transformações violentas que assolavam todo o continente. A comparação com a década de 1920 se fazia exatamente pela energia que o processo histórico gerou na produção estética, isto é, nas artes em geral e na literatura em específico, tanto na questão da inventividade e nas transformações pela forma estética, quanto nas mudanças de tema e conteúdo que perpassaram as obras produzidas no contexto.

<sup>127</sup> GARRELS, Elizabeth. *The rise of the new Latin American narrative, 1950- 1975: a rapporteur's report*. Washington D.C.: The Wilson Center, Latin American Program, 1979, s/p.



Schwarz então apresentou o ensaio *O papel do Brasil na nova narrativa*<sup>128</sup>, que Candido havia preparado especialmente para este debate. Esse escrito, salvo engano, parece continuar o movimento crítico que buscava entender a relação entre as transformações sociais, econômicas e políticas e o surgimento de uma nova ficção na América Latina do século XX, especialmente aquela que “explode” no período pós 1950. O esforço, uma vez mais, é para incluir a produção brasileira no conjunto “hispano hablante” que compõe o cenário do continente. Para o crítico brasileiro, a chamada “nova narrativa”, que pode ser entendida como este “boom literário”, não encontrou fôlego apenas nos países herdeiros do processo de colonização espanhol, mas também no Brasil. O investimento na aproximação e no entrosamento da produção latino-americana, ressaltando seus aspectos de afinidade, aproximação e unidade, encontrava coro no que se discutia no workshop.

## 1.5

### História da literatura como projeto

A frustração pelo fato de não ter encontrado o amigo uruguaio fez com que Candido investisse ainda mais na vida de Rama ao Brasil naquele momento. Em carta de 1979, o convida para uma reunião intitulada *Jornadas de Literaturas Latinoamericanas*, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (UNICAMP), na qual se realizaria uma troca de ideias e um diálogo em torno dos temas pertinentes à criação de um Programa de Estudos Hispano-americanos, tais como a integração ou a marginalidade da literatura brasileira em relação à produção latino-americana; a diversidade ou a unidade literária na América Latina; e a crítica e seus métodos diante da produção literária continental. Participaram também a crítica argentina Beatriz Sarlo e crítico peruano Antonio Cornejo Polar, e o objetivo principal, nas palavras do crítico brasileiro, era “promover la presencia en Brasil de la literatura y cultura de los países de lengua

<sup>128</sup> Republicado em português com o título “Os brasileiros e a literatura latino-americana”. *Novos Estudos Cebrap*, vol. I, nº 1. São Paulo: 1981, versão usada nesta pesquisa. Algum tempo depois, foi incorporado à compilação de “A educação pela noite”. Cf. CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Além disso, esse ensaio foi amplamente difundido em diversos países da América Latina e da Europa. Destacam-se a tradução espanhola, “El papel del Brasil en la nueva narrativa”, publicado em VIÑAS, David; RAMA, Ángel; FRANCO, Jean. LEENHARDT, Jacques; DONGHI, Tulio Halperin; CANDIDO, Antonio; SOSNOWSKI, Saúl; MORA, Jorge Aguilar; DESNOES, Edmundo; SKÁRMETA, Antonio e GARRELS, Elizabeth. *Más allá del boom: literatura y mercado*. Cidade do México: Marcha, 1981, pp. 166-187.

española del continente<sup>129</sup>”. Não se tratava de uma replicação do projeto de *Ayachuco*, mas de algo mais modesto, em menor escala, cujo objetivo era investir, com auxílio de fundos financeiros de instituições brasileiras, em cursos, formação, pequenas bibliotecas, intercâmbios intelectuais etc.

A discussões provenientes deste encontro se prolongaram em um evento na *Universidad Simón Bolívar*, em Caracas, em 1982, cujo objetivo era discutir os parâmetros e os contornos da escrita de uma história da literatura latino-americana. Encabeçado por Ana Pizarro<sup>130</sup>, era parte integrante dos interesses da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC). Sobre o projeto, Ángel Rama demonstrou certa preocupação:

No bien leído tuve demasiadas críticas a hacer. Una de ellas, casi central, es que creo ha sido diseñado pensando exclusivamente en la literatura hispanoamericana y calculando que dentro de ella se podía hacer calzar a la brasileña, pero sin verdadero conocimiento de ella. No se cita un solo autor brasileño (ni Machado de Assis, que funda la novela para toda America) y el ordenamiento es estrictamente el habitual de esta zona. Otras objeciones tienes que ver con representación la literatura indígena y de la literatura colonial que es casi escamoteada, mientras se atiende muy detalladamente a periodos de literatura del XX, como “revolución mexicana”, etc. etc.

A ideia de incorporar os brasileiros também era de Pizarro, que buscou articular especialmente com Candido e Rama um apoio de peso à reunião. Os debates resultantes do encontro na Venezuela compuseram a publicação intitulada *Para una Historia de la Literatura latinoamericana*<sup>131</sup>. Segundo a chilena, a pretensão de analisar a América Latina partiu da visão do continente como algo fragmentado, mas inter-relacionado, com uma história colonial comum. Deram-se conta de que “en este continente la realidad cultural es otra: es múltiple y tenemos que acercarnos a la historia a la antropología, a la sociología, etc. Y yo creo que eso sin más, fue el gran avance que se vivió en la sociedad”<sup>132</sup>.

No entanto, aquele que prometia ser um momento de reencontro entre os dois amigos foi solapado por outra decepção. Diz Candido: “Fui a Caracas en gran medida por tu causa y quedé decepcionadísimo por no encontrarte. Sólo entonces

<sup>129</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 128.

<sup>130</sup> Nascida em 1941, no Chile, doutorou-se em Letras pela Universidade de Paris, em 1968. Seus estudos se voltam para discussões nas áreas de literatura comparada, historiografia literária e história cultural.

<sup>131</sup> PIZARRO, Ana (Coord.). *Hacia una historia de la literatura latino-americana*.

<sup>132</sup> MAÍZ, Claudio. Entrevista con Ana Pizarro: las redes de la crítica literaria y la gestación del proyecto de una historia de la literatura latinoamericana. *CILHA*, Mendoza, Argentina, ano 14, n. 17, 2013, p. 10.

tuve conocimiento de la gravedad del caso sobre tu visado de permanencia en los Estados Unidos<sup>133</sup>”. A resposta elucida o caso:

Gracias por tu carta y por tus palabras amigas en la reunión de la Simón Bolívar. Me apenó no poder estar en la celebración de la Ayacucho (era el cumpleaños del hijo crecido) [...]

Aquí las cosas tienen mejores visos desde la intervención del presidente de Colombia, Betancur, ante el presidente Reagan y desde que la Academia norteamericana comenzó a enojarse con el asunto y a sentirse agraviada por el tratamiento que nos han dispensado a Marta y a mí. Inepcia burocrática para algunos, vendetta política de la CIA para otros, delirio de conservadores para los más, ya no hago esfuerzos interpretativos. [...] Mi posición de socialista es clara y consecuente pero quienes no me conocen pueden ver mal mi legítima pelea para no permitir catalogaciones erróneas ni las oposiciones estúpidas a la libertad académica.

Este asunto ha desbaratado mi vida intelectual durante el año y quiero consagrarme al excesivamente ambicioso proyecto de reconstruir la historia cultural del continente en el XIX, para el que recibí una Guggenheim. Creo que me llevará los años que me queden de trabajo intelectual. [...] Hubiera querido ir a una reunión que proyectó Darcy pero aquí me negaron autorización.

Los colegas, los intelectuales, los organismos académicos y de derechos humanos han actuado con decisión y nos han respaldado. La jauría de exiliados cubanos ha hecho las bajezas (que alguien inspira, seguramente) llegando a extremos inimaginables, como artículos que desde el título me tratan de “delincuente”. La pelea ha sido por lo tanto dura, pero la solidaridad latinoamericana ha sido espléndida<sup>134</sup>.

A situação de Rama era delicada. Já fora do Uruguai por conta da ditadura que se instalou no país no ano de 1973, migrou por diversas nações do continente até instalar-se de vez na Venezuela, onde tentou desenvolver com mais afinco seu projeto de entrosamento da América Latina a partir da *Ayacucho*. Em algumas ocasiões, era convidado a ditar cursos e disciplinas em universidades americanas e europeias. Esses deslocamentos constantes faziam com que Rama vivesse sempre neste entre-lugar, sob o signo do exílio e do desencaixe, do não pertencimento. No caso mencionado na carta, a posição negativa do governo estadunidense em conceder seu visto de permanência no país e de autorizar sua saída para participar do congresso em Caracas se deu, sobretudo, por conta de questões político-ideológicas. O antissocialismo reinante nos Estados Unidos da América de Ronald Reagan<sup>135</sup> nos anos 1970 atingiu em cheio sua estadia no país e sua pretensão de participar ativamente do debate na Venezuela.

<sup>133</sup> CANDIDO, Antonio. *A experiência hispano-americana de Antonio Candido*, p. 138.

<sup>134</sup> Ibid., p. 139.

<sup>135</sup> Presidente dos Estados Unidos da América entre 1981 e 1989

Em solidariedade, Candido escreve *Ángel Rama*<sup>136</sup>, artigo publicado na Folha de São Paulo, no dia 5 de janeiro de 1983. Protestando contra a expulsão de Rama dos EUA, conclama intelectuais, professores, escritores a tomarem conhecimento da situação e a se posicionarem em protesto à injustiça cometida contra o uruguaio. Ressalta que Rama é figura central da história intelectual latino-americana, a quem os brasileiros deveriam prestar solidariedade e reconhecimento por conta de todo o “esforço constante que tem feito para nos tornar lembrados e presentes nesse grande movimento de fraternidade através da cultura, que é dos traços mais promissores do nosso tempo na América Latina<sup>137</sup>”. O texto, além de um gesto afável para um amigo, era também uma forma de se posicionar, do ponto de vista político e intelectual, em contraposição à atitude de um Estado diante de uma figura da magnitude de Rama, que foi fundamental em todo o processo de aproximação cultural e intelectual dos países latino-americanos.

Em relação à participação do crítico brasileiro no evento, a apresentação de *Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)*<sup>138</sup> atendeu à demanda de comunicação voltada para o debate público, indicando propostas e questões relativas à temática central do encontro. Neste escrito, enumera onze pontos importantes de análise, a partir dos quais indica dois ângulos possíveis para o estudo da literatura na América Latina: um que a enxerga como prolongamento das expressões poéticas das metrópoles e o outro que a percebe como constante ruptura com relação à produção europeia. Candido deixa claro que essas duas miradas não são antitéticas, mas sim representam um processo dialético de construção do fenômeno literário, na interconexão de forças sociais e estéticas aparentemente díspares.

Sua preocupação é também com a consolidação de uma historiografia literária cuja crítica se esforce para discutir os textos a partir de enfoques e visões múltiplas. Na esteira de todos os seus escritos sobre a literatura latino-americana, seu argumento tem por finalidade orientar e apontar as diretrizes para uma discussão teórica e metodológica sobre a forma específica de se estudar o fato estético em contextos periféricos.

o melhor esforço deve ser neste sentido, avaliando o peso político no estético (dadas as peculiaridades do continente) e tecendo uma teoria literária da América Latina,

<sup>136</sup> CANDIDO, Antonio. *Ángel Rama*. *Folha de São Paulo*, 5 de janeiro de 1983.

<sup>137</sup> Ibid.

<sup>138</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e História na América Latina (do ângulo brasileiro)*.

que reflita o movimento da sua história – luta constante e contraditória, primeiro, para se diferenciar internamente em nações; depois, para construir uma unidade continental que respeite a força criadora da diversidade<sup>139</sup>.

Essas discussões foram retomadas, em 1983, no segundo encontro organizado pela Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), pela *Universidad Simón Bolívar* de Caracas e pela Universidade de Campinas (UNICAMP), com apoio da UNESCO, que deu origem ao livro *La literatura latinoamericana como proceso*<sup>140</sup>, publicado dois anos depois, novamente coordenado por Ana Pizarro. Estiveram presentes Antonio Cornejo Polar, Ángel Rama, Rafael Girardot, Beatriz Sarlo, Domingo Miliani, Roberto Schwarz, José Luis Martínez etc. Aprofundando as discussões feitas na Venezuela um ano antes, foram debatidas questões relativas às perspectivas para uma periodização da história da literatura latino-americana, orientando os estudos na construção de critérios analíticos menos reducionistas, na busca por uma inserção desta produção em um contexto mais amplo, ligado à situação “ocidental e universal”<sup>141</sup>.

Essa reunião também foi a última vez em que Ángel Rama e Antonio Candido estiveram juntos. O crítico uruguaio e sua esposa, Marta Traba, sofreram um acidente de avião neste mesmo ano, quando viajavam de Paris para Bogotá, na Colômbia, para participarem do *I Encontro da Cultura Hispano-Americana*. A tragédia cessou a atuação de um intelectual que havia se empenhado para resgatar, debater, divulgar e integrar a cultura periférica latino-americana, em especial a literatura. Se foi com ele que Candido deu os primeiros passos em direção à análise mais acurada da produção continental, foi também após o falecimento do amigo que o crítico brasileiro diminuiu paulatinamente seu interesse pelas questões continentais.

## 1.6

### **Amizade, deslocamento: um olhar latino-americanista**

A produção ensaística de Candido que aqui apresentamos em sobrevoo guarda algumas diferenças com relação ao restante de sua obra. Em alguma medida, esses textos se fazem especialmente nesse contexto de viagem, nesse deslocamento para congressos, eventos, encontros, debates, discussões. Desde a primeira

<sup>139</sup> Ibid., p. 179.

<sup>140</sup> PIZARRO, Ana (coord.). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

<sup>141</sup> Ibid., p. 141.

publicação na página da *Iberoamerica*, passando por reuniões realizados em países como EUA, Canadá, Cuba, Venezuela, México, Itália, Brasil, dentre outros, o interesse pelo estudo da cultura e da literatura latino-americanas vai ampliando-se a medida em que os intercâmbios, as redes e as trocas intelectuais vão se dinamizando e se ampliando. A formação de um pensamento crítico sobre a América Latina na trajetória do crítico brasileiro apresenta-se atravessada por uma infinidade de vetores, mas é especialmente na demanda do espaço público periférico que ele constrói um argumento geral e uma hipótese explicativa acerca de questões candentes do campo da crítica e da história literária latino-americanas.

Esses projetos funcionaram dentro do registro de um clima histórico que misturava uma série de visões acerca das transformações econômicas, políticas e sociais que assolavam o continente. As disputas em torno de projetos de modernização e a eclosão da Revolução Cubana, que marcaram a condição latino-americana nos anos 1950 e 1960, conformaram uma estrutura de sentimentos dos intelectuais da época<sup>142</sup>. Os debates públicos sobre cultura eram atravessados por um espectro vocabular amplo, reunindo palavras e conceitos como independência, autonomia, autossuficiência, integração, entrosamento, aproximação, trocas, contatos, influências e unidade. Além disso, as discussões na América Latina na segunda metade do século XX, elaboradas a partir das redes de contatos transnacionais, aproximaram figuras de diversos matizes teóricos e campos disciplinares na busca por interferir na dinâmica da formação de um pensamento crítico desde a periferia.

No caso específico do contato entre Candido e Rama, desenhou-se também uma relação de amizade. A última carta trocada pelos dois críticos dá o tom:

Pocas veces la “lettre du chateau” será tan sentida y agradecida como esta, y tan llena de disculpas por las incomodidades que les provoqué. Lo pasé muy bien con Uds. y no tengo sino agradecimientos y disculpas: como bien vieron me encontraba bastante fatigado (la fumareda compulsiva es um buen índice) y llegué agotado. [...] Fue muy bueno verlos, poder platicar apaciblemente en la casa, en reunión de familia, y sentir la gratitud del encuentro después de tantos años<sup>143</sup>.

A dimensão subjetiva circunscreve a forma como o crítico uruguaio narra o encontro. A convivência em ambiente familiar e as trocas sentimentais e

<sup>142</sup> “Uma qualidade particular da experiência social e das relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares, que dá o senso de uma geração ou de um período”. Cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 133.

<sup>143</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 144.

intelectuais desenham uma dimensão afetiva importante. Uma relação de amizade que se estabelece no primeiro contato físico, em 1960, e que se estende até 1983, quando Rama morre. Uma conexão não somente crítica, de troca de conhecimentos e de esboço de pensamentos cruzados, mas que gerou reelaborações pessoais e intelectuais, reorientou caminhos de pesquisa e vida, refez espaços de circulação e formas de atuação em meio à realidade latino-americana na segunda metade do século XX.

O amigo é, por isso, um outro si, um heteros autos. Na sua tradução latina – alter ego – esta expressão teve uma longa história, que não é aqui o lugar de reconstruir. Mas é importante notar que a formulação grega tem algo a mais do que nela compreende um ouvido moderno. Antes de tudo, o grego – Como o latim – tem dois termos para dizer a alteridade: *allos* (lat. *Alius*) é a alteridade genérica, *heteros* (lat. *Alter*) é alteridade como oposição entre dois, a heterogeneidade. Além disso, o latim *ego* não traduz exatamente *autos*, que significa “si mesmo”. O amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na “mesmidade”, um tornar-se outro do mesmo. No ponto em que eu percebo a minha existência doce, a minha sensação é atravessada por um com-sentir que a desloca e deporta para o amigo, para o outro mesmo. A amizade é essa des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si<sup>144</sup>.

A amizade entre os dois não se desenhou como espelhamento, em que há uma reprodução de aspectos intelectuais de forma mecânica. A questão central não se refere a uma simples apropriação da alteridade, tampouco de uma mera influência. Antes, trata-se de uma forma de reelaboração de si a partir desse contato com o outro. Como ressalta Agamben, uma diferença que se instaura na “mesmidade do eu”. Os dois críticos, assim, parecem sentir juntos os impactos das mudanças pelas quais passou a América Latina ao longo do século XX. Deste modo, conformam subjetividades que se cruzam no horizonte do continente, em uma relação que gerou reelaborações pessoais e intelectuais, reorientou caminhos de pesquisa e ditou formas de pensamento crítico comuns entre os dois.

No caso do crítico brasileiro, a escrita de olhar latino-americanista é construída nesse contato com Rama, mas também e sobretudo a partir da constância do deslocamento do olhar para além das fronteiras nacionais. É esse o contexto que excita a produção de seus textos sobre o movimento geral da literatura do continente nos séculos XIX e XX. Montevideu, Gênova, Ottawa, Caracas, Yale, *Argumento*, Cornell, Cuba, dentre outros, foram espaços que abrigaram discussões, debates e tarefas de empenho intelectual, que levaram Candido a ampliar seu horizonte de

<sup>144</sup> AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

discussão, produzindo análises sobre a cultura de *Nuestra América*. E são esses ensaios que analisaremos no próximo capítulo.



## 2

**Antonio Candido e o ensaísmo latino-americanista**

Neste segundo capítulo, discutiremos os textos em específico: *Literatura de dois gumes* (1966), *Literatura e subdesenvolvimento* (1970), *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* (1973) e *O papel do Brasil na nova narrativa* (1981) e *Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)* (1982), textos que interpretam o movimento geral da literatura latino-americana dos séculos XIX e XX. Partiremos de um debate teórico sobre a forma ensaio, uma opção estético-política do crítico brasileiro que se ligava tanto à condição da circulação do conhecimento no espaço da América Latina quanto à própria maneira de se conceber, do ponto de vista intelectual, uma explicação para o fenômeno da cultura no cenário periférico da época. Nesse sentido, veremos como a partir deste ensaísmo Candido desenha um argumento de que o produto estético latino-americano, sobretudo a produção literária, viveu sempre atravessado, do ponto de vista formal e temático, por um “sentimento de contrários”: uma dialética entre o universo dos valores urbanos, com sua abertura à linguagem universal, e uma revisada nativista, que retoma, de forma transfiguradora, o material local. Para ele, a modernidade latino-americana, desenhada ao longo dos séculos XIX e XX, levou a literatura a uma expressão de maturidade, chamada de super-regionalista, que foi capaz de equilibrar esta dialética nacional/cosmopolita, produzindo obras mais críticas, reflexivas e conscientes do possível caráter dependente das culturas periféricas.

## 2.1

**Ensaio, política e estética: forma da crítica e circulação intelectual**

Na América Latina, a escrita ensaística vigorou mais fortemente a partir do contexto das independências, no século XIX, em que uma série de pensadores se voltou à leitura crítica da história “americana” a partir de reflexões filosóficas e políticas. Por ensaio, entende-se uma

prosa no ficcional destinada a tratar todo tema como problema, a ofrecer nuevas maneras de ver las cosas, a reinterpretar distintas modalidades del mundo, a brindarnos, ya nuevas síntesis integradoras, ya exploraciones de frontera y de límite, cruces de lenguajes, en un estilo ya denso y profuso, ya ligero y lúdico<sup>145</sup>.

<sup>145</sup> WEINBERG, Liliana. El ensayo latinoamericano entre la forma de la moral y la moral de la forma. *Cuadernos del CILHA*, vol. 8, n° 9, 2007, p. 117.

Na virada para o século XX, o ensaísmo adquiriu novas feições ligadas à atuação mais ampla de intelectuais no espaço público, sobretudo em periódicos, o que modificou suas temáticas e seu foco, passando a tratar, em alguns casos, da comunicação de diagnósticos da vida social em curso. Foi desta concepção que partiram diversos textos dos anos 1920 e 1930, período de explosão catártica dos “ensaios de interpretação”, diretamente afetados pelos processos de modernização que tomaram conta do espaço latino-americano. Com isso, os ensaístas passaram a se preocupar também com a conformação de uma dimensão cultural das sociedades do continente a partir, sobretudo, das expressões literárias. Esta forma textual só vai perder espaço com a consolidação das ciências sociais, que emergem no primeiro quartel do século XX e se consolidam mais fortemente no pós anos 1950.

Con la consolidación de las ciencias sociales en el espacio académico latinoamericano se rearticula la relación entre el ensayo y otras formas discursivas disciplinarias, cuya expansión llevó a relegar los ensayos de interpretación a una mera función de antecedentes del discurso académico riguroso, acusados muchas veces de lirismo y voluntarismo en el análisis<sup>146</sup>.

Antonio Candido participa ativamente deste irrupção do século XX. Até o final dos anos 1940, parte considerável de sua produção são inúmeras notas ensaísticas de crítica literária publicadas, de forma esparsa, em jornais e revistas. Já no contexto dos anos 1950 e 1960, foi um dos responsáveis, no âmbito dos estudos literários, pela transição deste discurso da “crítica de rodapé” em jornais para a crítica universitária, vinculada ao espaço acadêmico a partir de balizas tidas como “científicas”, em forte diálogo com disciplinas como sociologia, antropologia e linguística. Tal institucionalização se deu sobretudo em meio à expansão de cursos superiores em Letras, movimento que acompanhou o aumento da oferta de universidades no espaço brasileiro.

É necessário lembrar, antes de tudo, que na própria trajetória de Candido a “estabilidade” profissional na área de estudos que ele desejava se deu de forma relativamente tardia, se comparada ao início de suas atividades intelectuais no espaço público. Em 1944, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo abriu concurso para a cadeira de literatura brasileira, que à época era comandada, de forma provisória, por Mário Pereira de Souza Lima. Em texto que relata este

<sup>146</sup> WEINBERG, Liliana. El ensayo y la interpretación de América. In: ARMIJO, Mercedes de Vega (coord.). *La búsqueda perpetua: lo propio y lo universal de la cultura latinoamericana. La literatura hispano-americana*. México, Dirección general del acervo histórico diplomático, Secretaría de relaciones exteriores, 2011, p. 246.

evento, Candido revela seu objetivo inicial ao participar do concurso: a possibilidade de elaborar uma tese de livre-docência, “passaporte eventual para as letras<sup>147</sup>”. Não tendo sido aprovado no pleito, regressa à condição de assistente da cadeira de Sociologia II na FFCL/USP, que tinha Fernando Azevedo como titular. Neste momento, como ressalta Rodrigo Ramassote<sup>148</sup>, a instauração do regime de trabalho integral para os assistentes deu ao crítico a condição de vivenciar, de forma mais integrada, o espaço acadêmico. Com isso,

decidiu suspender, ainda que provisoriamente, os rodapés literários. Redefinindo suas prioridades profissionais, no ano de 1947, iniciava uma nova fase em sua trajetória, na qual passava a investir mais seriamente na produção de conhecimento na área de sua formação acadêmica inicial, até o momento deixada em segundo plano em favor dos compromissos com a atividade literária. Surgia então o primeiro artigo publicado no campo da sociologia, *Opiniões e classes sociais no Tietê* (1947), a que se seguiram onze artigos, publicados entre 1947 e 1956, num ritmo contínuo de um por ano, “com exceção de 1950, quando não publicou, e 1954 e 1955, quando foram duas publicações<sup>149</sup>”.

Este processo vai desembocar, como mostramos no primeiro capítulo, na elaboração de uma tese situada na fronteira entre sociologia e antropologia, *Os parceiros do Rio Bonito* (1954). Entretanto, já nesse estudo Candido optou por um deslocamento em relação aos protocolos de cientificidade que passavam a vigorar no âmbito das Ciências Sociais. Criticado por “misturar esquemas teóricos incompatíveis e também por apresentar linguagem pouco científica<sup>150</sup>”, optou pela conjunção de dois elementos: uma linguagem aberta e pouco normativa e a diversidade metodológica, com referências de diversas áreas de conhecimento que não apenas a Sociologia. A recepção negativa de parte da banca que acolheu o trabalho, em especial de Florestan Fernandes, demonstra que

[a concepção de sociologia da época], animada por um “espírito” cientificista, afeita à ideia positivista de pesquisa como sinônimo de análise sistemática da realidade [...] ‘expulsou’ de seus horizontes, quando não dos seus espaços de atuação institucional e de seu universo discursivo, o ensaio e as dimensões estéticas dos fenômenos sociais<sup>151</sup>.

A partir desta divergência, Candido parece ter percebido a dificuldade que teria, no campo da sociologia, em estudar tanto a literatura quanto a cultura de forma

<sup>147</sup> CANDIDO, Antonio. Mário e concurso. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 244.

<sup>148</sup> RAMASSOTE, Rodrigo. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista IEB*, nº 50, 2010, p. 111.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 111.

<sup>150</sup> JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 62.

<sup>151</sup> PONTES, Heloisa. A paixão pelas formas. *Novos estudos – CEBRAP*, nº 74, 2006, p. 90. [Grifo meu]

geral. Tanto que em 1957 aceita convite para deixar a USP e ingressar nos quadros da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, onde ocuparia a cadeira de Literatura Brasileira. Além do elogio à experiência de ter vivido nesta cidade<sup>152</sup>, ao que parece, a passagem pelo interior de São Paulo serviu para consolidar “o respaldo acadêmico necessário para legitimar a condição de professor e pesquisador da área de Letras<sup>153</sup>”, algo que vai se consolidar, de fato, quando assume a cadeira de titular em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, em 1961, mas também com a publicação de seu trabalho mais grandioso, *Formação da literatura brasileira* (1959).

A grande questão, contudo, é que esta atuação universitária não era comum no restante da América Latina. Luiz Jackson e Alejandro Branco, em artigo intitulado *Três críticos latino-americanos*, ressaltam especificamente o papel da crítica literária no universo intelectual mexicano, brasileiro e argentino no século XX a partir de algumas modalidades de institucionalização. Partindo de José Luis Martínez (1918-2007), Adolfo Prieto (1928-2016) e do próprio Antonio Candido, procuram apontar como a crítica foi impulsionada pela inclusão, no âmbito acadêmico, dos cursos superiores em Letras, que alavancaram a possibilidade de construção de discursos especializados sobre o campo da literatura, cada qual com protocolos e regimes de cientificidade próprios.

No artigo, a tese central orbita em torno da ideia de que este processo de institucionalização é fruto da crescente urbanização de São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México, que, no início do século XX, se consolidaram como “metrópoles culturais”, alargando o mercados de bens culturais a partir da criação de veículos de imprensa, editoras, revistas, museus e teatros. Decorre disso uma mudança no sistema universitário, que ampliou a quantidade de alunos e maximizou a oferta de cursos e disciplinas. No âmbito dos estudos literários, isso levou a uma disputa importante entre críticos e escritores pela “arbitragem do campo”, que incrementou as discussões sobre a crítica literária como ciência ou como saber especializado, até

<sup>152</sup> Em carta a Ángel Rama, escrita em 22 de novembro de 1960, diz: “Esta carta tem a finalidade de lhe participar que dentro de poucos dias retorno a São Paulo, para a Universidade, como Professor de Teoria Literária. [...] Deste modo, termina, para mim, a experiência de Assis, que foi excelente. Creio que nunca mais terei na vida condições materiais tão favoráveis de trabalho”. CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 43.

<sup>153</sup> RAMASSOTE, Rodrigo. *Antonio Candido em Assis e depois*, p. 117.

então praticada de forma mais livre e entendida como um gênero menor da literatura<sup>154</sup>.

México, Argentina e Brasil, contudo, representam uma exceção à regra. Segundo Pablo Rocca, no caso da relação entre Candido e Rama, no início dos anos 1960, havia um contraste importante: como quase todos os seus contemporâneos do espaço hispano-americano, o uruguaio teve formação “autodidata”, longe do ambiente universitário. “Los separaba las formas de producción de discursos y las condiciones en que cada uno se desempeñaba. La especialización y concentración de Candido chocaba con la dispersión del montevidiano<sup>155</sup>”. Se é possível afirmar, a partir de Jackson e Blanco, que a crítica literária encontrou sua especialização em espaços como os da Universidade Nacional Autônoma do México, Universidade de Buenos Aires e Universidade de São Paulo antes da década de 1950, não é possível afirmar contudo que o restante dos países do continente vivenciou o mesmo processo.

É exatamente por conta desta inserção universitária tardia dos intelectuais estudiosos das letras que o projeto latino-americanista de Candido tomou uma forma específica, tanto na sua expressão textual quanto na circulação de suas ideias. Como vimos no primeiro capítulo, seus escritos circularam em regiões fora deste “eixo central”, em países como Uruguai, Venezuela, Peru, Chile e, sobretudo, Cuba. Nesse sentido, a escolha pelo ensaio passa a ser uma decisão estético-política

El ensayo es, como se dijo, una de las formas más enfáticamente “sociables”, em quanto precisa de la participación de autor y lector en el acto de lectura y discusión para completar su sentido: éste es, insistimos, uno de los vértices necesarios del proceso interpretativo que despliega. Y esto implica para nosotros no sólo la necesidad de tomar en cuenta al lector abstracto, sino las distintas redes de debate en que inserta y a las cuales el propio texto a su vez ‘internaliza’ y traduce simbólicamente. El ensayo permite así descubrir los procesos de configuración, apertura, crisis, transformación de las tradiciones y discusiones que se alberga en um campo intelectual y literario específicos y poner em escena los elementos de tensión y acuerdo que deciden em cada momento histórico la posibilidad de su autonomía relativa respecto de otras órbitas del quehacer social. El ensayo logra también traducir simbólicamente, internalizar y configurar artísticamente las discusiones que se dan em el seno de las formaciones culturales y de las redes de debate intelectual<sup>156</sup>.

<sup>154</sup> JACKSON, Luiz Carlos e BLANCO, Alejandro. Três críticos latino-americanos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, nº 47, 2018, p. 141.

<sup>155</sup> ROCCA, Pablo. Prólogo. In: CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*, p. 8.

<sup>156</sup> WEINBERG, Liliana. *Situación del ensayo*. Ciudad Universitaria: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2006, p. 119.

O ensaio como forma fundamentalmente sociável de conhecimento necessita da complementação de sentidos a partir da recepção de leitores e autores. Ao condensar diversas elaborações de ideias que circulam em determinados espaços públicos, trata-se, ele próprio, de um resultado da diversidade de artefatos intelectuais que uma sociedade é capaz de produzir. É por isso que Candido, no contexto entre os anos 1960 e 1980, não vai restringir sua atuação à formação de um campo disciplinar com regras e regimes normativos voltados à inteligibilidade acadêmica. Ainda que estivesse bastante preocupado com este processo de inserção do estudo das letras no espaço universitário, o que chama a atenção é que *Literatura de dois gumes* (1966), *Literatura e subdesenvolvimento* (1970), *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* (1973), *O papel do Brasil na nova narrativa* (1981) e *Literatura e História (do ângulo brasileiro)* (1981) são ensaios de interpretação que, em seus conteúdos, abordam aspectos da formação histórica da América Latina. Do ponto de vista da forma, são textos abertos à discussão, que acabam circulando no espaço transnacional latino-americano. Isto posto, vejamos.

## 2.2

### **Sentimento de contrários e dois gumes: transfiguração, genealogia e dialética**

Em 1966, um ano após o *Terzo Mondo*, Candido é convidado para participar de um evento na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos da América. Na impossibilidade de se fazer presente, envia um texto para ser traduzido e apresentado por Celso Lafer<sup>157</sup>: *Literatura de dois gumes*<sup>158</sup>, importante ensaio que procura abordar a literatura mais como “fato histórico” que como “fato estético”. Nele se encontra não um paralelo simplificador entre história social e criação literária - um mecanicismo de caráter sociológico - mas sim um entendimento da cultura como um sistema de produtos que são frutos das comunicações entre os

<sup>157</sup> Nascido em 1941, é um advogado, jurista e professor, membro da Academia Brasileira de Letras e ex-ministro das Relações Exteriores brasileiro nos anos 1990. Entre os anos 1960 e 1970, cursou mestrado e doutorado em Ciência Política em Cornell, que sediou o referido evento.

<sup>158</sup> Em inglês, foi publicado como CANDIDO, Antonio. *Literature and the rise of Brazilian self-identity*. *Luso-Brazilian Review*, vl. Winsconsin: EUA, 1968. Depois, em português, no Suplemento Literário de Minas Gerais com o nome de *Literatura e consciência nacional*, em 1969. O texto final encontra-se no livro *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 198, versão que utilizaremos neste trabalho.

seres humanos, o que exige que se leve em conta os fortes vínculos que existem entre a arte e a materialidade do mundo prático e concreto.

Nesse sentido, o objetivo geral do texto é perceber de que maneira a formação literária está totalmente ligada a aspectos fundamentais da organização social, da mentalidade e da cultura brasileira. Em outros termos, ver como as sugestões e marcas do meio se incorporam à estrutura e à temática das obras, tornando-se substância do ato criador do escritor. Recortado o período entre os séculos XVI e XIX no Brasil, Candido pretendia partir da expressão do “sentimento dos contrários”, que “procurar ver em cada tendência a componente oposta, de modo a apreender a realidade em sua forma mais dinâmica, que é sempre dialética<sup>159</sup>.” E é nessa percepção dialética que reside um aspecto importante, que vai repercutir nos outros ensaios: a tentativa de enxergar a formação da literatura brasileira e, por extensão, latino-americana não somente a partir da ideia de cópia dos moldes europeus, mas também como luta constante por uma expressão cultural autônoma<sup>160</sup>.

Com relação às obras anteriores de Candido, neste ensaio encontra-se uma modificação vocabular importante. Conforme diz Anita Moraes,

ao invés de povos jovens e velhos, temos colonizados e colonizadores; os homens cultos agora fazem parte da classe dominante, estando a literatura implicada em práticas de conquista, opressão, violência. O que na *Formação* é ‘transplante’ da cultura europeia, neste ensaio posterior é ‘processo colonizador’. [...] Nota-se que o estudioso mantém sua tese da tensão entre tendências universalistas e particularistas, ou seja, da adaptação das formas europeias para o tratamento da realidade local. Não se trata mais, porém, de um processo gradual (e penoso) de aclimação, mas de um episódio da colonização<sup>161</sup>.

O fato de *Literatura de dois gumes* ter sido escrito em 1966, “no calor do momento”, nos faz arriscar a hipótese de que as discussões presentes no congresso de Gênova, em 1965, reverberaram de maneira decisiva não somente na forma como vai enxergar a literatura brasileira, mas também na abertura de olhar em direção ao cenário latino-americano. Como ressaltamos no capítulo anterior, neste evento o crítico brasileiro se viu pela primeira vez impactado diretamente com a força da crítica e da literatura do chamado “terceiro-mundo”, formado sobremaneira

<sup>159</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 02

<sup>160</sup> Em grande medida, é esse o mote já germinado em *Formação da Literatura Brasileira*, que se caracteriza por um estudo da “história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura”. Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*.

<sup>161</sup> MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Literatura de dois gumes*. In: *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 69.

pelas nações que lutaram por suas independências ao longo dos séculos XIX e XX. No encontro, toma a centralidade da discussão a já propalada ligação das culturas periféricas com os elementos da cultura europeia, lida porém na chave da complexidade de relações que se constroem não de maneira mecânica, mas sim a partir da potencialidade criativa e transfigurativa que há nos choques decorrentes da colonização. É como se o mote central do evento fosse a busca por uma resposta à seguinte pergunta: “O que caracteriza como singular a condição pós-colonial de algumas nações?”. Não é neste momento ainda que Candido vai ensaiar alguma resposta, mas é possível enxergar, já no final da década de 1960, os impactos que esta indagação vai ter em seus escritos.

O ensaio se inicia com uma discussão sobre as questões que envolvem justamente a ideia de imposição cultural colonizadora, ou seja, uma leitura sobre o tema da “adaptação” dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições sociais do Novo Mundo - as Américas, intermediado pelo processo colonizador. Esta visão, talvez fundante de uma linhagem do pensamento brasileiro, coloca a formação da literatura nacional como um processo essencialmente europeizante, posto que o produto estético quase sempre realizava um movimento de continuação das tradições das metrópoles. Se parasse aí, seria possível dizer que *Literatura de dois gumes* é de fato uma continuidade de *Formação da literatura brasileira*, uma “passagem de tocha”, para usar a metáfora candidiana, em que se desenha a imagem de um encadeamento intelectual no plano das ideias.

O argumento, contudo, procura avançar também em outra direção. Ao interpretar as características singulares do contato europeu, na região do Novo Mundo, com um conjunto de povos e etnias de cores e tradições diversas das europeias, que posteriormente vão se somar às centenas de milhares de pessoas trazidas do continente africano na condição de escravos, Candido enxerga a produção de uma ambivalência: de um lado, a tentativa de imposição, por parte dos colonizadores, do que era produzido nas sociedades do Ocidente; de outro, como consequência desse processo, explode uma necessidade quase ontológica de exprimir e representar essa nova realidade natural e humana que foi encontrada no continente “descoberto”. A consequência disso é que a cultura europeia, diante da



novidade, precisou conceber uma experimentação artística nas Américas, não apenas impor seus parâmetros trazidos ao longo do processo de colonização<sup>162</sup>.

Candido procura também se colocar contrário à visão de que a literatura brasileira seria o resultado da atuação ativa de três “raças”: a do português, a do índio e a do africano. Especialmente ao longo dos séculos XIX e início do XX, esta questão do cruzamento cultural multiétnico no Brasil foi colocada como um importante aspecto pela historiografia nacional. A ideia de pensar o país a partir das especificidades e peculiaridades da formação, advindas sobretudo do caráter multifacetado das populações residentes ao longo de todo o território, levou à produção de ensaios, artigos, livros e obras cujos sentidos se ligavam à tentativa de produzir sínteses que fossem capazes de explicar o passado brasileiro, apontando para um horizonte de consolidação de projetos de poder político no contexto de emergência da Monarquia e, depois, da República.

Nesse sentido, umas das primeiras interpretações que apontam a “mistura cultural” como fator importante de análise foi a do alemão Karl von Martius, na primeira metade do século XIX. No ano de 1844, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) realizou um concurso intitulado “como escrever a história do Brasil”. Martius, declarado vencedor com uma dissertação cujo título reproduz *ipsis litteris* a pergunta colocada, colocou em cena uma tese:

Qualquer que se encarregar de escrever a História do Brasil, país que tanto promete, jamais deveria perder de vista quais os elementos que aí concorreram para o desenvolvimento do homem. São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular três raças, a saber: a de côr de cobre ou americana, a branca ou Caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças destas três raças, formou-se a actual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular<sup>163</sup>.

A leitura não pretendia igualar, em grau de importância, a contribuição das três raças. No decorrer do argumento, nota-se uma preponderância da figura do homem branco europeu, que acaba por sobrepor, em primeiro lugar, a figura do índio idealizado, colocado como fator secundário da formação; e, depois, acaba por apagar a “raça negra”, nos próprios termos do alemão, que praticamente vai ter seu papel silenciado. Cabe ressaltar, porém, que von Martius lançou as bases de uma visão que constantemente vai ser atualizada, reapropriada e modificada, ao sabor e

<sup>162</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 02

<sup>163</sup> MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 6 (24), 1845, p. 01.

ao gosto de cada contexto e de cada projeto político e historiográfico. Trata-se de uma posição, em certa medida, paradigmática, que deslocou de forma relativa a visão usual da univocidade heroica do colonizador português como aquele que erigiu, solitariamente, uma nação inteira, abrindo as portas para novos atores sociais<sup>164</sup>.

Outra percepção importante que aponta para esta discussão é a de Silvio Romero. Leitura incontornável de Candido, o sergipano, no final do século XIX, procurou interpretar a composição étnica e antropológica da população brasileira a partir do parâmetro da mistura e do cruzamento de “raças”: índios, negros e brancos<sup>165</sup>. No caso de Romero, porém, há uma longa discussão sobre uma inevitabilidade e uma positividade relativa desta miscigenação, sobretudo pelo traço de originalidade local brasileira, que com o passar dos anos e o avançar da fusão étnica levaria a nação a consolidar uma figura singular e genuína: o mestiço.

Sabe-se que a seleção natural na mestiçagem ao cabo de algumas gerações faz prevalecer o tipo da raça mais numerosa (...) a branca. Quase não temos mais famílias extremamente arianas; os brancos presumidos abundam. Dentro de dois ou três séculos a fusão étnica estará talvez completa, e o brasileiro mestiço bem caracterizado<sup>166</sup>.

Já no século XX, especialmente no decênio de 1920, a leitura sobre o passado nacional à luz das questões de caráter biológico dá lugar a algumas interpretações culturalistas, em um viés mais sociológico<sup>167</sup>. É nesta moldura que se consolida, na obra *Casa Grande & Senzala*, a tese do pernambucano Gilberto Freyre, que dá à mestiçagem um caráter extremamente positivo e redentor da formação brasileira. A mistura de raças, na leitura freyreana, levaria à consolidação de um modelo democrático estável e a uma cultura homogênea e mista.

Com efeito, com esse e outros trabalhos, Freyre fazia uma apologia da civilização luso-tropical, resultado inesperado e original da estratégia lusitana de adaptar a civilização europeia aos trópicos. Tratava-se de uma civilização simbiótica - que

<sup>164</sup> Para um debate mais aprofundado sobre a importância do IHGB e das teses de von Martius, cf. GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e Natureza em von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação. *Manguinhos - História, Ciências, Saúde*, v. II, p. 391-413, 2000; SCHWARCZ, Lília Moritz. Usos e Abusos da Mestiçagem e da Raça no Brasil. *AFRO-ASIA*, Bahia, v. 18, p. 31-45, 1997 e VAINFAS, Ronaldo. Colonização, Miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Tempo (London)*, Niterói, v. 8, p. 7-22, 1999.

<sup>165</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 52ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1953 [1888].

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>167</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. Complexo de Ze Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 29, n.10, p. 17-30, 1995.

congregava de forma sincrética e feliz negros, índios e brancos - e pioneira em função da ausência de segregação e de uma miscigenação extremada e singular<sup>168</sup>.

Nas teses de Martius, Romero e Freyre, assim, ainda que de formas distintas, fixa-se a ideia de que o Brasil é composto essencialmente por três raças, que dão suas contribuições em menor ou menor grau ao concerto das civilizações e à cultura nacional. Ao que parece, é deste conjunto de leituras (e de outras) que Candido parte para construir uma interpretação alternativa e, em alguma medida, singular. Para o crítico brasileiro, os povos indígenas e africanos, no território das Américas, exerceram uma influência apenas no plano folclórico<sup>169</sup> quando se trata da consolidação do sistema literário. Quer dizer, no caso da literatura escrita, tais grupos atuaram de “maneira remota”, salvo na influência que tiveram na mudança da sensibilidade portuguesa, que consequentemente afetou a criação estética. Sendo, assim, Candido considera que, ao invés de uma fusão previa para formar uma literatura, o que houve foi a “modificação do universo de uma literatura já existente, importada com a conquista e submetida ao processo geral de colonização e ajustamento do Novo Mundo<sup>170</sup>.

Na radicalização desta tese, é possível dizer que no Brasil a literatura foi, em primeiro lugar, uma expressão da cultura do colonizador; e que, depois, tornou-se a expressão do colono de origem europeia. Em ambos os casos, portanto, a posição decorrente da condição de dominância serviu, quase sempre, como forma bastante eficaz de impor um conjunto de valores às culturas consideradas “primitivas” que compunham o mosaico social e cultural nacional. A literatura, assim, funcionou como componente central do processo colonizador. Salvo raras exceções, em que ao longo do território brasileiro as culturas dominadas eram permitidas como apêndice ou como elemento pitoresco e como forma de realçar, distinguir e criar um contraste com a cultura dominante, na maioria dos casos estas expressões dos nativos e dos africanos encontrou uma série de restrições às suas expressões. Em suma, nesse processo de imposição cultural, a literatura realizou trabalho

<sup>168</sup> Ibid., p. 06.

<sup>169</sup> No conjunto da obra de Candido, este conceito encontra difícil definição. Em alguma medida, associa-se, quase sempre, às expressões culturais não eruditas ou às formas literárias “não consagradas”. Para Anita Moraes, “o folclore se caracteriza, na perspectiva do autor, pela pouca autonomia da palavra quanto a elementos performativos, que são também sonoros e visuais”. Cf. MORAES, Anita Martins Rodrigues de. Da natureza à cultura: literatura e folclore no pensamento de Antonio Candido. In: *Brasa Conference*, 11, Champaign-Urbana, 2012, p. 05.

<sup>170</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 03

importante, pois serviu de mecanismo de controle e submissão dos povos dominados aos ditames e às regras dos colonizadores<sup>171</sup>.

Esta conclusão se liga diretamente a um dos traçados presentes nos debates de Gênova: os mecanismos que conformaram a dominação colonial. Contudo, se a ideia do ensaio é ver em cada tendência analisada a sua “componente oposta”, conforme mencionado acima, Candido então procura caminhar também em outra direção decorrente destes debates do *Terzo Mondo*: a questão da autodeterminação dos povos colonizados. Por isso, ele procura apontar como a mesma colonização portuguesa, no caso brasileiro, gerou sua própria contradição. Ou seja, como, “ao se modificar para se adaptar, acabou criando e consolidando as classes dominantes coloniais<sup>172</sup>”, que posteriormente, sobretudo nas viradas dos séculos XVIII e XIX, vão fortalecer o choque de seus interesses com os desígnios do controle metropolitano.

Candido tece uma crítica à leitura dos românticos de que o caráter alienante da importação das formas culturais europeias levou a elite cultural brasileira a uma situação dificultosa ao se chocar com esse afluxo externo no momento de exprimir suas próprias ideias. Ressalta ele, porém, que essa literatura, ao manter amplas relações com a realidade social que a circunda, acaba incorporando boa parte das contradições que existem no mundo material, levando-as ao nível da elaboração estética – temática e formal. Sendo assim, a própria adaptação desta arte ao meio “americano”, ao invés de impossibilitar certa expressão local, acabou ampliando a condição de se expressar um sentimento de reação à colonização.

As academias [literárias], por exemplo, na medida em que pesquisaram o passado, valorizaram as figuras dos brasileiros natos e exaltaram a importância dos seus feitos, acentuando os traços próprios do País e preparando deste modo as atitudes nacionalistas em embrião<sup>173</sup>.

Esta ambivalência, fruto da exploração intelectual europeia sobre o cenário brasileiro, segundo ele, levou à consolidação de obras como *O peregrino da América* (1728), de Nuno Marques Pereira; *História da América Portuguesa* (1730), de Sebastião Rocha Pita; “O Uruguai” (1769), de Basílio da Gama; “Vila Rica” (1776), de Claudio Manuel da Costa; e “Caramuru” (1781), de Santa Rita Durão. Sobre elas Candido lança um duplo olhar: de um lado, a ideia de que

<sup>171</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 04.

<sup>172</sup> Ibid., p. 05.

<sup>173</sup> Ibid., p. 05. [Grifo meu]

consolidaram um conformismo com relação à colonização, colocando-a como justa, aceitável e fecunda, posto que implementou um conjunto de valores morais, políticos e religiosos capazes de civilizar a barbárie do Novo Mundo. Por outro lado, nessas mesmas obras seria possível enxergar a gestação de alguns sentimentos importantes que, mais à frente, alavancariam o desejo de emancipação: em Rocha Pita, por exemplo, elabora-se um nativismo que sustenta a possibilidade de traçar uma diferenciação do país com relação à metrópole; em Basílio da Gama, ao passo que há o elogio da ação do Estado na guerra contra as missões jesuíticas no Sul, havia também um interesse pela ordem natural da vida indígena e pela beleza do mundo americano, visão que posteriormente vai ser retomada pelo Indigenismo; no *Caramuru*, de Rita Durão, a incorporação das ambiguidades da sociedade local valia como “glorificação do português e como glorificação do País, onde o brasileiro já começava a sentir-se coagido pelo sistema colonial<sup>174</sup>.”

O que há de mais interessante no desenvolvimento do argumento é a ideia de que, sobretudo a partir do século XVIII, este processo de importação da cultura e da literatura europeias nas colônias levou à criação de novos temas literários e também novas maneiras de tratar os velhos problemas. Em outros termos, algumas obras, ainda que possibilitem um reforço da ordem política e cultural dominantes, passaram a se utilizar mais de sugestões, personagens e cenários locais, o que, para o crítico brasileiro, acabou por funcionar como uma possibilidade de afirmação das peculiaridades nacionais, abarcando sentimentos singulares contra a “superimposição externa<sup>175</sup>.” Assim, o que antes era mera “imposição” vai se tornando, aos poucos, adaptação e a literatura que se exprime no Brasil e no resto da América Latina mudaria sua caracterização: de mera herança cultural europeia incontornável à condição de composição cultural por meio da qual os grupos dominados também podem se expressar.

Para Candido, ademais, a força desta produção fez com que a cultura brasileira e latino-americana, especialmente no alvorecer do século XIX, caminhasse em duas direções: de um lado, aproximando-se de uma “tendência transfiguradora”, que permite uma reapropriação e uma transformação de todo o aparato intelectual e poético importado ou imposto pelas metrópoles no processo de colonização; de outro, a tendência genealógica, que procura fazer um uso

---

<sup>174</sup> Ibid., p. 05

<sup>175</sup> Ibid., p. 06.

ideológico do próprio passado colonial com vistas à sedimentação, em determinado presente, das configurações literárias em seus desejos de autonomia e independência. Segundo ele, são dois expedientes importantes que vão conformar boa parte do que se produziu na América Latina, no âmbito estético e artístico, ao longo do Novecentos.

No caso da transfiguração da realidade, retoma *Visão do Paraíso*<sup>176</sup>, de Sérgio Buarque de Holanda, que teria mostrado

que a colonização do Brasil sofreu a influência (mesmo freada pelo realismo português) duma série de imagens ideais a respeito da beleza, riqueza e propriedades miraculosas do continente americano, imagens bem representadas pela famosa lenda do *El Dorado*, que obseou tanta gente. Este movimento da imaginação pode ser também considerado uma forma de orientar inconscientemente a realização da Conquista, pois permitiu não apenas estimular a exploração de recursos naturais, mas, indiretamente, penetrar na vastidão desconhecida e submetê-la às normas e à cultura impostas pela Metrópole<sup>177</sup>.

Acontece que esta imaginação literária, segundo ele, gerou duas consequências: de um lado, transfigurou a realidade da terra; de outro, submeteu-a a uma descrição objetiva, tornando o processo algo contraditório. A atitude transfiguradora poderia ser vista, de forma mais aberta, nos séculos XVII e XVIII, na linguagem de feição barroca, em que parece se ampliar o “domínio do espírito sobre a realidade<sup>178</sup>”. A explicação é que nessa expressão literária a natureza brasileira, por exemplo, passou a ser ainda mais representada, de forma alegórica, a partir de sua grandiosidade, o que servia como uma espécie de compensação diante das constatações de atraso, pobreza de recursos e toda sorte de problema congênito de ordem social. “Compensar a pobreza dos recursos e das realizações, e, ao dar transcendência às coisas, transpôs a realidade local à escala do sonho<sup>179</sup>.”

Entretanto, Candido ressalta que se desenvolveu, de forma paralela, uma forma literária que prezou pela representação direta da realidade. Fortemente atrelada à emergência do século XVIII, em especial às circulações intelectuais fruto da Ilustração, adquire feições de crítica social e acabam por rascunhar o que mais à frente se desenvolveria como uma certa “consciência nacional”. O exemplo mais importante, segundo ele, são “As cartas chilenas”, escritas por Tomás Antônio

<sup>176</sup> HOLANDA, Sergio Buarque. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo, FFCL/USP, 1958.

<sup>177</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 06.

<sup>178</sup> Ibid., p. 06.

<sup>179</sup> Ibid., p. 06.

Gonzaga, que circularam na região de Vila Rica no contexto da Inconfidência Mineira. No poema são expostos, de forma veemente e satírica, argumentos críticos contrários ao desmandos administrativos e abusos do poder no governo das Minas Gerais, região que à época vivenciava a explosão da atividade mineradora.

Alguns escritores, misturando tanto a visão utópica dos nativistas transfiguradores da realidade quanto a mentalidade dos precursores do nacionalismo, chegaram a delinear algumas formas de crítica no sentido de perceber o que havia de danoso na manutenção e perpetuação do pacto colonial europeu.

E os que se reuniram a fim de debater e aventar soluções para tais problemas foram presos, processados, exilados, infamados socialmente, tanto na repressão da Inconfidência Mineira, de 1789, quanto da que se poderia chamar Inconfidência Carioca, de 1794. Esses poetas, eruditos, sacerdotes exprimem a maturidade da inteligência brasileira aplicada ao conhecimento e à expressão do País. A sua tomada de posição, que caro lhes custou, pode ser considerada o primeiro sinal concreto do movimento que terminaria com a independência política em 1822. E isto mostra como a literatura foi atuante na imposição dos padrões culturais e, a seguir, também como fermento crítico capaz de manifestar as desarmonias da colonização.

[...] Feita a independência política, difundiu-se entre os escritores a ideia de que a literatura era uma forma de afirmação nacional e de construção da Pátria; daí subsistirem, como antes, os dois aspectos indicados<sup>180</sup>.

É o novo gênero do romance, especialmente a partir de 1840, que vai se constituir como um instrumento de “sondagem social” capaz de explorar, de forma crítica e poética, a vida na cidade e no campo, abarcando classes e grupos sociais distintos, na busca por esboçar um quadro denso e complexo da nação em construção. O que Candido vai chamar de tendência genealógica emerge disso: a existência, na literatura, de um uso ideológico do passado para reafirmar alguma posição no presente, algo que no século XIX vai atingir sua elaboração máxima.

De fato, a "tendência genealógica" consiste em escolher no passado local os elementos adequados a uma visão que de certo modo é nativista, mas procura se aproximar o mais possível dos ideais e normas européias. Como exemplo para ilustrar este fato no terreno social e no terreno literário, intimamente ligados no caso, tomemos a idealização do índio. Àquela altura, nas zonas colonizadas este já estava neutralizado, repellido, destruído ou dissolvido em parte pela mestiçagem. Para formar uma imagem positiva a seu respeito contribuíram diversos fatores, entre os quais a condição de homem que os jesuítas lhe reconheceram; a abolição da sua escravização em meados do século XVIII; o costume dos reis portugueses de conferir categoria de nobreza a alguns chefes que, nos séculos XVI e XVII, ajudaram a conquista e defesa do País; e finalmente a moda do "homem natural". Tudo isso ajudou a elaborar um conceito favorável, não sobre o índio de todo o dia, com o qual ainda se tivesse contato, mas sobre o índio das regiões pouco conhecidas e,

---

<sup>180</sup> Ibid., p. 09.

principalmente, o do passado, que se pôde plasmar com a imaginação até transformá-la em modelo ideal<sup>181</sup>

No Indianismo e no Romantismo brasileiros, essa visão teria se fortalecido no intuito político das elites locais de negar os valores ligados à colonização portuguesa. A busca por uma diferenciação entre colônia e metrópole levou à articulação, no plano literário, de uma narrativa capaz de buscar no próprio passado nacional uma contribuição para o germinar da brasilidade. O índio, por exemplo, vira símbolo nacional de afirmação das particularidades locais, ainda que enxergado de forma exótica, caricaturada e alegórica.

Disso tudo decorre uma questão fundamental para a sedimentação do olhar que, mais à frente, vai ser lançado em direção à América Latina: a percepção da existência de uma dialética entre o geral (a mentalidade e as normas da Europa) e o particular (aspectos próprios do país) nas formas de expressão literárias no continente. Candido avança na hipótese de que toda produção estética latino-americana é um jogo complexo de formas nacionais e internacionais, locais e universais, que se manifestam de forma entrecruzada, em choques, conflitos e dilemas, tornando toda e qualquer cultura de caráter pós-colonial uma existência necessariamente ambivalente. Como exemplo, Candido cita novamente o Romantismo, expressão carregada da missão de difusão do “espírito nacional”, que, atravessada pelo sentimento de euforia<sup>182</sup>, acabava caindo na ingenuidade inócua de tentar suprimir todo e qualquer tipo de contato com o influxo externo de ideias. Outro caso é o do Classicismo e da literatura colonial, que ao longo do tempo foi convencionalmente considerada apenas um conjunto de produções totalmente reflexas da norma europeia, isto é, uma espécie de produto estético que perseguia a cópia do que havia na metrópole<sup>183</sup>.

Na busca pelo “sentimento dos contrários”, ele vai enxergar, em primeiro lugar, a outra face desse Classicismo, em que a escritura que tentava estabelecer um contraste com relação ao “primitivismo reinante” na Colônia levou à preservação da existência da literatura, neutralizando o perigo de absorção pelo universo do folclore, ao tentar fazer do escritor um cidadão da República Universal das Letras, considerado “fator de civilização do país”.

<sup>181</sup> Ibid., p. 10.

<sup>182</sup> A ideia de um “nacionalismo eufórico” vai ser melhor desenvolvida, na perspectiva de uma consciência histórica, em *Literatura e Subdesenvolvimento* (1970), ensaio que abordaremos adiante.

<sup>183</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 13.



Daí a sua capacidade crítica, às vezes mesmo a sua rebeldia, como verificamos em diversos aspectos da obra de Gregório de Matos, ou, de modo mais engajado, nos poetas chamados arcádicos do século XVIII. Portanto, o que havia de negativamente artificial na moda clássica foi compensando por esta circunstância, graças à qual certos escritores de valor dos séculos XVII e XVIII parecem às vezes menos provincianos, mais abertos para os grandes problemas do homem do que muitos românticos do século XIX, enrolados no egocentrismo e no pitoresco<sup>184</sup>.

O esboço deste horizonte foi desenhado por Pascale Casanova no livro “A República Mundial das Letras”. Para ela, é no século XVI que se cria um espaço literário internacional, cuja “geografia constituiu-se a partir da oposição entre uma capital literária (e portanto universal) e regiões que dela dependem (literariamente), e que se definem por sua distância estética da capital<sup>185</sup>.” Já no século XIX, com a difusão de uma nova concepção de “nação”, estas instâncias nacionais, em especial no caso latino-americano, vão servir de alicerce para o produto estético, em grande medida por conta dos impulsos políticos emancipatórios, procurando se afastar das metrópoles. Esta relação direta e original da literatura com as nacionalidades emergentes conforma, em alguma medida, um dos princípios básicos da desigualdade que estruturaria o universo literário mundial e que impede, à luz de uma economia simbólica internacional, a alocação de forma igualitária dos produtos estéticos elaborados nas diversas regiões do mundo. Na explicação de Ieda Magri,

Casanova pensa o problema da literatura mundial a partir da dessincronização dos diferentes “mundos” mais do que a partir de seus lugares na geografia. Para existirem além das fronteiras do espaço nacional e da língua, os escritores [sobretudo periféricos] empreenderiam revoluções que têm a ver com uma modernidade literária, valor espaço-temporal medido pelo “meridiano de Greenwich literário”: sua distância, no tempo, do presente específico da modernidade cujo centro seria Paris. Isso equivale a dizer que as obras participam de tempos diferentes num mesmo espaço, o mundo<sup>186</sup>.

Restringir-se à produção de uma literatura voltada à formação nacional seria, portanto, uma forma de se afastar do sistema literário mundial. O ponto é que Candido considera que a outra atitude, uma “abertura à universalidade”, antes de servir de um alinhamento da produção literária periférica às regiões centrais, trouxe de positivo a possibilidade de traçar uma linha de contraste entre a “civilização europeia” e o “meio rústico colonial”. E é exatamente nessa condição de diferenciação que se desenha, de forma paulatina, uma consciência de nação diante

<sup>184</sup> Ibid., p. 14.

<sup>185</sup> CASANOVA, Pascale. *República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p. 26.

<sup>186</sup> MAGRI, Ieda. O Brasil na América Latina: diante de uma ideia de literatura mundial. *Estudos literários brasileiros contemporâneos*. Brasília, nº 56, 2019, p. 03-04.

do cenário mundial. Nesse sentido, o que ele considera interessante, de todo modo, é uma continuidade histórica entre a literatura da colonização e o Romantismo, posto que ambas estavam orientadas pela mesma tendência, isto é, o duplo processo de integração e diferenciação, de incorporação do geral (mentalidades europeias) para obter a expressão do particular, ou seja, os aspectos novos que iam surgindo no processo de amadurecimento do país.

Em suma, este ensaio procura abordar as “literaturas nacionais da América Latina no que têm de prolongamento e novidade, cópia e invenção, automatismo e espontaneidade<sup>187</sup>”. Não bastasse o avançar do argumento com relação às definições de *Formação da literatura brasileira*, surpreende, por fim, que Candido esboce aqui uma inversão da lógica de dominação entre colonizador e colonizado, ao falar que as literaturas latino-americanas “foram se tornando variantes de tal modo diferenciadas das literaturas matrizes que, já nos últimos cem anos, chegaram nalguns casos a influir nelas<sup>188</sup>.”

Esta visão é compartilhada - e radicalizada - por Roberto Fernandez Retamar, também presente no *Terzo Mondo*,

La influencia de nuestra América sobre Europa es pues multisecular. Desde el florecimiento de utopías en el alborar de la sociedad europea burguesa, y los numerosos ritmos musicales (esa “bullanguera novedad venida de Indias” de que ha hablado Carpentier) que desde entonces empezaron a invadir a países europeos junto con el humo de nuestro tabaco, tenido al principio (y al final) como diabólico, éste es un proceso ininterrumpido. Es verdad que una tenaz ignorancia eurocéntrica, y a menudo triste y habitual prepotencia de toda metrópoli, entre otras razones, impidieron a los países de Europa, por ejemplo, beneficiarse hace un siglo del conocimiento de la obra de un hombre universal como José Martí. Sólo en años recientes comienza a alborar para esos países tal conocimiento. En estos años, también, la llamada “nueva novela latinoamericana” hace sentir su presencia en muchos países europeos. La razón de esto es sencilla: si bien Martí fue incuestionablemente superior a los escritores de la nueva novela latinoamericana (entre los cuales hay algunos magníficos) a aquél le tocó vivir una época en la cual nuestra América todavía no había comenzado a desempeñar un papel sobresaliente en la historia. Incluso en 1938 un poeta de la dimensión de César Vallejo murió prácticamente de hambre en París, sin que ninguno de sus libros hubiera sido traducido a otra lengua; sin que su nombre, el nombre del mayor poeta latinoamericano del siglo XX, hubiera trascendido más allá de unos cuantos círculos de enterados. Y es que tampoco en 1938 nuestra América ocupaba un lugar destacado en la historia mundial. Otro ha sido el escenario histórico con que se han visto beneficiados los autores de la nueva novela latinoamericana. A partir de 1958, es decir, a partir del triunfo de la Revolución Cubana, nuestra América entró por la puerta grande de la historia. Lo que ocurriera en nuestras tierras iba a tener

<sup>187</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura de dois gumes*, p. 02

<sup>188</sup> Ibid, p. 02.

repercusión mundial. E incluso lo que, partiendo de ellas, llegaría a otros continentes<sup>189</sup>.

De certa forma, as duas leituras caminham na mesma direção: entendem que, no contexto latino-americano, as relações estabelecidas entre os colonizados e suas respectivas matrizes metropolitanas se deram a partir de um processo dinâmico e dialógico. Eles recusam a tese comum da simples imposição do dominador sobre o dominado, que leva à constatação cristalizante destas culturas pós-coloniais como uma cópia do espírito europeu. Além disso, procuram articular também uma inversão argumentativa que acrescenta complexidade à questão: a capacidade de essa América Latina, zona periférica, influir, a partir de temas e formas, no que se produz nas regiões consideradas de centro, em especial a mesma Europa. Candido, em específico, procura debater isso tendo em vista as produções literárias nacionais do continente em meio às disputas com os afluxos estrangeiros ao longo dos séculos XIX e XX. Em *Literatura de dois gumes*, assim, se encontra o esboço deste argumento, que ao longo dos anos 1970 e início dos 1980 vai ser cada vez mais lapidado.

### 2.3

#### **Persistência da dialética: do subdesenvolvimento ao super-regionalismo**

A possibilidade aberta em *Literatura de dois gumes* vai ser mais bem trabalhada no ensaio mais denso de Candido sobre a América Latina: *Literatura e Subdesenvolvimento* (1973)<sup>190</sup>. Publicado na revista *Argumento*, colocou em discussão as relações entre a modernidade latino-americana e a qualidade de sua produção literária ou, em outros termos, o envolvimento de aspectos da consciência histórica periférica no nível da elaboração estética. Nesse sentido, o horizonte do texto se desenha em torno da seguinte questão colocada por ele: quais as

<sup>189</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. América, Descubrimientos, Diálogos. *Actual (Mértula)*. Venezuela, 1992, p 55-56.

<sup>190</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 6-24. O texto apareceu primeiro em tradução francesa de Claude Fell, na revista *Cahiers d'Historie Mondiale*, Unesco, XII, 4, 1970, e a seguir em espanhol na obra coletiva a que se destinava: América Latina em su Literatura, coordenada por César Fernandes Moreno e publicada no México em 1972. Cf. MORENO, Fernández César. América Latina em su literatura. México: Siglo XXI, 1972. Usaremos a seguinte versão: CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. pp. 169-196.

características da literatura produzida na América Latina, em especial nos séculos XIX e XX, em meio à situação de aparente atraso do continente?

Nesse texto, a continuidade da mudança vocabular, se usarmos como parâmetros o que Candido produziu antes de 1966, permanece como um indício das reapropriações teóricas e conceituais geradas tanto pela recepção do repertório que se amalgama no *Terzo Mondo*, quanto das inúmeras emergências intelectuais que passam a vigorar e circular de forma mais decisiva no cenário latino-americano no século XX.

Todo um conjunto de termos como ‘classe dominante’, ‘grupos oprimidos’, ‘imposição cultural’, ‘países imperialistas’, ‘terceiro mundo’, passa a figurar em artigos como ‘Literatura de dois gumes’ (1966) e ‘Literatura e subdesenvolvimento’ (1970)<sup>191</sup>.

A tópica central desse ensaio vai passar pela questão candente da conformação da consciência histórica no espaço latino-americano, um conjunto de “operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo<sup>192</sup>”. Curiosamente, data de 1969, quase a mesma época, uma das obras mais densas e complexas sobre o assunto: “O problema da consciência histórica”, de Hans-Georg Gadamer, que articula a questão da consciência moderna à caracterização de todo presente por sua historicidade própria. Em outros termos, Gadamer procura discutir a questão a partir das representações que coletividades fazem de sua própria história, remontando não somente a uma hermenêutica do passado e da dimensão da experiência, mas também às expectativas e ao futuro desta convivência social.

Ainda que essas leituras se aproximem do que vai defender Candido no ensaio, o conjunto de referências do crítico brasileiro, salvo engano, era outro. Sua tese parece orbitar em torno de algo rascunhado por Mario Vieira de Mello em *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*<sup>193</sup>, publicado em 1963, a partir do qual ele retira algumas bases do seu argumento. Mário identifica que, até os anos 1930, predominava, no Brasil, uma consciência histórica permeada pela noção de “país novo”, cuja linguagem sócio-política se ancorava em termos

<sup>191</sup> MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 119.

<sup>192</sup> RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2010.

<sup>193</sup> MELLO, Mario Vieira de. *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1963.

como “progresso”, “futuro”, “devir”, “realizar-se”, impulsionando a imagem de uma nação pujante do ponto de vista de uma virtualidade, mas que ainda não tinha realizado todo o seu potencial de grandeza. Após essa década, em especial a partir dos anos 1940, entraria em cena a consciência histórica de “país subdesenvolvido”, em que se destaca a pobreza, a atrofia e o atraso, “o que falta e não o que sobra<sup>194</sup>”.

Candido discorda da conclusão do argumento, que identifica na dominação ocidental moderna a origem do problema das culturas periféricas. Para Mário, a Europa gestou um modo de vida que prezou pela autonomia do princípio estético - entendido enquanto admiração do belo pelo belo e como recusa da função moral, política e até pedagógica da arte -, o que levou a cultura brasileira, colonizada que foi pelos portugueses, a se formar a partir de um estetismo que preza pela aparência do fenômeno em detrimento da essência da coisa. Nesse sentido, seu alvo principal, do ponto de vista da crítica, é o Romantismo do século XIX, sobretudo o de tendência francesa, tido como “uma concepção do espírito que reconhece ao princípio estético uma autonomia indiscutível<sup>195</sup>”.

Ora, Candido vai refazer o argumento para indicar que é exatamente neste século XIX latino-americano que se gestou uma consciência crítica do “atraso periférico”, pautada não somente em uma imaginação estetizante da realidade pós-colonial, mas sobretudo na capacidade de articular, de forma dialética, a materialidade do mundo social, os temas caros à vida nos espaços urbano e rural e as possibilidades abertas pelas novas composições da linguagem artística. Em outros termos, no caso do Romantismo brasileiro, por exemplo, a despeito da importação de uma forma literária europeia, elaborou-se um produto estético cuja matéria era, sobretudo, a paisagem natural, a fauna e a flora, além da cultura e das formações sociais locais, que juntas fizeram aumentar a identificação entre pátria e natureza.

O crítico diz que, no caso brasileiro, a consciência de “país novo”, fortemente atrelada ao contexto pós 1822, com a Independência, produziu, na literatura, algumas atitudes fundamentais, frutos da surpresa, do interesse pelo exótico, do respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidades abertas pelo futuro. Porém, já antes havia seu germe: “a ideia de que a América constituía

---

<sup>194</sup> MELLO, Mario Vieira de apud CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 169.

<sup>195</sup> MELLO, Mario Vieira de. *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. 3. ed., Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009, p. 217.

um lugar privilegiado se exprimiu em projeções utópicas, que atuaram na fisionomia da Conquista<sup>196</sup>.” A leitura se aproxima, novamente, de Sérgio Buarque de Holanda<sup>197</sup>, sobretudo da ideia de que houve uma “transposição de noções e devaneios de cunho paradisíaco para formar a imagem do Novo Mundo”. Também se aproxima, de certo modo, do argumento de Pedro Henríquez Ureña<sup>198</sup> de que o documento que inaugura uma visão mais abrangente do continente, a carta de Colombo, utiliza-se de um tom de deslumbramento e exaltação. Para o crítico brasileiro, inclusive, no século XVII Antonio Vieira, misturando uma atitude pragmática a um certo profetismo, já aconselhava a transferência da família real portuguesa para o Brasil, lugar onde se realizariam os “mais altos fins da história<sup>199</sup>”. Disso tudo emergiu, no período após as emancipações políticas do século XIX, uma visão de que a América é terra predestinada à liberdade e lugar de consumação dos destinos do homem ocidental.

Esse estado de euforia foi herdado pelos intelectuais latino-americanos, que o transformaram em instrumentos de afirmação nacional e em justificativa ideológica. A literatura se fez linguagem de celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma. O nosso céu era mais azul, as nossas flores mais viçosas, a nossa paisagem mais inspiradora que a de outros lugares, como se lê num poema que sob este aspecto vale como paradigma, a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, que poderia ter sido assinado por qualquer um dos seus contemporâneos latino - americanos entre o México e a Terra do Fogo<sup>200</sup>.

A consequência disso seria a produção de uma literatura que, no fundo, acabava por “compensar” o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, sendo esta característica “exótica” da América Latina a razão de um grande otimismo no plano social.

Um dos pressupostos ostensivos ou latentes da literatura latino-americana foi esta contaminação, geralmente eufórica, entre a terra e pátria, considerando-se que a grandeza da segunda seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à primeira. As nossas literaturas se nutriram das “promessas divinas da esperança” - para citar um verso famoso do Romantismo brasileiro.

Também as próprias visões “desalentadas” e pessimistas, que vão se solidificar em especial no século XX, vão compartilhar da mesma ordem de

<sup>196</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 169.

<sup>197</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo, FFCL/USP, 1958.

<sup>198</sup> HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*. Buenos Aires: La Plata Estudiantina, 1925.

<sup>199</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 170.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 170.

associações: a ideia de que a debilidade ou a desorganização das instituições latino-americanas constituía um paradoxo inconcebível, em face das grandiosas condições naturais. Decorre disso que a então relação causal “terra bela - pátria grande” foi totalmente contaminada pelo alvorecer de uma consciência histórica catastrófica do atraso e do subdesenvolvimento, em especial no contexto pós anos 1940, ressaltando questões como a pobreza do solo, as técnicas arcaicas de produção, a miséria das populações do campo e da cidade e uma certa “incultura paralisante”.

A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro, e o único resto de milenarismo da fase anterior talvez seja a confiança com que se admite que a remoção do imperialismo traria, por si só, a explosão do progresso. Mas, em geral, não se trata mais de um ponto de vista passivo. Desprovido de euforia, ele é agônico e leva à decisão de lutar, pois o traumatismo causado na consciência pela verificação de quanto o atraso é catastrófico suscita reformulações políticas. O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua essência verdadeira - como construção ideológica transformada em ilusão compensadora. Daí a disposição de combate que se alastra pelo continente, tornando a ideia de subdesenvolvimento uma força propulsora, que dá novo cunho ao tradicional empenho político dos nossos intelectuais<sup>201</sup>.

Esta consciência do subdesenvolvimento, que é posterior à 2ª Guerra Mundial, vai se manifestar de forma mais acabada a partir dos anos 1950. Porém, é desde os anos 1930 que a mudança de perspectiva e de orientação, especialmente no âmbito da “ficção regionalista”, vai aparecer com mais consistência e persistência. Ao abandonar a amenidade<sup>202</sup> e a curiosidade do encanto pelo pitoresco e pelo homem rústico, esta nova expressão do romance brasileiro e latino-americano adquire, para Candido, uma força desmistificadora, que afasta do cenário intelectual e artístico aquela forma da consciência totalmente atrelada à euforia. Em alguma medida, para ele, trata-se inclusive de uma antecipação, no âmbito estético, do que posteriormente vai virar uma tópica intelectual para economistas, cientistas sociais e líderes políticos: a ideia de que o atraso é, por si só, catastrófico.

<sup>201</sup> Ibid., p. 171. Cabe ressaltar que, segundo comentários de Célia Pedrosa, o termo milenarismo é uma “expressão utilizada para definir as diversas formas de pensamento utópico, isto é, de crença na possibilidade de realização futura de uma situação humana e social idealmente perfeita. Cf. PEDROSA, Celia. Introdução crítica a Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido. In: BERND, Zilá (Org.). *Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano*. Porto Alegre: <http://www.ufrgs.br/cdrom>, 2001, p. 2.

<sup>202</sup> Também segundo Pedrosa, trata-se de um “traço básico da literatura regionalista produzida na fase da consciência amena do atraso, associado ao exotismo e ao pitoresco, consiste na representação superficial e harmonizante das relações humanas e sociais em grupos marcados pelo atraso, pela miséria e pela incultura”. Cf. PEDROSA, Celia. *Introdução crítica a Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido*, p. 2.

Isso poderia ser verificado, também, a partir de um debate sobre as condições de existência da literatura em meio ao drama do analfabetismo nas regiões periféricas, no caso, o espaço latino-americano. Para Candido, as consequências são um conjunto de manifestações de “debilidade cultural”:

falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas. O quadro dessa debilidade se completa por fatores de ordem econômica e política, como os níveis insuficientes de remuneração e a anarquia financeira dos governos, articulados com políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas. Salvo no tocante aos três países meridionais que formam a "América branca" (no dizer dos europeus), tem sido preciso fazer revoluções para alterar as condições de analfabetismo predominante, como foi o caso lento e incompleto do México e o caso rápido de Cuba<sup>203</sup>.

A questão, para ele, é que esse analfabetismo e essa debilidade cultural atuam também na consciência do escritor e na natureza da criação poética. Ainda no contexto da consciência amena do atraso, mais fortemente ao longo do século XIX até os anos 1930, havia uma partilha, por parte do escritor, daquilo que se chama “ideologia ilustrada<sup>204</sup>”, segundo a qual a instrução traz de forma automática todos os benéficos que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade. A princípio, instrução para os considerados cidadãos e, depois, extensível para todo o povo. Tratava-se, claramente, do que ele considerava uma “ilusão ilustrada”, fruto da ideologia da fase de consciência esperançosa do atraso. Para Candido, este vai ser um argumento recorrente no pensamento latino-americano: em Domingo Faustino Sarmiento, por exemplo, o “predomínio da civilização sobre a barbárie tinha como pressuposto uma urbanização latente, baseada na instrução<sup>205</sup>”; na visão continental de Andrés Bello, pensava-se uma indissociabilidade entre visão política e projeto pedagógico. Cita também o caso venezuelano, onde a resistência ao golpe militar de 1948 e à tirania, sob a liderança

<sup>203</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 172-173.

<sup>204</sup> “Assumida por intelectuais e escritores na época da consciência amena do atraso, ela justificava a crença de que a instrução traz automaticamente os benefícios que garantem a humanização e o progresso; legitimava sua auto-identificação com os valores cultos metropolitanos e seu consequente distanciamento da realidade nacional; e finalmente implicava numa compreensão do analfabetismo e da debilidade cultural, bem como dos meios para saná-los, de todo desarticulado da questão sócio-política da dominação imperialista, da exploração econômica e da dependência cultural.” In: PEDROSA, Celia. *Introdução crítica a Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido*, p. 5.

<sup>205</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 177.



de Rómulo Gallegos, se deu através da difusão das luzes e da criação de uma literatura repassada de mitos da instrução redentora. Por fim, menciona a originalidade relativa de “A América Latina: males de origem”, de Manoel Bonfim, publicado em 1905, onde consta um argumento que marca o atraso do continente em função do prolongamento do estatuto colonial, traduzido, no contexto do início do século XX, na persistência das oligarquias e do imperialismo estrangeiro. Porém, ao final da obra, Bonfim também sucumbe à visão da instrução como panaceia capaz de resolver todos os males de um continente em formação.

Esta questão do esclarecimento foi discutida também em um ensaio importante de Candido, intitulado *Perversão da Aufklärung*<sup>206</sup>, produzido em forma de discurso pronunciado no *II Encuentro de Intelectuales por la Soberanía de los Pueblos de Nuestra América*, realizado em Havana, em 1985. Nesse texto, o crítico brasileiro atrela o sentimento de Independência, consolidado ao largo do continente no século XIX, à crença de que a instrução traria a libertação do povo latino-americano. Novamente, diz ele, tratava-se de uma convicção de cunho ideológico, levada à frente em especial pelas elites letradas do espaço pós-colonial, o que acabou por gerar um efeito inverso

Fechar e restringir a iniciação na cultura intelectual, bem como o seu uso social e político. De ideal ilustrado, teoricamente universal e altruísta, ele se tornou em boa parte um saber de classe e de grupo, um instrumento de dominação que serviu por sua vez para segregar o povo e mantê-lo em condição inferior pela privação do saber<sup>207</sup>.

Diante desta “debilidade” e desta dificuldade com o drama do analfabetismo e da falta de instrução das massas, os intelectuais teriam produzido uma visão “deformada” de sua própria posição ante a incultura dominante. Ao considerarem a média da população inferior, ignorante e incorrigível, se colocaram como um grupo apartado do conjunto da sociedade, algo que, como ressalta o próprio Candido, já havia sido discutida por Alfred Weber a partir da ideia de uma “*Intelligentsia* socialmente desvinculada”, que, mesmo mergulhada na cultura letrada de determinado contexto, consegue uma autonomia relativa para produzir enunciados discursivos minimamente apartados de alguns interesses políticos<sup>208</sup>. É também nesse sentido que vai avançar a leitura posterior de Karl Mannheim,

<sup>206</sup> CANDIDO, Antonio. *Perversão da Aufklärung*. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002,

<sup>207</sup> Ibid., p. 321.

<sup>208</sup> WEBER, Alfred. *História Sociológica da Cultura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

sugerindo que os intelectuais, não totalmente desconectados dos conflitos e contradições inerentes à vida social, são capazes de apreender a totalidade da situação analisada com mais profundidade, e que por isso podem se apresentar “desvinculados”, como alguém pertencente apenas à ordem dos intelectuais<sup>209</sup>.

Candido tenta caracterizar o intelectual periférico do século XIX, no contexto latino-americano:

Flutuavam, com ou sem consciência de culpa, acima da incultura e do atraso, certos de que estes não os poderiam contaminar nem afetar a qualidade do que faziam. Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponte de referência e escala de valores, considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor<sup>210</sup>.

O ponto nevrálgico, portanto, é esse: a “incultura geral” teria produzido uma debilidade social importante em toda a vida cultural, interferindo diretamente na qualidade das obras na América Latina. Além disso, teria sido decisiva na abertura às influências estrangeiras, que, se entendida à luz do atraso e do subdesenvolvimento, descambam no debate sobre a dependência cultural. Isto que foi considerado por Candido uma “penúria”, as condições de possibilidade de emergência de produtos estéticos no contexto periférico latino-americano, teria feito com que os escritores do continente se voltassem para os padrões metropolitanos e europeus, desenvolvendo uma espécie de “aristocratismo alienante” que se reflete, sobremaneira, no uso de línguas estrangeiras na criação literária. Candido cita, por exemplo, Pires de Almeida, que publicou, em francês, uma peça nativista; também Claudio Manoel da Costa e sua produção em italiano; Joaquim Nabuco e a escrita, em francês, de uma peça teatral sobre os problemas morais de um alsaciano depois da Guerra Franco-Prussiana de 1870. No espaço hispano-americano, lembra do peruano Francisco Garcia Calderón e de Vicente Huidobro.

Tudo isso não ia sem ambivalência, pois as elites imitavam, por um lado, o bom e o mau das sugestões europeias; mas, por outro, às vezes simultaneamente, afirmavam a mais intransigente independência espiritual, - num movimento pendular entre a realidade e a utopia de cunho ideológico. E assim vemos que analfabetismo e requinte, cosmopolitismo e regionalismo, podem ter raízes misturadas no solo da incultura e do esforço para superá-la<sup>211</sup>.

<sup>209</sup> MANNHEIN, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

<sup>210</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 178.

<sup>211</sup> *Ibid.*, p. 180

Fato é que a questão da dependência cultural, que gera a sensação de atraso, proporciona, para a cultura latino-americana, a possibilidade de constatar a influência inevitável das metrópoles desde o período das ocupações, momento em que se adotou o transplante forçado do europeísmo. Este “vínculo placentário” com o “Velho Mundo”, assim, deveria ser encarado como algo natural, posto que não se tratou de uma opção, mas de uma imposição.

Tanto assim que nunca se viu os diversos nativismos contestarem o uso das formas literárias importadas, pois seria o mesmo que se oporem ao uso dos idiomas europeus que falamos. O que requeriam eram a escolha de temas novos, de sentimentos diferentes. Levado ao extremo, o nativismo (que neste grau é sempre ridículo, embora sociologicamente compreensível) teria implicado em rejeitar o soneto, o conto realista, o verso livre associativo<sup>212</sup>.

Se a dependência é enxergada como a consequência de um processo de colonização, então passa-se a perceber a cultura dominada também como uma forma particular e específica de participação e contribuição para o universo cultural mais amplo, que transborda os limites nacionais e continentais, permitindo a circulação de experiências e valores. Em outros termos, é possível dizer, segundo Candido, que em determinado momento do século XX a cultura latino-americana realizou o caminho inverso, influenciando em determinados aspectos no espaço europeu. Para ele, os exemplos são as expressões do modernismo hispano-americano, com Ruben Darío, e do que considera o neo-realismo português, com Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Além destes, considera que Jorge Luis Borges o caso mais marcante desta influência ampla e reconhecida sobre os “países-fonte”, as antigas metrópoles, em especial por conta de sua forma de escrita. Cita também Machado de Assis, figura que para ele, apesar de ter circulação na Europa, ficou restrito a alguns espaços pelo fato de o português ser uma língua inacessível a algumas regiões. De forma aprofundada, este argumento da “inversão das influências” é melhor explorado por Roberto Fernandez Retamar:

Tampoco puede hablarse de influencia de 'Europa' sobre la 'América Latina' o viceversa si se olvida el hecho esencial, sobre el que he llamado la atención en algún trabajo, de que lo que iba a llamarse el mundo occidental y lo que iba a llamarse la América Latina aparecen casi simultáneamente, y estrechamente vinculados entre sí. Sin la llegada de los protoeuropeos (a los que he sugerido nombrar "paleoccidentales"); sin el saqueo de América, acompañado de la monstruosa rapiña que costó a África decenas de millones de sus hijos, no habría habido "acumulación originaria de capital", y en consecuencia no habría habido "mundo occidental": nombre este último que es una forma melodiosa de referirse a lo que en palabras menos espirituales se llama el capitalismo desarrollado, el cual, según la acertada

<sup>212</sup> Ibid., p. 183.

expresión de Marx en El Capital, nació chorreando sangre y lodo por todos sus poros. Debido a ello, la influencia (si así quiere decirse) de nuestra América sobre la Europa occidental es de tal modo decisiva, que se trata en verdad de una *conditio sine qua non*<sup>213</sup>.

O que há de novidade em *Literatura e subdesenvolvimento*, além de tudo o que já foi dito até aqui, é uma abordagem mais aprofundada justamente destas manifestações literárias latino-americanas dos séculos XIX e XX. Não se trata apenas de um estudo sistemático da produção estética formulada ao largo do continente, mas sim de uma tentativa de caracterizar e qualificar esta literatura a partir da capacidade intelectual que os escritores tiveram para caminhar em direção à superação desta subordinação à matéria ou à forma externa europeia, em alguns casos inclusive influenciando nelas. Isto significa dizer que, para o crítico brasileiro, importa mais, neste ensaio, o que foi produzido no momento de emergência, ainda que rarefeita, desta consciência catastrófica do atraso, que já no novecentos dava seus passos iniciais, mas que vai atingir uma maturidade, de fato, no século XX, no contexto do pós anos 1950. O esforço de superação da dependência, diz Candido, pode ser visto através das produção de obras de primeira ordem influenciadas por exemplos nacionais anteriores<sup>214</sup>, não por modelos importados. Trata-se do estabelecimento de uma causalidade interna que torna fecunda, inclusive, a possibilidade mesma de tomada de empréstimo de algo fruto de uma cultura externa. O exemplo perfeito, para ele, é o modernismo brasileiro dos anos 1920, que, de um lado, é descendente direto das expressões artísticas nacionais do passado; de outro, é fruto imediato da potência das vanguardas europeias daquela época.

Como se trata de um texto latino-americanista, Candido identifica esta mudança de consciência também no chamado modernismo hispano-americano (no caso brasileiro, as expressões do Parnasianismo e do Simbolismo), que para ele funciona como um rito de passagem, no século XIX, em direção a esta pretensa “maturidade literária”. Não somente pelo jogo simbólico de apropriação do passado

<sup>213</sup> FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *América, Descubrimientos, Diálogos*, p. 54.

<sup>214</sup> A questão da tradição é discutida por Candido em “Formação da literatura brasileira”. Segundo ele, quando se tem “a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo”, desenha-se, também, “uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, [que] é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há Literatura, como fenômeno de tradição”. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, p. 24. [Grifo meu].

local, cruzando-o com as diversas potencialidades linguísticas abertas pelo contato com a produção europeia, mas sobretudo pela capacidade crítica que geraram de influenciar, desde a América Latina, o cenário literário espanhol. Entretanto, ressalta ele, “o que os espanhóis receberam foi a influência da França já coada e traduzida pelos latino-americanos, que deste modo se substituíram a eles como mediadores culturais<sup>215</sup>.” Isso em nada diminui o valor destes “hispano-modernistas”, que se baseavam em uma forte consciência da literatura como arte, não como documento. Antes, é uma interpretação sobre um processo importante que, se olhado do ponto de vista sociológico, serviu de base à fermentação criadora que, mesmo em meio à dependência, transformou-se em uma maneira peculiar de os países latino-americanos serem originais.

No decênio de 1920, as vanguardas latino-americanas vão dar um passo importante em direção à libertação dos meios expressivos, alterando fortemente o tratamento dos temas propostos à consciência do escritor. Aqui talvez resida, do ponto de vista filosófico, um traço nietzschiano do argumento: como na “Segunda Consideração Intempestiva”, em que Nietzsche vai abordar o problema da força criadora em meio à racionalidade da experiência moderna em oposição ao excesso historicista do mundo objetivado, Candido defende também que é possível criar um terreno para que as potências criadoras do ser artístico floresçam<sup>216</sup>. No caso da literatura latino-americana, ele enxerga essa vontade de potência como abertura à invenção em Vicente Huidobro e Jorge Luis Borges, além de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, por exemplo, todos capazes de elaborar produtos estéticos que, em geral, apontavam para questões de autonomia e autoafirmação da localidade em relação ao espaço europeu.

Contudo, ressalta ele,

Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural. E que, ao contrário do que supunham por vezes ingenuamente os nossos avós, é uma ilusão falar em supressão de contatos e influências. Mesmo porque, num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana e umbilical<sup>217</sup>.

<sup>215</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 184.

<sup>216</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Segunda Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. No período de sua juventude, Antonio Candido escreveu um ensaio em defesa das ideias nietzschianas, que para ele possibilitariam uma nova concepção plena do humano em meio ao “vendaval moderno”. Cf. CANDIDO, Antonio. *O Portador*. Diário de São Paulo, 1946.

<sup>217</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 186.

Este debate sobre a conexão da cultura brasileira e latino-americana com o espaço europeu é levado à frente também por Roberto Schwarz, em *Nacional por subtração*<sup>218</sup>. Escrito em 1986, o ensaio procura ressaltar duas experiências importantes na vida intelectual na América Latina: de um lado, o caráter postiço, inautêntico e imitativo da cultura. Ao partir da clássica sentença de Machado de Assis, segundo a qual “o influxo externo é que determina a direção do movimento”<sup>219</sup>, considera que esse mal-estar gera um sentido de inadequação, uma contradição entre a realidade local dos países do continente e o prestígio ideológico dos países que nos serviriam de modelo. Assim, o apetite pela produção recente dos países avançados muitas vezes tem como fundamento o desinteresse pelo trabalho da geração local anterior, o que gera certa descontinuidade da reflexão<sup>220</sup>.

Decorre disso uma outra atitude igualmente problemática, na direção do que mencionou Candido com relação à utopia isolacionista. Para Schwarz, diante desta sensação de deslocamento, algumas expressões culturais buscam caminhar na direção oposta, ou seja, tentam

não reproduzir a tendência metropolitana para alcançar uma vida intelectual mais substantiva. A conclusão é ilusória, como se verá, mas tem apoio intuitivo forte. Durante algum tempo ela andou na boca dos nacionalismos de esquerda e direita [...]. Daí a busca de um fundo nacional genuíno, isto é, não-adulterado<sup>221</sup>.

Essa atitude, na hipótese de Antonio Candido, vai arrefecer justamente no momento de eclosão da consciência catastrófica do atraso, onde essa ingenuidade é substituída por uma visão mais matizada. Ao encarar com mais objetividade e serenidade o problema das influências externas, vendo-as como vinculação normal no plano da cultura, o espaço latino-americano dilui o possível paradoxo desenhado entre local e universal para caminhar em direção ao que o crítico brasileiro chama de uma expressão de maturidade, algo impossível no mundo fechado e oligárquico dos nacionalismos “ufanistas e patrioteiros”.

Henrique Gaio<sup>222</sup> considera este uso vocabular, que opõe ingenuidade e maturidade, a partir do repertório crítico schilleriano. O primeiro termo definiria

<sup>218</sup> SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Que horas são?: ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

<sup>219</sup> Ibid., p. 30.

<sup>220</sup> Ibid.

<sup>221</sup> Ibid., p. 32.

<sup>222</sup> GAIO, Henrique Pinheiro Costa. Por uma historiografia literária sentimental: formação e modernidade em Antonio Candido. *História da Historiografia*, v. 1, 2017, pp. 162-177.

uma expressão literária mais instintiva e natural ligada às identidades nacionalistas do século XIX, que justamente tentavam se desvencilhar da matéria que vinha de fora em nome da exposição de uma localidade pura e, às vezes, essencializada, ainda que se utilizassem de uma forma literária e uma linguagem marcadamente europeias. Na virada do século, entretanto, algumas tendências já indicavam a tentativa de substituir esse procedimento “ingênuo”, de traço romântico, por um gesto mais reflexivo e complexo em relação às “importações literárias” de tópicos temáticas. O termo maturidade, portanto, se refere a uma atitude poética cuja consequência, no plano prático, é a consolidação de uma literatura aberta, de um lado, à capacidade de inovação no plano da expressão; de outro, ao desígnio de lutar nos âmbitos econômico e político contra a persistência da dependência. A afirmação da originalidade essencial, no sentido de um particularismo peculiar desconectado do mundo à volta, que leva a atitudes que reforçam o pitoresco e o servilismo cultural, é substituída por uma produção marcadamente dialética.

A partir dos movimentos estéticos do decênio de 1920; da intensa consciência estético-social dos anos 1930-1940; da crise de desenvolvimento econômico e do experimentalismo técnico dos anos recentes, começamos a sentir que a dependência se encaminha para uma interdependência cultural (se for possível usar sem equívocos esta expressão, que recentemente adquiriu acepções tão desagradáveis no vocabulário político e diplomático). Isto não apenas dará aos escritores da América Latina a consciência da sua unidade na diversidade, mas favorecerá obras de teor maduro e original, que serão lentamente assimiladas pelos outros povos, inclusive os dos países metropolitanos e imperialistas. O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca<sup>19</sup>.

Esse sentido de unidade e a atitude madura vão ser amplamente explorados por Candido na tarefa de caracterização desta produção literária latino-americana. Um exemplo, segundo ele, é *La Ciudad y los Perros*, de Mario Vargas Llosa, que parte da tradição do monólogo interior, característica de Virginia Woolf, William Faulkner, James Joyce e Marcel Proust. Na obra, há uma fecundação entre o que vem como empréstimo cultural dos países produtores de formas literárias originais e a representação dos problemas concernentes à realidade de seu próprio país, o Peru. A fórmula peculiar, portanto, não apela à imitação ou à reprodução mecânica do que está dado no cenário europeu, mas sim compartilha de recursos comuns às experiências coloniais para construir uma literatura original. Esta consciência parece atravessar também as obras de Julio Cortázar e Rodriguez Monegal, que

relacionam a fidelidade local às questões da mobilidade mundial, assumindo posições que podem ser caracterizadas como “assimilações críticas”.

Portanto, na consciência do subdesenvolvimento, marcadamente no século XX, a literatura latino-americana não parece hesitar mais entre uma aceitação indiscriminada do afluxo externo e o mito da originalidade essencialista. Para Candido, é em Cuba, considerada por ele vanguarda da América Latina contra o subdesenvolvimento, que este “equilíbrio de antagonismos” fica evidente. Em Alejo Carpentier, por exemplo, sobretudo em *O século das luzes*, se desenha uma visão transnacional da cultura; em Cabrero Infante e Lezama Lima, há uma forte experiência estética que mistura inventividades no plano da forma da linguagem com o cenário local enquanto matéria literária. No caso brasileiro dos anos 1960, a poesia concreta adota inspirações de Ezra Pound e Max Bense, por um lado, enquanto procura reler o passado nacional à procura de figuras esquecidas, como Sousândrade, por exemplo, precursor perdido dos românticos do século XIX, e os revolucionários modernistas, no plano estilístico: Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

Certo é que, para o crítico brasileiro, o fruto imediato da dependência que mais repercute nesta literatura latino-americana é o fenômeno da ambivalência, manifestado por impulsos de cópia e rejeição. Aparentemente contraditórios, acabam se tornando complementares.

Atraso que estimula a cópia servil de tudo quanto a moda dos países adiantados oferece, além de seduzir os escritores com a migração – por vezes migração interior, que encurrala o indivíduo no silêncio e no isolamento. Atraso que propõe o que há de mais peculiar na realidade local, insinuando um regionalismo que, ao parecer afirmação da identidade nacional, pode ser na verdade um modo insuspeitado de oferecer à sensibilidade europeia o exotismo que ela desejava, como desfastio; e que assim se torna forma aguda da dependência na independência. Com a perspectiva atual, parece que as duas tendências são solidárias e nascem da mesma situação de retardo ou subdesenvolvimento<sup>223</sup>.

Não se trata, com isso, de uma simples reprovação da ficção regionalista<sup>224</sup>. Ressalta ele que nas regiões subdesenvolvidas o problema do “atraso” invade o campo da consciência da sensibilidade do escritor, propondo e sugerindo tópicos literários. No século XX, na fase da consciência catastrófica do

<sup>223</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*, p. 189.

<sup>224</sup> Em nota de pé de página, Candido descreve: “Uso aqui o termo ‘regionalismo’ à maneira da nossa crítica, que abrange toda a ficção vinculada à descrição das regiões e dos costumes rurais desde o Romantismo; e não à maneira da maioria da crítica hispano-americana moderna, que geralmente o restringe às fases compreendidas mais ou menos entre 1920 e 1950”. Ibid., p. 190.



subdesenvolvimento, acaba funcionando como uma espécie de presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político<sup>225</sup>. Assim, considera que o regionalismo foi uma fase importante que focalizou a literatura (conto e o romance) na história local. Ainda nos anos 1970, a realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante. Exemplos são José Maria Arguedas, Gabriel Garcia Marquez, Augusto Roa Bastos e João Guimarães Rosa<sup>226</sup>.

Ainda que o regionalismo não fosse considerado mais a forma privilegiada de expressão literária nacional, pelo que se convencionou considerar seu caráter potencialmente alienante, Candido procura examinar exatamente o prolongamento da mesma realidade básica que o possibilitou. No momento da consciência eufórica, desenhada com mais força no século XIX em meio às independências, o regionalismo enquanto elemento pitoresco era considerado a verdade literária. Já no momento de estruturação da consciência do subdesenvolvimento, após 1930, o regionalismo se imiscui no que foi chamado de “romance social”, “indigenismo” ou “romance do Nordeste”.

O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual [...] Apesar de muitos desses escritores se caracterizarem pela linguagem espontânea e irregular, o peso da consciência social atua por vezes no estilo como fator positivo, dando lugar à procura de interessantes soluções adaptadas à representação da desigualdade e da injustiça. Sem falar no mestre consumado que é [Miguel Ángel] Asturias em alguns dos seus livros, mesmo um romancista cursivo como [Jorge] Icaza deve a sua durabilidade, menos à deblateração indignada ou ao exagero com que caricaturou os exploradores, do que a alguns recursos de estilo que encontrou para exprimir a miséria [...]. Em *Vidas Secas* Graciliano Ramos leva ao máximo a sua costumeira contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos, para exprimir o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos níveis mínimos de sobrevivência<sup>227</sup>.

No caso brasileiro, este regionalismo, que para Candido se inicia no interior do Romantismo, foi geralmente considerado uma tendência literária secundária ou uma expressão subliterária. Valorizou-se mais, quase sempre, a ficção brasileira urbana, em diversas situações desprovidas do que se considerava a caracterização

<sup>225</sup> Ibid., p. 191.

<sup>226</sup> Ibid, p. 192.

<sup>227</sup> Ibid, p. 194.

do “pitoresco”. Em Machado de Assis, ressalta ele, desde os anos de 1880 ficou evidenciada a fragilidade do descritivismo e da “cor local”, de tal modo que só a partir exatamente destes anos 1930, exatamente na fase de elaboração e consolidação da consciência catastrófica do atraso, é que certas tendências regionalistas, já “sublimadas e transfiguradas pelo realismo social”, atingiram o nível das obras tidas como significativas.

No geral, portanto, os escritores contemporâneos da América Latina, ainda que rejeitem a pecha de “regionalistas”, têm de conviver com a persistência da força desta dimensão regional, mesmo que ela não atue mais como tendência impositiva ou requisito prioritário da expressão da consciência nacional. O que para Candido parece aflorar neste novo momento da história latino-americana, portanto, é um romance marcado, sobretudo, pelo refinamento técnico, a partir do qual estas regiões podem se transfigurar, subvertendo seus contornos humanos e transformando esses traços tidos como pitorescos em matéria de universalidade.

Descartando o sentimentalismo e a retórica; nutrida de elementos não-realistas, como o absurdo, a magia das situações; ou de técnicas antinaturalistas, como o monólogo interior, a visão simultânea, o escorço, a elipse - ela implica não obstante em aproveitamento do que antes era a própria substância do nativismo, do documentário social. Isto levaria a propor a distinção de uma terceira fase, que se poderia (pensando em surrealismo, ou super-realismo) chamar de super-regionalista. Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo, que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo; naturalismo que foi a tendência estética peculiar a uma época onde triunfava a mentalidade burguesa e correspondia à consolidação das nossas literaturas<sup>228</sup>.

Assim, é exatamente na conjunção entre a consciência de país novo do século XIX e a consciência catastrófica do atraso, no século XX, que Candido enxerga a emergência de uma produção literária mais madura, que ele vai chamar de super-regionalista. Em geral, se caracteriza por um esforço de universalizar a região, algo que para ele poderia ser visto, por exemplo, em Guimarães Rosa. Nesta prosa de ficção, produzida em geral na forma romance,

Não se exigirá mais, como antes se exigia explícita ou implicitamente, que Cortázar cante a vida de *Juan Moreyra*, ou Clarice Lispector explore o vocabulário sertanejo; Mas não se deixará igualmente reconhecer que, escrevendo com requinte e superando o naturalismo acadêmico, Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Vargas Llosa praticam em suas obras, no todo ou em parte, tanto quanto Cortázar ou Clarice Lispector no universo dos valores urbanos, uma espécie nova de literatura que ainda se articula de modo transfigurador com o próprio material do nativismo<sup>229</sup>

<sup>228</sup> Ibid, p. 195.

<sup>229</sup> Ibid, p. 196.

Candido, portanto, identifica que na virada dos séculos XIX e XX, a América Latina foi atravessada por uma “consciência amena do atraso”. Com as independências e o alvorecer do Romantismo brasileiro e do Modernismo hispano-americano, o discurso do progresso, da modernidade e do futuro promissor como processos inevitáveis, nos quais atingir-se-ia um nível civilizacional próximo das nações centrais, tomou a cena pública e ditou uma espécie de clima histórico<sup>230</sup> otimista. Essa atmosfera encontrou nos anos 1920 e 1930, a partir do fim da hegemonia do conglomerado oligárquico-feudal e com a ascensão ao Estado das burguesias industriais, o apogeu de sua ressonância, sobretudo nas formulações vanguardistas/modernistas.

Nessa condição, a produção intelectual oscilava entre a ingenuidade da pureza nacional e a aceitação passiva da matéria ou da forma externa como fontes primordiais da criação estética. Segundo Alice Ewbank, este duplo desejo evidencia “a vontade ambígua de conciliar duas realidades opostas, de modo a manter harmonicamente esta dupla fidelidade de país periférico, que quer ser grande no que lhe é próprio sem perder de vista o modelo visado<sup>231</sup>”. Este caráter oscilante legava à vida latino-americano certo desequilíbrio, uma espécie de desarranjo, e isso interferia diretamente na consciência histórica do escritor e, por conseguinte, nas características específicas da produção literária em todo o continente.

Entretanto, nesse mesmo contexto, especialmente após os anos 1940 e 1950, fortaleceu-se paralelamente um outro tipo de consciência: a dilacerada ou agônica do atraso/subdesenvolvimento. Neste caso, à luz da tópica da dependência cultural, os escritores parecem ter abandonado a fantasia das originalidades nacionais absolutas. A “literatura de maturidade” que emerge, assim, é chamada de super-regionalista pois consegue atingir, para Candido, um equilíbrio de antagonismos nunca visto na história da produção estética latino-americana, ampliando, ainda que de forma moderada, o espaço de circulação de obras e autores na Europa e nos EUA pelo que tinha de qualidade literária, mas também pelo que representavam da

<sup>230</sup> Hans Gumbrecht, curiosamente na mesma direção de “Literatura e subdesenvolvimento”, tem tentado defender a tese de que a literatura é a expressão mais aberta à “absorção” de alguns “climas históricos”, algo que basicamente vai definir o percurso argumentativo de Candido ao longo deste ensaio. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*.

<sup>231</sup> EWBANK, Alice de Oliveira. *No fio da comparação: estudo do movimento crítico de Antonio Candido*. Dissertação (mestrado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2014, p. 78.

linguagem dita universal e capaz de ser enquadrada no cânone ocidental, sem abandonar o fundo temático e a matéria local como força propulsora da criação.

## 2.4

### Fábula e fantasia: o Brasil no novo romance latino-americano

A leitura que Candido vai fazer do movimento da literatura latino-americana ao longo dos séculos XIX e XX encontra-se ampliada também em outros dois ensaios importantes, mas igualmente esquecidos. No primeiro deles, intitulado *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* (1973)<sup>232</sup>, produzido para ser apresentado ao público no VII Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado no Canadá, procura avançar, do ponto de vista da crítica, na análise da relação ambivalente e complementar entre realismo e fantasia que se desenvolve exatamente nessa ficção super-regionalista.

Trata-se, antes de tudo, de uma continuidade argumentativa em relação ao que tinha sido apresentado em *Literatura e subdesenvolvimento* (1970). Ao discutir o romance latino-americano contemporâneo, com foco especial na chamada produção super-regionalista, procura inserir as obras brasileiras em um contexto mais amplo, caracterizado por uma série de “inovações” no plano artístico, que vão dar lugar, em todo o espaço continental, a uma explosão estética de componentes como a invenção e a fantasia, seja no nível formal e técnico, seja no nível da enredo e do conteúdo.

Para Candido, há portanto um movimento de modificação de características primordiais da literatura produzida na América Latina. Se ao longo do século XIX, no seio das formações de nacionalidades, as expressões poéticas, imbuídas de um sentido de missão<sup>233</sup>, quase sempre partiam de uma “visada tradicionalista” de enfoque documental, na passagem para o século XX, então, esta expressão realista vai abrindo espaço também à capacidade fabuladora e à fantasia, e os romances, em geral, representam fortemente esta nova tomada de consciência

<sup>232</sup> CANDIDO, Antonio. *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens*.

<sup>233</sup> A questão da “literatura como missão”, ou seja, da relação entre arte, engajamento e política, tem uma longa tradição de debates na historiografia. Para um estudo sobre a questão do “empenho” na crítica de Candido, cf. PEDROSA, Celia. Antonio Candido: *A palavra empenhada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. Para um estudo sobre a vida política e a produção literária no contexto demarcado por Candido, a 1ª República brasileira, cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 420p.

De toda forma, nossas literaturas se constituíram a partir do jogo dessas duas tendências (realismo e fantasia), que eu oponho aqui para a clareza da exposição, mas que seria melhor colocar em situação e avaliar dialeticamente. Pode-se dizer então que a inclinação em direção ao real corresponderia a um fantasma do documento, sob o impulso de uma realidade natural e social que seria preciso levar em consideração, explicar, superar – porque ela constituiria o quadro de uma nação em processo de se fazer. Descrever o real era de uma certa forma *fazer* a nação por meio da literatura; ao passo que, de outro lado, a imaginação tenderia a deformar, a magnificar este mesmo real repleto de problemas, para dele escapar e para permitir esquivar-se de tarefas tão prementes quanto difíceis<sup>234</sup>.

Esta ficção marca também o fim do que Candido considera um longo complexo de inferioridade dos povos latino-americanos, que desde as independências políticas do século XIX se empenharam mais na tarefa de formação das nações, produzindo, no plano literário, obras cravejadas pelo que ele considera um “espírito documental”. Para o crítico brasileiro, nessa atitude reside um paradoxo: do ponto de vista sociológico, este realismo, que corresponde a uma tomada de consciência nacional, é por outro lado também uma influência direta e fruto de um empréstimo cultural da Europa, posto que a cultura latino-americana é parcialmente reflexa e, portanto, tributária da produção metropolitana.

Isso faz com que ele aponte uma questão fundamental: ao longo do século XIX, o embate entre o desejo por uma produção cultural genuína e a cópia servil dos “países-fontes”, no fundo, coloca o realismo em uma falsa polêmica. Em outros termos: por mais que o realismo estivesse preocupado com a matéria local, com a experiência histórica latino-americana, elaborava seus produtos estéticos a partir de um esforço de imitação da cultura europeia, transpondo um modelo exterior de forma mecânica. Sendo assim, diz ele, os “romances documentários”, que consistiam em uma abordagem descritiva dos fatos pitorescos, faziam com que as manifestações literárias da América Latina tivessem que permanecer no nível da constatação, funcionando como uma espécie de produto bruto voltado à exportação.

Porém, haveria aí uma possibilidade verdadeiramente original de afirmação? Poderíamos tentar uma resposta do lado da inovação. Em nossas literaturas, inovar significa destacar sujeitos ou temas que ainda não tenham sido explorados anteriormente. Era, por exemplo, descrever a floresta amazônica, os índios dos Andes ou os gaúchos das regiões meridionais. Essa inovação temática é sem dúvida importante, e em determinado momento ela desempenhou um papel fundamental. Porém, só raramente ela implicou em um esforço paralelo de renovação extensível aos meios formais. Ora, percebemos atualmente que o mais importante na literatura é encontrar meios novos para poder sugerir através de sua interpretação novas visões

<sup>234</sup> CANDIDO, Antonio. *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens*, p. 01.

acerca do homem. Nos momentos de transformações profundas, como no nosso caso, a explosão da forma pode conduzir a uma explosão das visões ideológicas<sup>235</sup>.

É por este motivo que Candido vai resgatar, neste ensaio, o romance contemporâneo latino-americano como aquele capaz de verdadeiramente afirmar a qualidade estética da literatura produzida no continente. Pela abertura à fantasia, desenha-se uma espécie de “cura” daquela consciência amena do atraso, que agora situa as inovações também no âmbito da forma literária, não mais apenas na ordem dos temas. Exemplos, para ele, são a fantasia técnica de Mario Vargas Llosa, a fantasia mítica de Gabriel García Márquez e a fantasia simultaneamente técnica e mítica de Júlio Cortázar. Invoca, também, as figuras cubanas, cidadãos de um país que, para ele, carrega mais do que qualquer outro na América o peso do destino histórico comum das nações do continente, ou seja, um passado de violência e colonização e um presente de luta contra o subdesenvolvimento e a dependência. Novamente, enumera Alejo Carpentier, Lezama Lima, Cabrera Infante, Severo Sarduy etc., considerados tão diversos em todos as perspectivas, mas ao mesmo tempo portadores de um sentimento vanguardista com relação a esta consciência inovadora, que permite visões novas da sociedade latino-americana.

Pretendo sugerir desse modo que em nossos dias tornou-se difícil manter a posição tradicional, segundo a qual a condição de escritor americano implicaria em uma adesão ao realismo descritivo, com as intenções ideológicas encobertas mais ou menos habilmente. Do mesmo modo, é difícil afirmar que a fantasia e, principalmente, o refinamento da consciência técnica e experimental signifiquem uma fuga às responsabilidades, ou, como se dizia antigamente no Brasil, uma “despistagem”<sup>236</sup>.

Nessa toada, com relação à literatura brasileira, Candido parte de duas hipóteses: a primeira é que o imperativo do nacionalismo e do realismo, em especial no século XIX, levou a literatura nacional a uma interdição que impediu esta produção estética de perceber sua própria capacidade inovadora no que se refere à explosão potencial da linguagem. Como consequência, indica que também o isolamento do Brasil em relação ao restante da América Hispânica, em especial no Novecentos, fez com que os próprios países vizinhos não percebessem essa potência artística brasileira. O caso de Machado de Assis, para ele, é exemplar

Só recentemente se começou a entender que a obra de Machado de Assis, nascido em 1839 e morto em 1908, representa uma diferença surpreendente em relação ao tipo de realismo que reinava em sua época, já que ela permite outra visão da

---

<sup>235</sup> Ibid., p. 02.

<sup>236</sup> Ibid. p. 03.

realidade, desta vez mais rica, que se deve menos à sua camada mimética do que ao refinamento dos artificios. Nada lhe falta: possibilidade de leitura dupla, presença do absurdo, ruptura da objetividade, jogos verbais, retorno incessante do caráter fictício da narrativa, modelos rigorosamente desenvolvidos, que devem ser percebidos sob a pena de não compreender a coerência do discurso narrativo, bem como seu escopo final. Em uma época como a sua, cheia da abundância oratório, ele era seco; ao contrário da minúcia naturalista, ele usou e abusou da elipse; em detrimento das teorias flaubertianas do autor impessoal, ele dialoga a cada instante com seu leitor, baseando por assim dizer a consciência crítica no próprio tecido da sua narração. Não é de se admirar que ele tenha sido considerado “pouco brasileiro”, já que naquele momento ser brasileiro em literatura significava principalmente preencher o espaço figurativo com palmeiras ou personagens típicos. Não obstante, vemos hoje que é em seus romances que é preciso buscar as críticas mais duras da iniquidade social e da espoliação capitalista, que por aparecerem frequentemente em filigrana, não são percebidas em uma leitura superficial<sup>237</sup>.

Já nos anos de 1920, Mario de Andrade e Oswald de Andrade seriam representantes desta explosão estética a que Candido se refere. Para ele, no caso do primeiro, nas ficções *Amar, verbo intransitivo* (1927) e *Macunaíma* (1928), encontra-se um conjunto de narrativas de tom fabuloso, que revelam o fantástico através da incorporação do absurdo verbal e psicológico, rompendo também com a lógica do tempo linear. No caso do segundo, sobretudo em *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1927, publicado em 1933), “ele explora de forma criativa a paronomásia, que acabou se transformando em uma das bases da poesia brasileira contemporânea; ele pratica brilhantes soldas de palavras, transpõe suas categorias gramaticais e as organiza de acordo com uma sintaxe livre, que torna possível qualquer experiência. Como tonalidade, o sarcasmo e uma brincadeira que ele dirigirá contra as convenções sociais e que o levarão a posições políticas revolucionárias.

Assim, o caráter inovador desta literatura latino-americana, em geral, se liga exatamente a esta abertura ao direito à fantasia, sem abandonar, por outro lado, o sentido de engajamento que havia desenvolvido com o realismo social de tendência documental. O interessante, com isso, é o esforço que Candido vai fazer por projetar os brasileiros para além do espaço nacional, colocando-os na órbita dos escritores de maior potência no espaço do continente. Em suma, como já havia sido elaborado em *Literatura e subdesenvolvimento*, ele enxerga que na virada do século XIX para o XX, e mais fortemente no contexto pós anos 1940, o movimento de tomada de

---

<sup>237</sup> Ibid.

consciência do atraso catastrófico permitiu, paradoxalmente, a abertura ao livre curso das potências criadoras no âmbito da literatura produzida na América Latina.

A discussão que procura aproximar o Brasil do restante da América Latina no âmbito desta nova ficção é ampliada no texto “O papel do Brasil na nova narrativa<sup>238</sup>” em um evento realizado nos EUA, voltado para o estudo e a discussão da narrativa latino-americana no contexto pós anos 1950 a partir de discussões teóricas, estilísticas e, sobretudo, editoriais e mercadológicas. Este escrito é acompanhado de uma história interessante, que pode ser melhor explicada em carta enviado por Antonio Candido a Ángel Rama em 1982.

Cuando nos encontramos en México, te pregunté cuál era el destino que pretendían dar a mi *paper* del Wilson Center. Creí entender que ninguno, y que, por lo tanto, yo podría usarlo como quisiera.

Por eso autorizé su publicación en portugués aquí y en la revista de Antonio Cornejo [Polar]. Y también una publicación francesa, en versión reducida. Y ya había autorizado a Luis Fernando Vidal a publicarlo en español en una revista de Lima<sup>239</sup>.

Nesta fala evidencia-se uma orientação, por parte de Candido, de fortalecer as publicações latino-americanas, fazendo circular um texto que, em geral, apresenta um panorama da produção brasileira no contexto da nova narrativa. No ensaio, novamente ele apresenta as condições de possibilidade, fruto das transformações sociais, econômicas e políticas da época, que levam à conformação desta ficção na América Latina do século XX, especialmente aquela que “explode” no período pós 1950. O esforço, uma vez mais, é para incluir a produção nacional no conjunto latino-americano que compõe o cenário do continente. O que Candido procura defender é a ideia de que a chamada “nova narrativa” não encontra fôlego apenas nos países herdeiros do processo de colonização espanhol, mas também no Brasil, a despeito das diferenças que existem do ponto de vista da formação dos países do continente.

Como diz Débora Cota, este ensaio, do qual se espera que

ao tratar do papel do Brasil na nova narrativa, sendo esta a nova narrativa latino-americana ainda em seu auge nos anos 1980, encontre-se um paralelo, um quadro comparativo ou aproximações da literatura de nosso país às hispano-americanas.

<sup>238</sup> Apresentado, em 1979, no Workshop the Rise of New Latin American Narrative, 1950-1975, realizado pelo Latin American Program of the Woodrow Wilson International Center for Scholars, em Washington. Como Candido não pode comparecer, é Roberto Schwarz quem fica responsável pela leitura e apresentação pública do escrito. Republicado depois em português com o título “Os brasileiros e a literatura latino-americana”. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. I, nº 1. São Paulo: 1981, versão da qual parte este trabalho. Quando entra na obra “A educação pela noite e outros ensaios”, retira-se a caracterização “latino-americana”. Cf. CANDIDO, Antonio. *A nova narrativa*.

<sup>239</sup> CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Un proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondencia*, p. 135.



Sabe-se que a expressão “nova narrativa” não designa um corpo uniforme, mas as tendências da nova narrativa brasileira apontadas pelo autor também não configuram um único estilo, projeto. Ainda que Candido tente demonstrar o quanto ela é fruto, seja dando continuidade a eles ou contrariando-os, de seus antecessores imediatos dos anos de 1930 e 1940, deixa claro seu caráter multifacetado<sup>240</sup>.

Candido inicia a discussão apresentando uma explicação histórico-sociológica para aproximar o Brasil da América Hispânica, ressaltando um conjunto de características comuns que permitem definir certa latino-americanidade que dá sentido de unidade ao continente: colonização ibérica, escravidão, atividade monocultora, mineração, mestiçagem, independência dirigida por uma elite local etc. Já no século XX, os elementos de aproximação são urbanização acelerada, industrialização, miséria no campo, atuação exploratória do capitalismo das multinacionais. Por fim, também menciona a irrefreável influência dos EUA no campo da cultura, especialmente a partir da produção televisiva, que se junta

se deve juntar, no plano literário, à imitação de tendências européias, sobretudo francesas, que se misturaram às das metrópoles e ajudaram a estabelecer uma certa autonomia em relação a elas. Por toda a América Latina, a França foi um fator de unificação, alienante mas distintivo.<sup>241</sup>

Porém, como se trata de uma apresentação da produção nacional para um público estrangeiro, Candido procura traçar também as características que definem as especificidades da literatura brasileira. Em primeiro lugar, procura diferenciar as diversas expressões do regionalismo ao longo do continente, que no caso do Brasil, em especial no período independente, corresponderia mormente à produção do Romantismo. Nesta produção, ressalte-se, como elemento de unificação e comunhão nacional, o Indianismo, que, a partir de uma perspectiva idealizada e essencializada, apresentava o habitante nativo do país como uma espécie de antepassado mítico que se fez, necessariamente, em oposição à cultura do colonizador. Depois, surgiria o regionalismo na ficção, que não se ligava diretamente a uma “escola literária” e tinha por característica principal um corte transversal de busca pelas peculiaridades locais, reivindicando um vínculo mais orgânica com a terra. Assim, “tais peculiaridades pareciam representar melhor o País do que os costumes e a linguagem das cidades, marcadas pela constante influência estrangeira<sup>242</sup>.” Em outros termos, é como se a cultura produzida na urbe,

<sup>240</sup> COTA, Débora. Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar e a constituição de um pensamento latino-americanista. *Remate de Males*, Campinas-SP, 2016, p. 61-62.

<sup>241</sup> CANDIDO, Antonio. *Os brasileiros e a literatura latino-americana*, p. 60.

<sup>242</sup> *Ibid.*, p. 61.

por ser mais impactada pelas metrópoles, fosse menos representativa do ponto de vista da constituição da brasilidade.

Por isso, Candido considera que esta postura regionalista, um corte transversal na produção literária do século XIX, teve importância em um certo auto-reconhecimento do país ao longo do processo de autonomização política e social que se desenvolvia desde a virada do século XVII, atingindo seu apogeu nas emancipações ou independências. A partir de uma modificação, o elemento regional vai reaparecer, já no século XX, sob a denominação de “literatura sertaneja”, mas agora visto pela crítica por um prisma negativo. Enquadrada como “subliteratura vulgar”, considerava-se que ela tinha explorado a matéria local a partir de um tom pitoresco, lançando mão de um ângulo que preza pelo elemento exótico e dominado pelo paternalismo. O crítico brasileiro chama isso de uma expressão do “nacionalismo patrioteiro e sentimental”.

O interessante é que ele percebe a emergência subterrânea de um outro movimento literário que, desde 1840, no âmbito da ficção, optou pelo oposto: a descrição da vida nas cidades grandes, sobretudo no Rio de Janeiro. Feito a partir de um conjunto de expressões de elite, ela mesma muito ligada às feições metropolitanas, para onde miravam suas penas, acabou favorecendo aquilo que Candido considera uma “imitação mecânica da Europa”. Se explode nesta literatura um traço reflexivo, surge também um esforço de dissolução daquilo que ele considera uma força “centrífuga”, ou seja, uma tentativa de afastar-se do elemento externo em busca da essência nacional. Em outros termos, pode-se dizer que esta “ficção da urbe” possibilitou a difusão de uma espécie de “linguagem culta comum”, que seria responsável por dar conta de problemas, dilemas e questões consideradas universais, à luz dos costumes das civilizações dominantes do velho mundo.

Este segundo processo, cujo embrião se encontra na primeira metade do século XIX, teria atingido sua forma mais acabada na literatura de Machado de Assis, que trouxe ao primeiro plano “as discussões do homem universal”. Esta literatura consolida não apenas uma nova opção temática, da vida na cidade e dos dilemas do mundo urbano, mas também se abre a novas técnicas narrativas consideradas pela crítica um tanto quanto inovadoras. Para Candido, a formação de

uma nova consciência estética e crítica, que recusa o provincianismo ingênuo, se encontra no machadiano *Instinto de Nacionalidade*<sup>243</sup>, de 1873.

Estas considerações aparentemente intempestivas são feitas com o intuito de lembrar que na ficção brasileira o regional, o pitoresco campestre, o peculiar que destaca e isola, nunca foi elemento central e decisivo; que desde cedo houve nela uma certa opção estética pelas formas urbanas, universalizantes, que destacam o vínculo com os problemas suprarregionais e supranacionais; e que houve sempre uma espécie de jogo dialético deste geral com aquele particular, de tal modo que as fortes tendências centrífugas (correspondendo no limite a quase literaturas autônomas atrofiadas) se compõem a cada instante com as tendências centrípetas (correspondendo à força histórica da unificação política)<sup>244</sup>.

A questão central é que esta tendência literária, que coexistia em oposição ao corte transversal de valorização do elemento regional, se amplia e se consolida a partir dos anos 1930, por mais paradoxal que seja, na esteira do chamado “romance do Nordeste”. O ponto de Candido é que esta nova prosa de ficção extinguiu de sua própria expressão aquele regionalismo de visão paternalista e exótica, valorizando agora um novo olhar crítico que juntava, de um lado, a defesa dos menos favorecidos e dos marginalizado do mundo rural, ao mesmo tempo que, ao não se vincular à ingenuidade da pureza nacional, passava pelo acento realista e usava e abusava do vocabulário poético típico da literatura urbana, inclusive na escolha das situações de fundo e dos temas. Assim,

os decênios de 30 e 40 foram momentos de renovação dos assuntos e busca da naturalidade, e a maioria dos escritores não sentia plenamente a importância da revolução estilística que por vezes efetuavam. Mas não esqueçamos que esses autores (alguns dos quais despreocupados em refletir sobre a língua literária) estavam de fato construindo uma nova maneira de escrever, tornada possível pela liberdade que os modernistas do decênio de 1920 tinham conquistado e praticado<sup>245</sup>.

O acolhimento destes modos de expressão, que até então pouco frequentavam a literatura erudita, não representam mais uma “seleção pitoresca do rústico local”, como fazia supor a visada regional do século XIX. Candido considera que este “regionalismo ingênuo”, além de ter sido apropriado e modificado pelo “romance do Nordeste”, vai ser também ultrapassado por um “moderno romance urbano”, pós anos 1950, consolidado em nomes como os dos brasileiros Dalton Trevisan, Osman Lins, Fernando Sabino, Oto Lara Rezende e Lúcia Fagundes. Esses escritores circulavam

<sup>243</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Obras completas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v. 3, p. 801- 809

<sup>244</sup> CANDIDO, Antonio. *Os brasileiros e a literatura latino-americana*, p. 61.

<sup>245</sup> *Ibid.*, p. 62.

no universo dos valores urbanos, relativamente desligados de um interesse mais vivo pelo lugar, o momento, os costumes, que em seus livros entram por assim dizer na filigrana. Também, nenhum deles se afirma ideologicamente por meio da ficção, com exceções que aumentam depois do golpe militar de 1964. Por isso, é difícil enquadrá-los numa "opção", conforme o sentido definido acima. Direita ou esquerda? Romance pessoal ou social? Escrita popular ou erudita? Pontos como estes, antes controversos, já não têm sentido com relação a livros que exprimem uma experiência abrangente, segundo a qual a tomada de partido e a denúncia são substituídas pelo modo de ser e de existir, do ângulo da pessoa ou do grupo<sup>246</sup>.

O desembocar deste processo são os anos 1960 e 1970. Neste período, a ficção brasileira chega ao que Candido considera sua “maturidade”. Especialmente com Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Murilo Rubião, alguns elementos apresentam-se à cena literária: a elaboração do texto passa a ser elemento decisivo; misturam-se uma realidade social potente, capaz de fornecer a sugestão dos temas à arte, e um novo conjunto de instrumentos verbais a partir de diferentes inovações técnicas no plano da linguagem. “Não se trata mais de ver o texto como algo que conduz a este ou aquele aspecto do mundo e do ser; mas de lhe pedir que crie para nós o mundo, ou um mundo<sup>247</sup>.”

Candido considera que Guimarães Rosa, em *Sagarana*, é quem melhor consolidou esta “inflexão no regionalismo”, sobretudo a partir da invenção do entrecho e da construção inovadora da linguagem. Isso teria se aprofundado, em especial, em *Grande Sertão: Veredas*, de 1956. Nessa obra, houve uma explosão transfiguradora, na qual atingiu-se a universalidade através da exploração exaustiva do mais particular. Em outros termos, ao passear pelo que até então eram considerados os “elementos pitorescos” do chamado “mundo rústico regional”, Guimarães procurou, ao invés de destaca-lo como um elemento à parte, colocá-lo em um espaço de valor comum à brasilidade e, em grande medida, à universalidade. O crítico brasileiro considera, portanto, que o conhecido mundo rústico do sertão acabou virando, na obra de Rosa, “ficção pluridimensional, com riqueza formal e verbal<sup>248</sup>”. Assim, instaurou-se o que Candido considera a “maturidade do moderno”: valores universais, escrita aberta à inventividade da linguagem, tradições da língua local e temas ligados à região. Em melhor explicação:

Sendo assim, foi o primeiro a operar a síntese final das obsessões constitutivas da nossa ficção, até ali dissociadas: a sede do particular como justificativa e como

<sup>246</sup> Ibid., p. 63.

<sup>247</sup> Ibid., p. 63. De certa forma, essa concepção se aproxima de alguns debates da filosofia da linguagem que concedem ao texto literário a primazia fundante de uma ordem social, isto é, a ideia de que a narrativa é quem determina os passos da realidade material.

<sup>248</sup> Ibid., p. 64.

identificação; o desejo do geral, como aspiração ao mundo dos valores inteligíveis à comunidade dos homens. Como a sugestão de Machado, no artigo de 1873: fixar o particular, mesmo sob a sua forma extrema de pitoresco, como afirmação de uma autonomia interior que o transcende<sup>249</sup>.

Vale destacar também a figura um pouco esquecida de Murilo Rubião (1916-1991). Para Candido, ele foi fundamental na junção do chamado realismo social com a tendência da “literatura fantástica”, traço poético comum em parte da produção literária latino-americana da segunda metade do século XX que investia no assombro, no absurdo, na imaginação e na fábula como experimentos artísticos. Isto, inclusive, vai fazer com que o crítico possa aproximar a literatura brasileira e da literatura produzida no espaço hispano-americano, em um exercício que projeta uma produção estética que compartilha de traços comuns.

Assim, para ele, esta “nova narrativa contemporânea brasileira” realizou um movimento importante: se distanciou, de um lado, do realismo meramente descritivo, ligado aos naturalismos do século XIX, que deu o tom, também, em algumas produções nacionais ao longo do século XX. De outro, também não cedeu ao desejo da estetização completa da arte, ou seja, um movimento que leva a um afastamento completo das matérias locais, das temáticas recorrentes da vida nacional, que funcionam como enclaves na consciência do escritor. Para Candido, “essas tendências podem ser ligadas às condições do momento histórico e ao efeito das vanguardas artísticas, que por motivos diferentes favorecem um duplo movimento de negação e superação”<sup>250</sup>. Em outros termos, trata-se da junção de um movimento que preza pela linguagem, abrindo-se à universalidade, ao mesmo tempo que se vê, de forma reiterada, vinculado à permanência das condições histórico-sociais que conformam o espaço latino-americano.

## 2.5 Por uma teoria literária da América Latina

Toda essa elaboração teórica e historiografia encontra morada, do ponto de vista crítico, no último dos ensaios que iremos abordar. Escrito em 1982, é fruto da participação de Antonio Candido em um evento realizado em Caracas, na Venezuela, cujo objetivo era esboçar o projeto de uma história da literatura latino-

---

<sup>249</sup> Ibid., p. 65.

<sup>250</sup> Ibid., p. 66.

americana. Nele, apresenta a comunicação intitulada *Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)*<sup>251</sup>, uma comunicação voltada para o debate público, indicando propostas e questões para intervenção. O encontro marca a reunião de uma rede de críticos que havia sido esboçada por Candido e por Ángel Rama há anos. Participam nomes como Ana Pizarro, Rafael Gutierrez Girardot, Franco Meregalli, Domingo Miliani e Antonio Cornejo Polar, por exemplo.

Como ressaltamos no primeiro capítulo, diante da preocupação de Ángel Rama acerca da integração do Brasil ao cenário hispano-americano, Candido participa, na presença de especialistas, partindo da seguinte questão: a produção literária nacional depende de “dois ângulos dialéticos”. No primeiro, a literatura entendida como prolongamento das expressões metropolitanas; depois, a literatura entendida como ruptura com relação à metrópole. No fundo, trata-se da reiteração do mesmo problema que agita todos os ensaios anteriores: a formação da literatura latino-americana em seus choques e dilemas nacionais, internacionais, locais e universais. Sendo um texto de intervenção mais direta, que procura propor soluções à problemática do evento, ele começa reafirmando a necessidade de se estudar a produção estética da América Latina a partir de uma visada histórica, cultural e sociológica, em especial por sua ligação com uma certa formação da consciência dos problemas sociais que assolavam os países do continente. Para ele, esse traço é específico de regiões periféricas, posto que nelas se desenham formações e definições de nacionalidades tardias.

No caso latino-americano a literatura parece ter sido quase “comprometida”, não no sentido do desígnio ideológico, mas na tarefa de construção da nacionalidade através da cultura. O compromisso passou pela construção de uma linguagem culta, que desde o período colonial permitiu a incorporação da expressão da terra nova ao universo dos países colonizadores. Ao mesmo tempo, o uso desta linguagem do colonizador serviu, em grande medida, para conseguir instrumentos capazes de definir a própria identidade do colonizado, abrindo espaço para a reivindicação político-social de sua própria autonomia diante dos controles metropolitanos ao longo dos séculos<sup>252</sup>.

Já no século XVIII, as tendências da Ilustração impulsionaram este sentido da literatura de caráter erudito, destacando nela a capacidade de “esclarecer”. Para

---

<sup>251</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e História na América Latina (do ângulo brasileiro)*.

<sup>252</sup> Ibid.

os ilustrados a escrita era instrumento de elevação e dignidade do país. Em certa medida, este tom é retomado em um ensaio famoso de Antonio Candido, intitulado “O direito à literatura<sup>253</sup>”. Nele é possível perceber uma discussão sobre a natureza deste direito ao propor que a literatura – produções poéticas, ficcionais ou dramáticas, fundamental fator de humanização, deve ser democratizada e alargada, tornando-se um direito inalienável e universal.

Candido enxerga a produção desta literatura novamente como fruto de um processo/jogo dialético entre expressão metropolitana e ruptura com a metrópole. Ao falar em “prolongamentos”, ressalta a ligação orgânica da cultura latino-americana com produção ocidental, que transplantou para o território da América o aparato cultural típico da metrópole. À luz disso, o século XIX viu emergir uma postura de independência que lutou e se esforçou para afirmar uma peculiaridade extrema. Sendo assim, ressalta ele, a tendência à ruptura se dá tanto politicamente, enquanto consciência de separação, quanto esteticamente, enquanto procura da originalidade. Nesse sentido, não se tratam de literaturas europeias praticadas no Novo Mundo, mas sim de expressões com timbre próprio, devido tanto à maturação interna quanto ao esforço de modificar a influência permanente das metrópoles.

o nacionalismo é válido enquanto tendência, mas nocivo quando se nutre da ilusão de insularidade, ou quando procura reduzir a literatura ao pitoresco provinciano. Por motivos políticos, forçamos frequentemente o ponto de vista nacionalista, que, levado ao extremo, torna inexplicável o processo literário da América Latina, na sua dialética de prolongamento e ruptura.<sup>254</sup>

Novamente, Candido parece se resguardar das tendências nacionalistas mais isolacionistas que assolavam a América Latina com o desejo de subtração das influências estrangeiras. Em grande medida, se a construção de seu argumento ao longo dos anos, nos ensaios aqui apresentados, levou à construção de uma visão dialética que busca equilibrar as diversas influências que atravessam a cultura latino-americana, então esta reformulação, do ponto de vista intelectual, deveria ter ecos importantes também na proposição de novos horizontes teóricos para o estudo dos produtos estéticos que se formam ao largo do continente.

Um dos traços constitutivos do processo literário latino-americano, portanto, é o vínculo entre modelos estéticos impostos e a preocupação de exprimir o ‘sentimento nacional’. Mesmo quando nossa literatura não era essencialmente diversa das metropolitanas na aparência estética, era-o na função histórica. Sendo assim, essas

<sup>253</sup> CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001, pp. 171-193.

<sup>254</sup> Ibid.

literaturas “comprometidas” na construção de uma cultura devem ser enxergadas no seu movimento dialético, essencialmente integrador. Isso leva à dificuldade de enquadramento de ‘períodos’, momentos literários mais ou menos ‘alienados’, mais ou menos ‘empenhados’. Para alguns, o Barroco seria congenial à América Latina; ou o Romantismo, que selou a libertação política; ou os regionalismos, manifestações ‘tipicamente’ nacionais; ou as correntes modernas de vanguarda, que teriam pela primeira vez produzido obras capazes de projeção universal<sup>255</sup>.

Em primeiro lugar, Candido dispensa novamente a noção de uma formação latino-americana reflexa. Ao dar utilidade histórico-social à cultura, considera que toda a produção estética do continente foi fator de afirmação do nacional, ao mesmo tempo que serviu de integração do elemento exógeno no espaço latino-americano. Àqueles momentos de maior investimento nacionalista, o crítico associa não um processo de alienação escamoteante nem a exasperação super-idealista de uma espécie de “alma nacional”; antes, define-o como uma busca incessante, e de certa forma empenhada, pela definição de uma cultura em vias de formação.

Exemplos são as análises feitas sobre as expressões arcádicas e neoclássicas da literatura brasileira da segunda metade do XVIII e começo do XIX. Encaradas como manifestações de artificialismo alienador, expressões da situação colonial e de subserviência à metrópole, teria sido corrigida pelo Romantismo, que exprimiu valores locais e revelou a paisagem e o homem do Brasil. Contudo, ambos os períodos são tributários dos modelos europeus. A adoção desta convenção servia para elevar a colônia ao universo da metrópole. Sendo assim, “Arcadismo e Romantismo formam um contínuo, no qual a ruptura estética coexiste com a unidade do projeto histórico-cultural, que era construir na Colônia, e depois na jovem Nação, uma literatura que provasse a sua capacidade de integrar-se no concerto dos países civilizados<sup>256</sup>.

O crítico considera, portanto, que no contexto latino-americano a literatura e a produção intelectual, em geral, se atrelaram a algum tipo de compromisso histórico. Para ele, o risco reside no fato de que esta constatação pode levar a uma “hipertrofia do político” e a um consequente “descaso pela análise do texto”. Por isso, defende que o reconhecimento da importância do ponto de vista histórico, que entende a literatura como elemento do processo de construção da cultura e da sociedade, deve levar em consideração os pontos de vista formais (não formalistas) que compõem as obras, permitindo um estudo da literatura enquanto realidade estética.

Preso à necessidade de afirmar e reafirmar a independência, neste continente sempre dominado por interesses e forças estranhas, o estudioso procura ressaltar os

---

<sup>255</sup> Ibid., p. 176.

<sup>256</sup> Ibid., p. 177.



conteúdos locais, o ânimo de rebeldia, a rejeição dos imperialismos. E esta atitude justa o faz muitas vezes desinteressar-se da performance propriamente literária<sup>257</sup>.

Candido, por fim, ressalta a explosão de uma tendência crítica globalizadora entre os estudiosos latino-americanos, que procura pensar as literaturas do continente como um conjunto e como uma unidade. A partir disso, realiza-se, para ele, um esforço de elaboração de uma teoria literária *da* América Latina, que parte sempre de uma orientação nodal: o interesse simultâneo pela análise do particular e do geral dos textos, ou seja, a conjunção de uma análise histórico-sociológica em meio ao mergulho formalista na obra. Esses estudos, assim, apostam na visão integradora, capaz de corresponder à natureza mesma do processo literário na América Latina. Eles permitem levar em conta a ambiguidade da forma no nível das tensões do discurso e da estrutura, gerando significados complexos que são melhor compreendidos quando se levam em conta os elementos que compõem a personalidade do escritor. “Isto talvez ajudasse a superar as dicotomias do tipo ‘formalismo’ x ‘conteudismo’ no tocante aos textos; e ‘nacional’ x ‘cosmopolita’, que seriam vistas integradamente no funcionamento do processo<sup>258</sup>”. Ao que parece, o objetivo aqui é levar ao nível da abordagem literária, isto é, da teoria da literatura a mesma postura de maturidade que ele já identificava nos próprios textos de cunho poético, que por si mesmos diluíram estas oposições em função de uma disposição dialética.

Destas posições tidas como estanques e díspares decorrem, para ele, ao menos dois problemas: em primeiro lugar, um apego completo ao “cosmopolitismo”, que pode corresponder a uma atitude alienadora no sentido de afastar a análise da realidade do continente, fazendo desconhecer seus próprios valores formados no seio das sociedades latino-americanas. Candido considera que esta atitude “universalista” pode tomar feição positiva quando der conta de uma “penetração em profundidade nas obras universais que ajuda a sermos cidadãos do mundo<sup>259</sup>”. É este também o argumento que Ángel Rama lança em um estudo sobre a “geração crítica uruguaia<sup>260</sup>”, que para ele teria desenvolvido uma consciência histórica responsável pela assimilação das obras estrangeiras, colocando a América Latina como dimensão intermédia, acima da nacional, mas abaixo da universal, que

<sup>257</sup> Ibid.

<sup>258</sup> Ibid.

<sup>259</sup> Ibid., p. 178.

<sup>260</sup> RAMA, Ángel. *La generación crítica (1939-1969): I Panorama*. Montevideo: Arca, 1972.

permitia, ao mesmo tempo, uma recusa à acusação de estrangeirismo e uma tomada de conhecimento da realidade do continente.

O segundo problema que Candido considera perigoso é o do reiterado “regionalismo ingênuo”, que às vezes gera uma visão provinciana comprometedora, ela própria, de um olhar em direção ao “universal”. Esta “visada regional” só poderia ser profícua à análise da literatura quando se embrenhasse na procura pelos traços peculiares do país, na busca pela construção de uma identidade cultural desessencializada do continente, posto que é formada, ao mesmo tempo, por traços locais e universais, nacionais e cosmopolitas.

Estes casos nos ajudam a entender a importância de se pesquisar a função dos movimentos, das tendências e das obras, e nos levam a perceber que nos estudos literários deve haver um sentimento de oportunidade histórica: quando poderemos dispensar a mediação mais ou menos intensa das culturas estrangeiras, sem perder a possibilidade de construir a visão de mundo?<sup>261</sup>

Nos anos 1980, afirma Candido, ainda não existia um sistema organizado de conhecimentos para elaborar uma história global (no sentido de total) das literaturas latino-americanas, que seja esteticamente satisfatório e atenda aos requisitos da visão histórico-social. Trata-se de uma abordagem inicial no plano da literatura comparada, porque o objeto de análise é um conjunto de países que desejariam salientar os seus pontos de afinidade.

Talvez haja nisto o risco (fecundo) de ‘inventar’ de modo meio arbitrário uma visão integrada que não se justifique plenamente de maneira objetiva, dada a importância das diferenças. Mas esta ‘invenção’ é humanamente mais válida do que a capitulação céptica, que, ao acentuar excessivamente a diversidade, transforma a diferença em incompatibilidade. Ora, a unidade depende também da vontade consciente; no caso, dos escritores e estudiosos. Assim, os nossos românticos quiseram criar uma literatura nacional e afirmaram tê-lo feito. Descontando a quota da ilusão, foi um progresso, não apenas histórico, mas estético, porque desenvolveu a atitude de pesquisa e liberdade<sup>262</sup>.

Assim como no século XIX as jovens nações latino-americanas lutaram pela Independência para afirmar suas identidades, a segunda metade do século XX, segundo ele, coloca uma redefinição desta identidade, inclusive no terreno literário. Portanto, Candido defende que o melhor esforço dos estudiosos deve ser por avaliar o peso do político no estético a fim de tecer uma teoria literária da América Latina capaz de dar conta do próprio movimento da história continental: em primeiro lugar, a busca por formar um sentido de nacionalidade no século XIX; depois, já no século

<sup>261</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e História na América Latina (do ângulo brasileiro)*, p. 179

<sup>262</sup> *Ibid.*, p. 179.

XX, o desejo de construir uma unidade continental que respeite a força criadora da diversidade de cada região que compõe esse mosaico. Em outros termos, trata-se de fazer da abordagem teórica e, em certa medida, da própria historiografia literária um acúmulo da própria experiência estética que se desenvolve no continente ao menos desde o novecentos.

Ao se tratar de uma comunicação em caráter de *ponencia*, este estudo do crítico brasileiro adquire uma feição diferenciada em relação aos outros anteriormente apresentados: não somente é um texto que busca verificar os problemas da formação literária latino-americana com vistas à interlocução intelectual continental, mas também procura, em certa medida, ele próprio traçar alguns caminhos e proposições capazes de consolidar um campo de estudos literários menos “nostálgico com relação à Europa” e mais afeito às especificidades da historicidade periférica que conforma a experiência histórica latino-americana. O que Candido propõe, portanto, é a construção de uma história da literatura latino-americana que parta de um horizonte teórico, ele próprio, produzido no continente, que por si só representa de luta por expressão original e emancipação e pertencimento universal.

De certa forma, este escrito é o ponto de chegada de algo gestado ao menos desde os anos 1960. O percurso argumentativo que aqui desenhemos mostra um conjunto bastante complexo de ensaios de interpretação. Em *Literatura de dois gumes* tem-se o esboço da lente teórica que Candido vai projetar sobre a América Latina: a colonização como processo dialógico, de apropriação e recusa, de imposição e transculturação cultural e literária. Em *Literatura e subdesenvolvimento*, esta questão avança até identificar, no século XX, a expressão super-regionalista como ponto máximo de uma atitude madura da produção estética latino-americana, já capaz de conferir ao traço poético um senso dialético que percebe no mesmo objeto as forças locais e universais, nacionais e cosmopolitas. Ao se aprofundar também nas questões da linguagem, é em *Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens* que descreve esta nova narrativa super-regionalista a partir da capacidade criativa que carrega, em decorrência, sobretudo, da abertura à explosão da forma e às inovações no plano da linguagem, permitindo o incremento da fábula e da imaginação. Em *Os brasileiros e a literatura latino-americana*, trata-se de identificar todas estas características literárias na produção nacional, buscando conectá-la à produção mais ampla do continente. Finalmente,

todo esse acúmulo intelectual vai compor a comunicação *Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)*, que parte da seguinte questão: uma nova forma de literatura requer, necessariamente, uma nova forma de se estudar literatura.

De modo paulatino, esses textos procuraram lançar luz à problemática da cultura latino-americana, ao mesmo tempo em que participam de reflexões maiores, do ponto de vista intelectual, no cenário latino-americano, buscando interferir e redimensionar as próprias tradições de leitura que circulavam no continente à época.

### 3

## Considerações finais

### Historicidade periférica e modernidade latino-americana: da dualidade à dialética

A produção intelectual de Antonio Candido sobre a América Latina, se não é tão numerosa quanto o restante de sua obra, ao menos guarda um sintoma importante: a tentativa de extrapolar os limites territoriais nacionais que foi, por um determinado tempo, um interesse do ponto de vista intelectual. Como dito anteriormente, no primeiro capítulo, este contato continental se deu na elaboração de um projeto latino-americanista, que seria colocado em prática a partir da construção e execução de eventos e publicações. Em grande medida, foi em decorrência destes encontros e destas dinâmicas continentais que o crítico brasileiro construiu, de forma gradual, um conjunto de reflexões sobre o movimento geral da literatura latino-americana dos séculos XIX e XX. Estas ideias encontram-se sedimentadas em textos que, se lidos de forma esparsa, denotam apenas um interesse constelar e assistemático de Candido em relação à cultura do continente. Contudo, como mostramos no capítulo anterior, trata-se de escritos de densidade crítica que mobilizam uma série de referências importantes com o objetivo de analisar a formação da cultura na América Latina a partir dos movimentos de transformação econômica, política e social impulsionados pelos processos de modernização.

Como vimos, a própria dinâmica das trocas intelectuais no campo da crítica literária latino-americana entre as décadas de 1960 e 1980 foi importante para a elaboração destes textos. Por conta de certa institucionalização tardia em alguns países, com exceção de México, Brasil e Argentina, era comum que a atuação intelectual dos estudiosos das letras se desse de forma mais contundente em espaços não acadêmicos, sobretudo em jornais, revistas e eventos organizados fora da universidade. Diante disso, a escrita ensaística parece se abrir mais aos protocolos da circulação pública de ideias, ao mesmo tempo em que se preocupa menos com a dimensão normativa do que conforma um saber produzido no âmbito do saber acadêmico. Em alguma medida, esta característica da forma ensaio faz com que, do ponto de vista teórico, este tipo de texto seja mais aberto e permeável às sínteses

explicativas da realidade, que no caso da América Latina pós anos 1950 vai funcionar, também, como meio de buscar respostas aos dilemas da formação, servindo como possibilidade de orientação, no plano prático, em meio às dinâmicas do processo de modernização que assolaram o continente nos séculos XIX e XX.

El ensayista no solo dialoga con libros e lecturas cerradas, sino también con un inmenso grupo de vectores de ideas en plena ebullición, combinatoria y recombinatoria; con presencias y ausencias, voces y silencios, de modo tal que aquellas investigaciones que contribuyan a volver a traer esta apasionante red de afinidades, gestos, diálogos, implícitos y tomas de posición intelectual nos permite tejer una red no menos apasionante de sentidos<sup>263</sup>.

Esta pluralidade de sentidos, que conforma a flexibilidade do ensaio, é fruto de uma abertura ao presente, à realidade social que circunda o ensaísta, dotando-o de um senso do concreto que dificilmente é tomado como crucial no discurso científico. Como consequência, abre-se a possibilidade de incorporação tanto da experiência do autor quanto da capacidade de recepção do leitor, na contramão dos protocolos normativos e dos critérios que definem a “cientificidade” de determinado saber. Assim, acaba criando uma forma textual mais propícia a responder às modificações estruturais pelas quais passaram a sociedade latino-americana. É por isso que, a partir de sua difusão ampla ao largo do continente, “el ensayo formaba parte de un espacio público de discusión consolidado y era escenario de una experiencia intelectual y estética compartida<sup>264</sup>”.

Pode-se dizer, assim, que Candido atuou como uma espécie de intelectual pendular: de um lado, consolidou-se como ponto central do processo de inserção acadêmica e universitária dos estudos literários no Brasil, que de certa forma serviu de modelo à institucionalização posterior desta disciplina no restante da América Latina. Nesse sentido, como peça chave neste movimento de especialização, pavimentou um caminho formativo que projetou uma nova leva de críticos literários no cenário nacional e continental. Por outro lado, optou por interpretar a história latino-americana pelo viés ensaístico, propondo reflexões mais abertas e arejadas, buscando a socialização e a complementação de sentidos para as ideias construídas em diversos textos que datam das décadas de 1960, 1970 e 1980.

<sup>263</sup> WEINBERG, Liliana. El ensayo como espacio de amistad intelectual. *Temas de Nuestra América. Revista de Estudios Latinoamericanos*, 2012, p. 54.

<sup>264</sup> WEINBERG, Liliana. El ensayo latinoamericano entre la forma de la moral y la moral de la forma, p. 113.

O latino-americanismo de Antonio Candido, portanto, se espraia em diversos “ensaios de interpretação”, que, a partir da prosa expositivo-argumentativa<sup>265</sup>, buscaram

indagar las respectivas formaciones nacionales a través de la puesta en relación entre literatura, imaginario, historia y cultura y llegó a tocar ciertas claves de la formación cultural nacional y latinoamericana, puso en permanente tensión la asociación simplista literatura-vida nacional, así como repensó la relación entre lo propio y lo universal. Textos de compromiso ético y desenmascaramiento constituyen una liga entre el ensayo identitario, el ensayo moral y el literario<sup>266</sup>

O que vimos é que este ensaísmo é construído a partir do constante deslocamento de olhar, que reorienta seus estudos para as expressões culturais além das fronteiras nacionais. Nas dinâmicas de circulação continental, nas trocas intelectuais com diversos pensadores do continente, na exigência de congressos, encontros e eventos; em suma, na imersão completa no processo histórico continental é que o crítico brasileiro vai produzir um conjunto de reflexões importantes sobre o movimento da literatura latino-americana nos séculos XIX e XX, procurando interpreta-lo à luz dos impactos que as transformações sociais, econômicas e políticas produziram na vida coletiva e na consciência dos escritores. Além disso, é possível dizer que, nestes ensaios, há também outra questão subjacente: uma leitura sobre a experiência da modernidade periférica.

Em outros termos, é possível dizer que Candido construiu uma interpretação da historicidade periférica e pós-colonial da América Latina a partir da elaboração de uma categoria que define certa expressão cultural do continente: o super-regionalismo. Neste traço poético, que não é propriamente uma escola literária ou um momento histórico, mas sim uma expressão estética que atravessa diversos momentos da vida literária latino-americana, tem-se uma forma específica de tratar a relação entre os traços da localidade e a inventividade da linguagem considerada universal. Por isso, os escritores super-regionalistas parecem realizar, segundo ele, um movimento, no plano literário, de superação de um atraso ingênuo, que

<sup>265</sup> Segundo Walter Mingolo, dentre as diversas formas de ensaio, a que mais vigorou, na América Latina do século XX, foi a do “ensaio ideológico”, que, a partir de uma exposição textual argumentativa, se centra em um sujeito que assume francamente uma postura de crítica aos “costumes” e à sociedade<sup>265</sup>. Cf. MIGNOLO, Walter. Discurso ensayístico y tipología textual. In: LÉVY, Isaac y LOVELUCK, Juan (eds.). *El ensayo hispánico*. Columbia: University of South Carolina, 1984, p. 53.

<sup>266</sup> WEINBERG, Liliana. El ensayo y la interpretación de América. In: ARMIJO, Mercedes de Vega (coord.). *La búsqueda perpetua: lo propio y lo universal de la cultura latinoamericana. La literatura hispano-americana*. Vol 3, México, Dirección general del acervo histórico diplomático, Secretaría de relaciones exteriores, 2011, p. 236.

pressupunha uma nacionalidade pitoresca, abrindo-se, sobretudo no cenário pós 1950, a uma postura de “maturidade” que leva à percepção dialética do processo histórico-cultural.

Dita de outra forma, esta era uma questão central na história latino-americana: o aparente embate entre modernidade e tradição, entre progresso e atraso. No contexto do século XX, em especial no período após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esta discussão atinge seu apogeu na América Latina, muito por conta de uma percepção de que aquele momento havia colocado um “eclipse da civilização europeia”<sup>267</sup>. Ao mesmo tempo, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, político e social, no contexto pós 1945, a América Latina passava por um amplo processo de mudança: democratização política, com o fortalecimento de governos populares que aproximaram as massas da esfera pública de decisão, seja na ocupação do Estado, seja nas organizações sociais, tais como sindicatos e partidos; explosão demográfica, com aumento dos contingentes populacionais e o incremento de processos de migração entre regiões internas dos países e até no continente; expansão dos parques industriais, que possibilitaram a ampliação da oferta de emprego e, por consequência, o aquecimento dos mercados consumidores; amplificação dos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e depois a televisão, que levaram à dinamização de processos sociais importantes; consolidação e ampliação dos saberes “acadêmicos”, fruto do processo de fortalecimento e expansão das universidades.

Los años sesenta son un momento en que América Latina está mayormente inserta en el ámbito internacional – siempre en su carácter de periferia, desde luego, marchando como puede al paso de sus demandas. Pero, al mismo tiempo, América Latina tiene en el período un desarrollo histórico y cultural propio, cuyo perfil incorpora elementos tanto de este espacio internacional como del regional, en diferente dinámica y con específicas relaciones. Estas no son sólo económicas o políticas, sino también sociales, de constitución de lo imaginarios colectivos, de la comunicación, de la conformación general del mundo simbólico. Es un momento en que diríamos, con el lenguaje de hoy, que se establecen redes globalizadoras, pero a partir de los movimientos no hegemónicos: los sociales en América Latina, los de descolonización en África, los anti-neocoloniales en Asia – como en el caso de Vietnam –, o el Movimiento por los Derechos Civiles en los Estados Unidos<sup>268</sup>.

Em suma, todas essas modificações importantes levaram à sensação de que o continente caminhava em direção à sua modernidade, libertando-se da miséria, da pobreza e da penúria, algo comumente afirmando em alguns círculos intelectuais

<sup>267</sup> HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*, p. 52.

<sup>268</sup> PIZARRO, Ana. Áreas culturales en la modernidad tardía. *Via Atlántica*, 2003, p. 170.



de caráter desenvolvimentista<sup>269</sup>. Este futuro promissor, em vias de se realizar, deveria, contudo, diluir todos os entraves do passado decorrentes dos processos de colonização, opressão, submissão, violência, escravização, espoliação etc. Em outros termos, era necessário “cessar o passado”, destruir os entraves ao progresso e desfazer as amarras que prendiam o continente à situação de subdesenvolvimento. Entre alguns intelectuais do continente, portanto, era comum a crença na ideia de que a América Latina finalmente alcançaria o futuro, uma espécie de ponto de chegada, finalidade, *télos*. De imediato, isto levou à ampliação do horizonte de expectativas<sup>270</sup>, pluralizando a produção de projetos e propostas políticas, culturais, econômicas e sociais para além de toda a experiência histórica anteriormente dada e calcificada no cenário latino-americano.

Neste contexto, entre 1960 e início da década de 1980, Antonio Candido também procura responder às indagações e questões colocadas à época. Como vimos anteriormente, a utilização da forma ensaio era, desde já, uma opção estético-política que prezava, de um lado, pela seleção de um tipo de texto mais poroso à realidade, mais aberto aos dilemas que atravessavam a vida intelectual da época; de outro, funcionava como maneira específica de interlocução no espaço para além da nação, fazendo circular ideias, conceitos e teorias ao largo do continente. No geral, o crítico se preocupou, de fato, com a problemática da formação cultural da América Latina, abordada a partir da literatura produzida nos séculos XIX e XX. Mas não somente isso: estes escritos, salvo engano, possibilitam uma leitura singular da modernidade periférica latino-americana, que passava por um momento de afirmação, que logo virou declínio<sup>271</sup>.

<sup>269</sup> “Ideologia de promoção do processo de desenvolvimento econômico por meio de uma combinação entre Estado e mercado”, que até os anos 1980 defendia um “projeto de industrialização integral como via de superação do subdesenvolvimento”. BIELSCHOWSKY, Ricardo. O Desenvolvimentismo: do pós-guerra até meados dos anos 1960. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo et al. *O desenvolvimento econômico brasileiro e a Caixa: palestras*. Rio de Janeiro: Caixa Econômica Federal, 2011, p. 15.

<sup>270</sup> KOSELLECK, Reinhart. ‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativas’: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

<sup>271</sup> Importante dizer que partimos, aqui, da leitura de Ana Pizarro, segundo a qual os anos 1960 representam tanto o apogeu quanto o próprio declínio da “modernidade tardia” latino-americana, que teve seus projetos, objetivos e articulações dilacerados pelos golpes civil-militares que se alastraram pelo continente. PIZARRO, Ana. *Áreas culturales en la modernidad tardía*, p. 174.

No espaço europeu, grosso modo, a modernidade, segundo leitura de Reinhart Koselleck<sup>272</sup>, emerge no século XVIII como uma forma específica de os homens conceberem e experimentarem o tempo histórico. Em outros termos, trata-se de um processo gestado a partir de um conjunto de transformações que levam a um distanciamento entre as expectativas que os homens tinham e o espaço de experiência do qual partiam suas projeções sobre o futuro. Em alguma medida, esta ruptura é fruto de uma série de movimentos revolucionários, da entrada de novos atores sociais na arena política e das transformações na ordem da produção econômica, que levam a uma ampla rearticulação da tessitura temporal. Modifica-se, portanto, a forma de relacionamento entre o passado, as experiências concretas do já vivido; o presente, o agora; e o futuro, o devir, imaginado, projetado ou buscado.

minha tese afirma que na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então<sup>273</sup>.

Entretanto, a experiência moderna na América Latina parece guardar algumas especificidades importantes de serem discutidas à luz tanto da leitura de Candido quanto de outros intelectuais do continente. Na interpretação do crítico sobre a formação cultural latino-americana, é possível identificar uma constatação importante: esta modernidade, ao menos do ponto de vista da produção estética, é uma constante busca por “equilibrar os antagonismos”, em especial no que diz respeito à relação entre a importação de modelos literários europeus e a fabricação de uma expressão continental a partir de temas próprios da “localidade”. O grande dilema a ser superado, portanto, não era somente o atraso material, econômico e político, mas sobretudo a leitura comum de que posturas nacionais e cosmopolitas eram irreconciliáveis, antitéticas e, em alguma medida, assimétricas. Em outros termos, era necessário adotar uma postura “madura” e dialética.

Para Candido, a modernidade latino-americana dos séculos XIX e XX consolidou uma tentativa de diluição desta tópica comum da história intelectual latino-americana: a ambivalência como motor da formação mental e social periférica. Nos ensaios de Candido, é possível enxergar um movimento de

<sup>272</sup> KOSELLECK, Reinhart. *‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativas’: duas categorias históricas*

<sup>273</sup> Ibid., p. 313.

superação desta perspectiva: em *Literatura de dois gumes*, o argumento é que as relações estabelecidas entre os colonizados e suas respectivas matrizes metropolitanas se deram não de forma mecânica, mas sim a partir de um processo dinâmico e dialógico. Recusa-se exatamente a tese comum da simples imposição do dominador sobre o dominado, que leva à constatação cristalizante destas culturas pós-coloniais como uma cópia do espírito europeu. O que ele procura sobressaltar, abrindo caminho para os outros escritos que aqui abordamos, é que a recepção dos modelos europeus, no processo de colonização da América Latina, abriu uma senda que foi ocupada depois por um conjunto de expressões estéticas que buscaram a autonomização da literatura periférica. Em outros termos, a tentativa ocidental-europeia de moldar a literatura latino-americana possibilitou, ao mesmo tempo, um impulso de autonomia e emancipação estético-formal desta mesma produção cultural ao largo de todo o continente.

Essa hipótese é aprofundada em *Literatura e subdesenvolvimento*, texto em que o crítico constata a coexistência de duas consciências históricas na América Latina: uma mais “amena do atraso”, que surge especialmente no contexto pós-independência, em especial nas expressões românticas, pautada sobretudo no otimismo com relação à modernidade latino-americana, à construção das nacionalidades e à formação de uma cultura autônoma no que tange à “matriz europeia”. Aos poucos, esta consciência deu lugar, no final do novecentos e início do século XX, a uma percepção “dilacerada do atraso”, que colocava em suspenso a crença absoluta no futuro como emancipação política e econômica, lançando luz à condição de dependência cultural que atravessava o continente. Para Candido, é exatamente no período pós anos 1950 que os escritores, imbuídos da “agonia do subdesenvolvimento”, parecem ter abandonado a fantasia das originalidades nacionais absolutas, buscando um ponto de intersecção entre as condições local e cosmopolita, entre os afluxos externos e a ebulição continental.

Os reflexos disso podem ser vistos no Brasil, conforme mostra o ensaio *O papel do Brasil na nova narrativa*, esforço intelectual de aproximação entre nação e continente, entre a brasilidade e a “hispanidade”. Neste texto, a “nova narrativa” é exatamente uma expressão literária e estética que realiza este movimento de “equilíbrio de antagonismos”: se distancia do realismo meramente descritivo, ligado aos naturalismos do século XIX, que deu o tom, também, em algumas produções nacionais ao longo do século XX, ao mesmo tempo em que não cede ao

desejo da estetização completa da arte, um movimento que levaria a um afastamento completo das matérias locais, das temáticas recorrentes da vida nacional, que funcionam como enclaves na consciência do escritor. Salvo engano, este tipo de abordagem do fenômeno literário vai ressoar fortemente na forma como Candido vai organizar também uma abordagem sobre a possibilidade de uma teoria da literatura da América Latina, reflexão apresentada em *Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)*. Nesta apresentação, procura defender a ideia de que é possível abordar estes fenômenos literários a partir de uma nova percepção teórica, que reflita o movimento da própria história literária da América Latina, embalado sempre por disputas, trocas, conexões, imposições, cópias, ressignificações etc.

No contexto em que Candido escreve, era preciso dar respostas à difícil relação entre identidade, modernidade e temporalidade. Em outros termos, segundo Leopoldo Zea, nesta época a cultura intelectual do continente orbitava ainda em torno das discussões sobre a consciência do “ser latino-americano” lançado ao mundo em meio à tripla dimensão temporal que forma a história: passado, presente e futuro.

La respuesta a estas preguntas ha dado origen a la conciencia de la existencia de dos actitudes que en América tienen su fuente en una bifurcación de la cultura europea u occidental (sajona). Las dos Américas, la ibera y la occidental, tienen su origen en la cultura europea; pero en una etapa de la misma en que estaba en discusión la permanencia o abandono del pasado. La ascensión del futuro en un presente que era, a su vez, prolongación de un pasado siempre vivo; o la plena eliminación del pasado en un presente que aspiraba a ser distinto. Los partidarios de una y de otra actitud trataban de dirimir el problema, no sólo disputando sobre el porvenir de la cultura europea, sino tratando, también, de llevar sus respectivas soluciones a un mundo virgen de historia, a la América. América, continente fuera de la historia —de la única historia que estaba dispuesto a reconocer el europeo—, no poseía otra dimensión que la del futuro, la, del futuro de ese hombre que la había descubierto y conquistado, incorporándola así a su historia. Unos, los partidarios de la prolongación del pasado, tratarán de hacer de ese futuro que era América una ampliación del mundo que se empeñaban en conservar. Los otros, los partidarios de un futuro sin ligar con el pasado, tratarán a su vez de hacer de América una utopía permanente, un mundo en el que el progreso alcanzado no fuese siempre sino un punto de partida hacia el futuro por alcanzar<sup>274</sup>.

Nas palavras de Zea, a história da América Ibérica (que ele usa no sentido de “latina) independente, em especial no contexto imediatamente posterior à explosão dos ensaísmos do século XX, firmaram uma posição de que era necessário superar

<sup>274</sup> ZEA, Leopoldo. Dialéctica del pensamiento latinoamericano. In: *El Pensamiento Latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1976, p. 05.

o passado, visto como um fardo. Era preciso, portanto, enfrentá-lo e considerá-lo entrave, causa da impossibilidade de se alcançar um futuro imaginado e desejado. Até determinado momento de nossa história,

Para el ibero el pasado no era una experiencia, un apoyo, aquello que se había sido para poder ser distinto, sino el obstáculo, lo que impedía ser de otra manera. Por eso el ibero parece llevar en su epidermis todo el pasado; un pasado que no forma parte de su ser como unidad de pasado-presente-futuro, sino como lo que corta e imposibilita la relación con el futuro. El presente se le hace patente como pugna entre dos relaciones antagónicas entre el pasado y el futuro. El presente es un punto de partida sin principio y sin meta. Porque el principio, la realidad de la cual se parte, es lo que no se quiere ser, una nada por voluntad, y el futuro es lo que aún no se es, una nada de hecho. El pasado representa lo que no se quiere y el futuro lo que no se puede por obra de eso que no se quiere.<sup>275</sup>

Uma postura, em determinado presente, que se quer livre do passado para, então, se projetar a um futuro imaginado e desejado. Em outros termos, A América Latina como um espaço de abertura à pluralidade de horizontes de expectativas, com uma ampla diversidade de projetos sociais, culturais e econômicos, tentando se desvencilhar cada vez mais das experiências que conformam a historicidade do continente, consideradas entreves para a chegada à modernidade desejada. Segundo Zea, esta percepção caracterizou parte considerável do pensamento e da própria vida coletiva produzidos na América Latina na virada dos séculos XIX e XX, mas especialmente no contexto pós anos 1930. Em termos objetivos, constitui-se uma série de dicotomias importantes, que no caso da experiência temporal desta modernidade opunham, em especial, passado e futuro.

Nos ensaios que aqui apresentamos, Candido parte de uma perspectiva que parece identificar, após os anos 1950, uma importante dissolução desta consciência no âmbito da produção cultural. No conceito de super-regionalismo, pressupõe-se um novo momento da história latino-americana em que estas dicotomias foram enxergadas por outra perspectiva. Para ele, neste período há um movimento amplo de afirmação de uma potência literária dialética, que ao menos desde o século XIX mostrava-se como a mais fiel expressão do espírito moderno na América Latina. Seu apogeu nos anos 1950 representou um “equilíbrio de antagonismos”: a conciliação entre passado e presente, entre nacional e cosmopolita, entre local e universal, entre realismo e fabulação. O que o crítico considera o momento de “maturidade literária” do continente, portanto, tem a ver com uma postura cultural

---

<sup>275</sup> Ibid., p. 07.

que procura não renunciar plenamente à experiência histórica colocada no continente, em especial enquanto temática, algo que constitui a base da historicidade própria do ser latino-americano.

É uma percepção próxima a que posteriormente vai construir Octavio Paz, segundo a qual a modernidade poética latino-americana não seria representada por uma “escola literária” ou um grupo específico de produtores literários, mas especificamente por uma tradição talvez diversa e dispersa que adotou como postura a não vinculação à ânsia por um futuro inteiramente novo e desconectado do passado. Antes, esta “linhagem” literária estabeleceu uma visão de mundo que parte, antes de tudo, de uma “descida às origens”, conduzindo a produção cultural, ao longo do percurso criativo, à própria “antiguidade” da história do continente. Segundo ele, “A modernidade me conduziu ao meu começo, à minha antiguidade. A ruptura se tornou conciliação. Soube, assim, que o poeta é uma pulsação no rio das gerações<sup>276</sup>”. É exatamente este o movimento realizado pela produção super-regionalista: entender a potência criativa contida na localidade, na especificidade periférica, sem cair na “subtração da nacionalidade”.

Ao mesmo tempo, essa “potência literária dialética”, o super-regionalismo, adota também uma postura de abertura às produções ditas “universais”, das quais transcultura, sobretudo no plano da forma, uma pluralidade de jogos de linguagem. Esta disposição à recepção da produção externa permite, segundo Candido, uma explosão ficcional e fabuladora, que faz emergir uma série de potências estéticas enjauladas em modelos literários empenhados, do ponto de vista político-social, na construção das nacionalidades, marcas indelévels que podem ser encontradas em diversos escritores latino-americanos em especial no século XIX. Isso poderia ser verificado, de forma mais acabada, no caso de Guimarães Rosa, por exemplo, em que a produção super-regionalista leva à “universalidade da região”, isto é, à mistura extremamente complexa entre o cenário local do campo brasileiro e a recorrência do “nativismo”, com os dilemas próprios de sua formação, e as exposições de sentimentos considerados “universais”, entrelaçados por uma narrativa que dá vazão a um conjunto de instrumentos verbais a partir de diferentes inovações técnicas no plano da linguagem.

---

<sup>276</sup> PAZ, Octavio. A busca do presente. In: *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 83.

Nas palavras de Jorge Larraín<sup>277</sup>, na segunda metade do século XX constata-se que a modernidade periférica latino-americana não se daria a partir de um choque entre o progresso universal e o entrave da “história local”. Antes de tudo, este processo deveria recusar plenamente a supressão das tradições e do passado para se chegar a um futuro emancipador, que resolveria os problemas postos na América Latina. Ao que parece, é nesse sentido que caminha o ensaísmo de Candido, que identifica a modernidade, no plano cultural, como um processo dialético de maturação e, em alguma medida, transformação das posições antes pautadas em paradoxos. Do ponto de vista da literatura, para ele, tem-se um movimento de apropriação, transfiguração e transculturação das tendências, formas e matérias literárias internas e externas, conformando uma produção super-regionalista que transforma as ambivalências (passado/presente, local/universal, nacional/cosmopolita) em potência estética.

Até *Formação da literatura brasileira*, era possível verificar que a perspectiva que orientava Antonio Candido era a da dualidade da condição periférica nacional. Se a questão se resumisse a isto, poderia ser cômodo acenar positivamente ao argumento de Maria Sylvia de Carvalho Franco acerca da “restauração da velha explicação dualista do Brasil<sup>278</sup>”. Mas é preciso dizer que, salvo engano, os textos latino-americanistas de Candido que aqui apresentamos, além de continuarem esta tendência crítica, procuram dar um passo além. Ao que parece, os anos 1960 colocaram-no diante da necessidade de extrapolar as fronteiras nacionais, lançando um olhar para todo o espaço da América Latina. Se concordamos com Paulo Arantes que, “sem muito exagero pode-se dizer que em Antonio Candido há dialética por todos os lados<sup>279</sup>”, então foi a partir deste artifício intelectual que o crítico percebeu a correlação entre uma nova experiência histórica moderna e a formação de uma nova consciência histórica “madura”, que informava e formava a visão de mundo do escritor periférico.

Mais do que identificar um sintoma entreposto nos campos social e estético, os ensaios latino-americanistas de Candido realizam um genuíno movimento da

<sup>277</sup> LARRAÍN, Jorge. La trayectoria latinoamericana a la modernidad. *Estudios Políticos*, nº 66, Santiago de Chile, 1997.

<sup>278</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As ideias estão no lugar. *Cadernos de Debate*, nº 1, São Paulo, Brasiliense, 1976.

<sup>279</sup> ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 14.

tradição crítica da história literária: ultrapassa o “senso das coalescências” e opera com a síntese histórica<sup>280</sup>. Esta percepção teórico-sociológica, já esboçada no também soterrado *A passagem do dois ao três. (Contribuição para o estudo das mediações na análise literária)*<sup>281</sup>, indica um esforço de mitigar o próprio estruturalismo dualista que informou parte de sua obra anterior.

Do ponto de vista da história intelectual, o período entre as décadas de 1960 e 1980 consolida um conjunto de debates continentais ligados às temáticas da modernização e da cultura. Por isso, o crítico brasileiro procura dar respostas às problemáticas colocadas. Se antes enxergava as expressões estéticas da literatura como elementos pautados em oposições indissolúveis, agora passa a identificar na síntese o culminar de um movimento de passagem da história do continente, que se consolida na segunda metade do século XX. É este o ensaísmo latino-americanista de Candido. Se resgatados da condição de soterrados, estes textos podem lançar luz à problemática maior da formação da historicidade periférica da América Latina.

---

<sup>280</sup> WAIZBORT, Leopoldo. Senso das coalescências e sentimento de realidade. In: *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 138.

<sup>281</sup> CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. *Revista de História (USP)*, v. 50, nº 100, 1974.



## 5

**Referências bibliográficas:****Obras de Candido:**

CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*. Edición, prólogo y notas de Pablo Rocca. Montevideu: Estuario Editora, 2016.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

\_\_\_\_\_. A experiência hispano-americana de Antonio Candido. Entrevista a Pablo Rocca. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 12, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/25197>. Acessado em 25/10/2017.

\_\_\_\_\_. A nova narrativa. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. *Revista de História (USP)*, v. 50, nº 100, 1974.

\_\_\_\_\_. Ángel Rama. *Folha de São Paulo*, 5 de janeiro de 1983.

\_\_\_\_\_. Dialética apaixonada: Otto Maria Carpeaux. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Discurso em Havana. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Discurso en e lacto de constitución del jurado. Trad. Julia Calzadilla. *Casa de las Américas*, ano XXI, nº 126, Havana: maio-junho de 1981, pp. 5-7.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Jorge Coli [1984]. Tradução de Maria Angélica Berghini Morales. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.10, n.32, jun.-set.2018.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. 2 volumes. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1959.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 2 volumes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

\_\_\_\_\_. Le roman latino-américain et les novateurs brésiliens. In: DIMIC, Milan V.; FERRATÉ, Juan e KUSHNER, Eva (orgs.). *Actes du VIIème Congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*. Montreal/Otawa: 1973.

\_\_\_\_\_. Literatura de dois gumes. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. Literatura e consciência nacional. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, 1969.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesarrollo. In: MORENO, Fernández César. *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI, 1972.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. *Revista Argumento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 1, p. 6-24, 1973.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

\_\_\_\_\_. Literature and the rise of brasilian self-identity. *Luso-Brazilian Review*, v1. Winsconsin: EUA, 1968.

\_\_\_\_\_. Mário e concurso. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 244.

\_\_\_\_\_. Nature, éléments et trajectoire de la culture brésilienne. In: *Terzo Mondo e Comunità Mondiale. Testi delle relazioni presentare e lettere ai congressi de Genova, 1965*. Milão: Marzorati, 1967.

\_\_\_\_\_. O direito à Literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995

\_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

\_\_\_\_\_. O olhar crítico de Ángel Rama. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. O Portador. *Diário de São Paulo*, 1946.

\_\_\_\_\_. O Portador. In: *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo, Ed. UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes da Brasil*. 26ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Os brasileiros e a literatura latino-americana. *Novos Estudos CEBRAP*, vol. I, nº 1. São Paulo: 1981,

\_\_\_\_\_. Os brasileiros e a nossa América. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Perversão da Aufklärung. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. Ser jagunço em Guimarães Rosa. *Revista Iberoamericana de Literatura*. Montevideo, 2ª época, Nº 2: pp. 61-71.

\_\_\_\_\_. Sous-développement et littérature en Amérique Latine. Trad. Claude Fell. *Cahiers d'Histoire Mondiale*, vol. XII, nº 4. Neuchâtel, Suíça: Unesco, 1970, pp. 617-639.

\_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

### Outras referências:

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. O amigo. In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AGUILAR, Gonzalo. Ángel Rama y Antonio Candido: salidas del modernismo. In: ANTELO, Raúl (org.). *Antonio Candido y los estudios latino americanos*. Pittsburgh: Serie Críticas, 2001.

ALCIDES, Sérgio. O Brasil no meio do caminho. *Revista Quatro cinco um*, 2017. <http://revista451.com.br/conteudos/visualizar/O-Brasil-no-meio-do-caminho8>, acessado em 13/07/2017.

ALTAMIRANO, Carlos & MYERS, Jorge. *História de los intelectuales em América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires: Katz ed., 2008.

ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 1, junho/2007.

ANTELO, Raúl (org.). *Antonio Candido y los estudios latino-americanos*. Pittsburgh-PA, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidade de Pittsburgh, 2001.

ARANTES, Paulo & ARANTES, Otilia. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ARANTES, Paulo. Estado de sítio. In: *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARAÚJO, Valdei Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*, Mariana, v. 12, p. 34-44, 2013.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959, v. 3.

\_\_\_\_\_. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. In: *Obras completas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. v. 3, pp. 801- 809.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas*, vol. 1, p. 222-232. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. *Revista Serrote*, nº 16, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2014.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. O Desenvolvimentismo: do pós-guerra até meados dos anos 1960. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo et al. *O desenvolvimento econômico brasileiro e a Caixa: palestras*. Rio de Janeiro: Caixa Econômica Federal, 2011.

BORGES, Jorge Luis. O jardim de veredas que se bifurcam. In: i. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARPEAUX, Otto Maria. América Latina e Europa. *Suplemento Literário (SP)*, ano quatro, nº 185, 11 de junho de 1960.

CASANOVA, Pascale. *República mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flavio Wolf. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

COTA, Débora. Antonio Candido, Antonio Cornejo Polar e a constituição de um pensamento latino-americanista. *Remate de Males*, Campinas-SP, 2016.

DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

DEMENECH, Pedro. Coleção e identidade na crítica de Ángel Rama nos anos setenta. *História da Historiografia*, p. 87-101, 2016.

D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

DONGHI, Tulio Halperin. *História contemporânea de América latina*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

DUARTE, Pedro. Ensaio de linguagem ou linguagem de ensaio. *Viso. Cadernos de Estética Aplicada*, v. 1, p. 52-67, 2007.

\_\_\_\_\_. O ensaio como narrativa. *Viso: Cadernos de Estética Aplicada*, v. 17, p. 188-199, 2016.

EWBANK, Alice de Oliveira. *No fio da comparação: estudo do movimento crítico de Antonio Candido*. Dissertação (mestrado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2014.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder. Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, 1958.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. América, Descubrimientos, Diálogos. *Actual (Mérida)*. Venezuela, 1992.

FORNET, Jorge. Encuentros en la gran mediadora: Candido y Cuba. *Revista Chilena de Literatura*, nº 97, pp. 319-324, 2018.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As ideias estão no lugar. *Cadernos de Debate*, nº 1, São Paulo, Brasiliense, 1976.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. Por uma historiografia literária sentimental: formação e modernidade em Antonio Candido. *História da Historiografia*, Mariana, v. 1, p. 162-177, 2017.

GARRAMUÑO, Florencia & AMANTE, Adriana. Partir de Candido. In: ANTELO, Raúl (org.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Serie Críticas, 2001.

GARRELS, Elizabeth. *The rise of the new Latin American narrative, 1950-1975: a rapporteur's report*, 1973.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GRANADOS, Aimer. *Las revistas en la historia intelectual de América Latina: redes, intelectuales, política, sociedad*. México: UAM-Cuajimalpa, 2012.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e Natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *Manguinhos - História, Ciências, Saúde*, v. II, p. 391-413, 2000;

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2014.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*. Buenos Aires. La Plata Estudiantina, 1925.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sergio Buarque. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. São Paulo, FFCL/USP, 1958.

JACKSON, Luiz Carlos e BLANCO, Alejandro. Três críticos latino-americanos. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, nº 47, 2018.

\_\_\_\_\_. *A tradição esquecida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1940-1965). *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 19, p. 115-130, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. ‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativas’: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

LA CAPRA, Dominick. Repensar la história intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elias José. *Giro Linguístico e história intelectual*. Buenos Aires: Universidad de Quilmes. 1998.

LARRAÍN, Jorge. *La trayectoria latinoamericana a la modernidad*. Estudios Políticos, nº 66, Santiago de Chile, 1997.

LEVIN, Orna Messer; BOAVENTURA, Maria Eugenia; PRADO; Antonio Armoni. Antonio Candido: *Remate de Males*. Campinas: UNICAMP, 1999.

MAGRI, Ieda. O Brasil na América Latina: diante de uma ideia de literatura mundial. *Estudos literários brasileiros contemporâneos*. Brasília, nº 56, 2019.

MAÍZ, Claudio. Entrevista con Ana Pizarro: las redes de la crítica literaria y la gestación del proyecto de una historia de la literatura latinoamericana. *CILHA*, Mendoza, Argentina, ano 14, n. 17, 2013, p. 10.

\_\_\_\_\_. Tramas culturais. De las determinaciones sociales a la red intelectual. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 20, n. 37, jul. 2013.

MANNHEIN, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1976.

MARTÍNEZ, Augustín. Radicalismo e latino-americanismo. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 6 (24), 1845.

MELLO, Mario Vieira de. *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. 3. ed. - Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento e cultura: o problema do estetismo no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1963.

MIGNOLO, Walter. Discurso ensayístico y tipología textual. In: LÉVY, Isaac y LOVELUCK, Juan (eds.). *El ensayo hispánico*. Columbia: University of South Carolina, 1984.

MORAES, Anita Rodrigues de. Da natureza à cultura: literatura e folclore no pensamento de Antonio Candido. In: *BRASA CONFERENCE*, 11, Champaign-Urbana, 2012.

\_\_\_\_\_. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MORAÑA, Mabel. *Ángel Rama y los estudios latino-americanos*. Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997.

MORENO, Fernández César. *América Latina en su literatura*. México: Siglo XXI, 1972.

MUHANA, Adma Fadul. O gênero epistolar: diálogo per absentiam. *Discurso*. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 31, p. 329-345, 2000

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de. *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 23-55.

NICODEMO, Thiago Lima. Para além de um prefácio: ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História (Online)*, v. 36, p. 159-180, 2016.

NICOLAZZI, Fernando. História da historiografia e temporalidades: notas sobre tradição e inovação na história intelectual. *Almanack*, São Paulo, v. 1, p. 27-32, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração Intempestiva: Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

PALTI, Elías José. *Giro lingüístico e historia intelectual*: Stanley Fish, Dominick LaCapra, Paul Rabinow y Richard Rorty. Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

\_\_\_\_\_. La nueva historia intelectual y la “anomalía” latino-americana. In: *Las ideas fuera de lugar?: estudios y debates em torno a la história política-intelectual latino-americana*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2014, p. 09-16.

PARDO, Hugo Herrera. Antonio Candido y Ángel Rama, 1958. Addenda para una amistad intelectual. *Revista Chilena de Literatura*, abril 2018, número 97, pp. 63-86.

PAZ, Octavio. A busca do presente. In: *A busca do presente e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

PEDROSA, Célia. Antonio Candido: A Palavra Empenhada. São Paulo: Edusp; Niterói: Eduff, 1994.

\_\_\_\_\_. Introdução crítica a Literatura e subdesenvolvimento, de Antonio Candido. In: BERND, Zilá. (Org.). *Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano*. Porto Alegre: <http://www.ufrgs.br/cdrom>, 2001, p.5. Acessado em 18/01/2018.

PIZARRO, Ana (coord.). *La literatura latinoamericana como processo*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

\_\_\_\_\_. Áreas culturales en la modernidad tardía. *Via Atlântica* 6, out. 2003.

PONTES, Heloisa. A paixão pelas formas. *Novos estudos – CEBRAP*, nº 74, 2006.

RAMA, Ángel. A cidade das letras. *São Paulo: Boitempo*, 2015.

\_\_\_\_\_. Coloquio de Genova: dos tareas que valen um viaje. *Marcha*, Montevideo, nº 1245, 26 de febrero de 1965: 28-29.

\_\_\_\_\_. *Diario (1974-1983)*. Montevideo: Trilce, 2001.

\_\_\_\_\_. *Transculturación narrativa em América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1982.



\_\_\_\_\_. Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. *Revista Argumento*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, n. 3, p. 36-49, 1974.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins. A sociologia clandestina de Antonio Candido. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v. 01, p. 219-237, 2008.

\_\_\_\_\_. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica acadêmica (1961- 1978)*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2006, p. 07.

\_\_\_\_\_. Antonio Candido em Assis e depois. *Revista IEB*, nº 50, 2010.

RAMOS, Jorge Abelardo. *História da nação latino-americana*. Florianópolis: Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. Treinta años de la Casa de las Américas. *Estudios Avanzados*, vol. 3, nº 5, São Paulo: Jan./Abril de 1989.

ROCCA, Pablo. Ángel Rama y Antonio Candido: un diálogo crítico. *La Jornada Semanal*, nº 352, México, 2001.

\_\_\_\_\_. *Angel Rama, Emir Rodriguez Monegal y el Brasil: dos caras de un Proyecto Latinoamericano*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. Notas sobre el diálogo intelectual Rama/Candido. In: *Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos*. ANTELO Raul (org.). Pittsburgh, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.

\_\_\_\_\_. Por que, para que uma Revista (sobre sua natureza e sua função no campo cultural latino-americano). Trad. Doralicia Furtado da Rosa e George Luiz França. *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 7, n. 10, 2007.

\_\_\_\_\_. Prólogo. In: CANDIDO, Antonio y RAMA, Ángel. *Um proyecto latino-americano: Antonio Candido & Ángel Rama, correspondência*. Edición, prólogo y notas de Pablo Rocca. Montevideu: Estuario Editora, 2016.

RODRIGUES, Joana e AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2013.

ROJO, Grínor. Ángel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, p. 7-33, 2007

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 52ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1953 [1888].

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2010.

SANCHES, Dalton. As escritas de (e sobre) Raízes do Brasil: possibilidades e desafios à história da historiografia. *História da Historiografia*, n.9, 2012.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Complexo de Ze Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 29, n.10, p. 17-30, 1995.

\_\_\_\_\_. Usos e Abusos da Mestiçagem e da Raça no Brasil. *AFRO-ASIA*, Bahia, v. 18, p. 31-45, 1997

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. Os sete fôlegos de um livro. In: AGUIAR, Flavio (Ed.). *Antonio Candido: Pensamento e militância*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 82-95.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORO, Eduardo Mejía. *Ángel Rama e Antonio Candido: de um sistema literário para o Brasil à construção de uma literatura para a América Latina*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014

\_\_\_\_\_. Ángel Rama y Antonio Candido: la integración del Brasil en el sistema literario latinoamericano. *Literatura: teoría, historia, crítica*, v. 16, p. 165-192, 2014.

\_\_\_\_\_. Trilhos que se bifurcam: Formação e inserção entre Antonio Candido e Angel Rama. *Remate de Males*, Campinas, v. 36, 2016.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, Miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Tempo (London)*, Niterói, v. 8, p. 7-22, 1999.

VALDÉS, Eduardo Devés. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2004.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Sem Argumento: um projeto intelectual quase esquecido (Revista Argumento, Brasil, 1973). *História* (São Paulo. Online), v. 35, p. 1-21, 2016.

WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WEBER, Alfred. *História Sociológica da Cultura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

WEINBERG, Liliana. El ensayo como espacio de amistad intelectual. *Temas de Nuestra América. Revista de Estudios Latinoamericanos*, 2012.

\_\_\_\_\_. El ensayo latinoamericano entre la forma de la moral y la moral de la forma Cuadernos del *CILHA*, vol. 8, nº 9, 2007.

\_\_\_\_\_. El ensayo y la interpretación de América. In: ARMIJO, Mercedes de Vega (coord.). *La búsqueda perpetua: lo propio y lo universal de la cultura latinoamericana. La literatura hispanoamericana* (vol.3). México, Dirección general del acervo histórico diplomático, Secretaría de relaciones exteriores, 2011.

\_\_\_\_\_. *El ensayo, entre el paraíso y el infierno*. México: FCE, 2001.

\_\_\_\_\_. El lugar del ensayo. *CELEHIS – Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas*. Mar del Plata, año 21, nº 24, pp. 13-36, 2012.

\_\_\_\_\_. Ensayo y transculturación. *Cuadernos Americanos*, nº 96, pp. 31-47, 2002.

\_\_\_\_\_. O ensaio em diálogo. Da terra firme ao arquipélago relacional. *Remate de Males*, Campinas-SP, v. 37, n. 2, pp. 523-546, 2017.

\_\_\_\_\_. *Situación del ensayo*. Ciudad Universitaria: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2006.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 13-29, jan./jun., 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZEA, Leopoldo. Dialéctica del pensamiento latinoamericano. In: *El Pensamiento Latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1976.